# Os Lusíadas
# Fédon

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 5**

Os Lusíadas

Fédon

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesvendável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

**José Antonio Fares,**

Superintendente Sesi Paraná.

# O legado de um intelectual extraordinário

Uma obra singular

A Volvo entende que a formação de suas lideranças passa por algo mais amplo do que o conhecimento de negócios, relacional ou cognitivo. Passa também pela formação cultural de alto nível e ampla. Foi assim que, por mais de cinco anos, os líderes Volvo tiveram o privilégio de apreender, refletir, re-pensar temas profundos com o Mestre José Monir Nasser, um intelectual ímpar do cenário paranaense que tinha o dom de transformar aulas de literatura em experiências únicas num expedição cultural sem precedentes.

Foram dezenas de obras estudadas. Obras clássicas da literatura mundial. Dramas, comédias, textos filosóficos e teatrais, que permitiram aos participantes uma visão refinada e diferenciada da evolução do pensamento humano, cada vez mais relevante para enfrentarmos os dilemas modernos.

Ao patrocinar o livro do Mestre José Monir Nasser, o Grupo Volvo no Brasil faz uma homenagem à dedicação ímpar que ele sempre teve em compartilhar seu conhecimento ao longo dos anos, sua escolha por ser representante da "Primeira Casta". Traduzir, comentar, resumir e revelar as chaves que permitem entender a essência das grandes obras ajudou a construir histórias, memórias e referências. Na Volvo, os encontros literários  eram convites abertos, voluntários, para participar de uma programação cultural elevada. Mais de 30 líderes fizeram desses momentos uma vivência cujo valor é incalculável. Valor do saber, do conhecimento e da troca de experiências.

Além da saudade do "Mestre", fica aqui o legado de sua obra. É uma forma de continuar embebecido pelo belo, pelo profundo, pelo eterno, que nos faz entender o quanto a formação cultural pode fazer diferença na vida pessoal e profissional de um verdadeiro líder.

O primor desta edição nos dá a oportunidade de resgatar esses saberes e momentos. É um privilégio para quem o conheceu de perto. E uma oportunidade valiosa para aqueles que agora serão apresentados à sua obra.

Programa de **Desenvolvimento de Lideranças Volvo**

# Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', liderava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Tríade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

**Carlos Jaime Loch**, Consultor de Gestão Empresarial.

# Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavaí, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

**Paulo Briguet**, jornalista e escritor.

# Os Lusíadas

*Palestra do professor José Monir Nasser em 25 de outubro de 2008 em Curitiba. Excertos selecionados pelo prof. Monir de Os Lusíadas, Círculo do Livro, s.d., São Paulo.*

# Os Lusíadas

PROF. MONIR: Camões é o autor mais importante da língua portuguesa, e é quase o maior poeta épico que já existiu no mundo. De todos os épicos, é o último.  Depois dele, nunca mais houve poesia épica propriamente dita.

Luís de Camões é uma dessas personagens imensas, enormes, e que sofrem de um mal muito triste, que é o fato de que todo o mundo fala de Luís de Camões – está incorporado ao vocabulário público, ao vocabulário geral, um conjunto de expressões camonianas que todo mundo usa, o tempo todo – mas pouca gente o lê. Talvez porque a conjugação da falta de tempo com o estilo de época de Camões, além de alguma dificuldade de vocabulário, tenha impedido.

Houve um tempo em que ensinavam Camões na escola, e ensinavam muito mal. As pessoas pegavam certa antipatia pelo autor, o que é uma desgraça muito grande. Hoje em dia não dá nem tempo para fazer isso, porque não se ensina mais coisa nenhuma. Acha-se agora que Luis Fernando Verissimo

é literato; faz-se apenas leitura de croniquetas de Luis Fernando Verissimo, dessa turma que é muito pobrinha, é quase nada, quase nada.

Luís de Camões foi totalmente esquecido, porque nem mesmo como trabalho de escola ele é ensinado. Isso só aumenta a importância do nosso dia de hoje, nós que vamos aqui compreender o que significa essa peça *Os Lusíadas*. Tenho certeza de que vocês vão sair daqui desesperadamente interessados em lê-lo. Não vão parar até encontrar uma livraria aberta para comprar uma cópia do livro. Tenho certeza absoluta.

O primeiro problema com Camões é que a própria personagem Luís de Camões é pouco conhecida. Há pouquíssima coisa que se possa dizer sobre a vida de Luís de Camões. Há muitas dúvidas, e sobretudo muitos mitos em torno de Camões. Aos poucos, ele se tornou alvo de mitologias.

## Cronologia

O que se sabe é que, antes de ele nascer, no dia 8 de julho de 1497, Vasco da Gama parte para procurar o caminho marítimo das Índias. Esse é o fato histórico de que *Os Lusíadas* tratam.

Logo depois (alguma coisa como vinte e poucos anos depois), nasce Luís de Camões, possivelmente em Santarém (embora não se tenha certeza disso), filho de Simão Vaz de Camões, fidalgo da Galícia – o pai dele era galego, de origem galega, quer dizer, meio português, meio espanhol; não era exatamente português (a Galícia é aquela parte da Espanha que fica ao norte de Portugal, impedindo que Portugal faça uma paralela completa ao

mar), e a mãe, Ana de Sá de Macedo, de Santarém. A família teria mudado para Lisboa e depois para Coimbra, onde vivia o tio de Luís, João Vaz de Camões, "pessoa de qualidade", ou seja, alguém que tinha uma função importante. Luís de Camões teria parentesco remoto com Vasco da Gama.

Entre 1530 e 1537 morre o pai de Camões e o menino passa a viver em Coimbra sob a tutela de um tio, o cônego Bento de Camões, chanceler da Universidade de Coimbra. Calcula-se que Camões tenha obtido sua erudição no Colégio das Artes da Universidade sem tê-la frequentado oficialmente, uma vez que não há registros. Camões nunca esteve na Universidade de Coimbra, ele esteve no Colégio das Artes. É aquela escola que prepara para a universidade, que ensina as artes liberais. Quando se fala em artes, nesse mundo antigo, "artes" são sempre as artes liberais. O livro *O Trivium*, da irmã Miriam Joseph, trata de três das sete artes liberais, que são as três artes da palavra – a retórica, a gramática e a lógica. O livro é uma preciosidade maravilhosa. Miriam Joseph é o nome de uma freira americana, já falecida. Há o trivium e o quadrivium. Quadrivium são as quatro artes ligadas às coisas: às coisas contínuas, aritmética mais música, e às coisas descontínuas, geometria mais astronomia.

Imaginava-se que uma pessoa educada dominava as sete artes liberais. Se você tinha meios para ir em frente, podia depois ir à universidade e estudar para uma das profissões liberais, que eram três: o médico, o advogado canônico e o teólogo. Só esses três recebiam o título de doutor. É por essa razão que até hoje em dia nós chamamos médicos de doutor e não chamamos engenheiro de doutor; essa prática está associada com o processo das artes liberais na Idade Média.

Camões aprendeu isso, porque não é possível que um sujeito com tanta erudição não tenha tido uma formação extremamente boa. No Colégio de Artes, ele aprendeu o que havia de essencial nas sete artes liberais na sua época. Isso é garantido, como dois e dois são quatro.

Em 1543, muda-se para Lisboa (ele já tem aí quase 20 anos) e envolve-se em questões de todo o tipo, porque é um sujeito "inflamadiço em amores", quer dizer, é um sujeito que se apaixona facilmente, arruma briga por causa de namorada. Era um jovem muito estouvado.

Em 1549, ele parte para Ceuta. Ceuta é aquela cidadezinha que fica do outro lado do estreito de Gilbratar, de colonização portuguesa. Hoje em dia Ceuta já não é mais portuguesa, é uma cidade do Marrocos.

Em Ceuta, ele seria desfigurado e cegado do olho direito por um estilhaço. Numa guerra, logo cedo, com 20 e poucos anos, Camões perde a sua aparência. Ele passará o resto da vida sendo retratado com um olho a menos.

Em 1552, na procissão de Corpus Christi, Camões briga e fere um certo Gonçalo Borges, servidor da corte. Camões é preso.

Em 1553, como alternativa para não continuar na prisão, embarca como soldado raso, no dia 24 de março, para as Ilhas, na nau São Bento da Armada, comandada por Fernando Álvares Cabral, certamente parente de Pedro Álvares Cabral; provavelmente filho.

Chega no dia 12 de setembro a Goa, o enclave português na Índia, onde passaria os 16 anos seguintes. A vida de Camões foi uma vida muito ruim,

difícil, sofrida, complicada. Durante esse período, vivendo muito mal na Índia, acredita-se que ele escreve *Os Lusíadas*.

Em 1555, após lutar em diversas batalhas, é nomeado provedor-mor dos defuntos e ausentes em Macau, na China, e deixa a vida militar. Mas é acusado de não fiscalizar seus subalternos. Ele não era de ficar cuidando de nada, era um escritor. Há um roubo muito grande lá e Camões acaba sendo responsabilizado.

Quando viaja para julgamento em Goa, a embarcação afunda no delta do rio Mekong, e Camões teria escapado a nado, carregando na mão o manuscrito de *Os Lusíadas*. Daí aquela famosa cena muito retratada de Camões nadando com uma mão e com a outra mão segurando o manuscrito fora da água. Essa cena fica um pouco menos romântica quando a gente descobre que, neste mesmo naufrágio, morreu Dinamene, uma companheira chinesa que ele tinha em Macau.

Maus juízos podem ser feitos a respeito dele, que em vez de salvar a namorada, salvou a obra. Não temos nenhuma autorização pra concluir que isso aconteceu, mas sempre será uma possibilidade, sem dúvida nenhuma.

ALUNA: *Para nós é mais interessante que ele tenha salvado a obra.*

PROF. MONIR: Que maldade, hein?

ALUNA: *Estou brincando.*

PROF. MONIR: A gente não sabe o que aconteceu. Pode haver certo romantismo em imaginar que isso tenha acontecido conforme descrito.

Em 1557 é preso durante quase seis anos em Goa, na prisão continua a escrever *Os Lusíadas.* Em 1567, conclui a obra. Passa certo tempo em Moçambique, para onde foi com passagens pagas por um amigo. A essa altura Camões está absolutamente pobre, miserável, não tem nem o que comer. Foi visto numa dessas por um português, que o encontrou vivendo de esmolas de amigos.

Ele fica um pouquinho em Moçambique e em 1579 retorna a Lisboa, completamente pobre.

Em 1572, com aparente ajuda de Dom Manuel de Portugal, notório mecenas, *Os Lusíadas* são editados (em duas edições). Isso para vocês não tem importância, mas há um debate interminável entre os camonólogos de por que haver duas edições, qual é a primeira, qual é a segunda... Enfim, não nos interessa aqui. As duas edições foram feitas por Antonio Gonçalves, com inúmeros erros de impressão, e não há notícia de qualquer impacto da obra.

Camões recebe uma irrisória pensão concedida por dom Sebastião, a quem é dedicado o poema. Dom Sebastião era um rei muito inútil; um sujeitinho exibido, bem jovem, muito bonito, que havia recebido o trono. Resolveu armar uma briga com os árabes na batalha de Alcácer-Kibir. E esse rei desaparece nessa batalha. Ele é o rei que está no trono de Portugal quando Camões tenta editar *Os Lusíadas*. Tanto é que ele faz a obra com uma dedicatória ao rei, obviamente imaginando que o rei vai se importar, vai gostar e vai ajudá-lo.

Só que esse rei dom Sebastião desaparece em 1578 na batalha de Alcácer-Kibir e nunca mais é achado. Não é que ele foi morto na batalha, ele não foi mais encontrado. Desse fato histórico nascem várias consequências. A primeira é a criação do tal do sebastianismo, um estado espírito lusitano e brasileiro, que consiste em ficar imaginando que dom Sebastião vai voltar na hora do pior para nos salvar. Esses sujeitos messiânicos – Antonio Conselheiro, aqueles monges lá do Contestado, todas essas personagens históricas – eram sebastianistas. Todos prometiam a seus adeptos que no final, em última análise, eles seriam salvos por dom Sebastião. Antonio Conselheiro fazia isso o tempo todo.

Segunda consequência: essa é a razão pela qual nós não somos argentinos. Como dom Sebastião não tinha herdeiros (ele era jovem, não era casado), dois reis disputam o trono. Mas não deu certo, porque eram parentes muito distantes. Os espanhóis então tomaram conta daquilo. Os Filipes da Espanha unificam os dois impérios até 1640. Nesses 60 anos de unificação, Brasil, Portugal e Espanha foram um país só. O Brasil pertencia a esse *Portugal mais Espanha*. Então os portugueses, espertos como são, resolveram desrespeitar o Tratado de Tordesilhas, que estava em vigência, dizendo: “Agora é um país só, porque nós vamos respeitar o Tratado de Tordesilhas?” Por isso os portugueses conseguiram passar para o lado esquerdo da linha do Tratado. Se não tivessem passado, o Paraná inteiro, exceto Guaraqueçaba, seria território espanhol, portanto provavelmente argentino. Devemos a esse dom Sebastião termos escapado desta sina de sermos argentinos, não?

ALUNA: *Comentário.*

PROF. MONIR: O galego é parecidíssimo com o português. Muito bem. Então, olhem só, em 1578, o rei Sebastião desaparece no dia 4 de agosto, na batalha de Alcácer-Kibir, inaugurando o sebastianismo, e subordinando Portugal a Castela.

Camões diz em carta a dom Francisco de Almeida: "... não me contentei em morrer nela (a pátria), mas de morrer com ela". O final da vida de Camões coincide com o final da vida de Portugal independente, que estará 60 anos subordinado aos castelhanos. E Camões tinha a total percepção dessa decadência de Portugal, representada pela morte do rei.

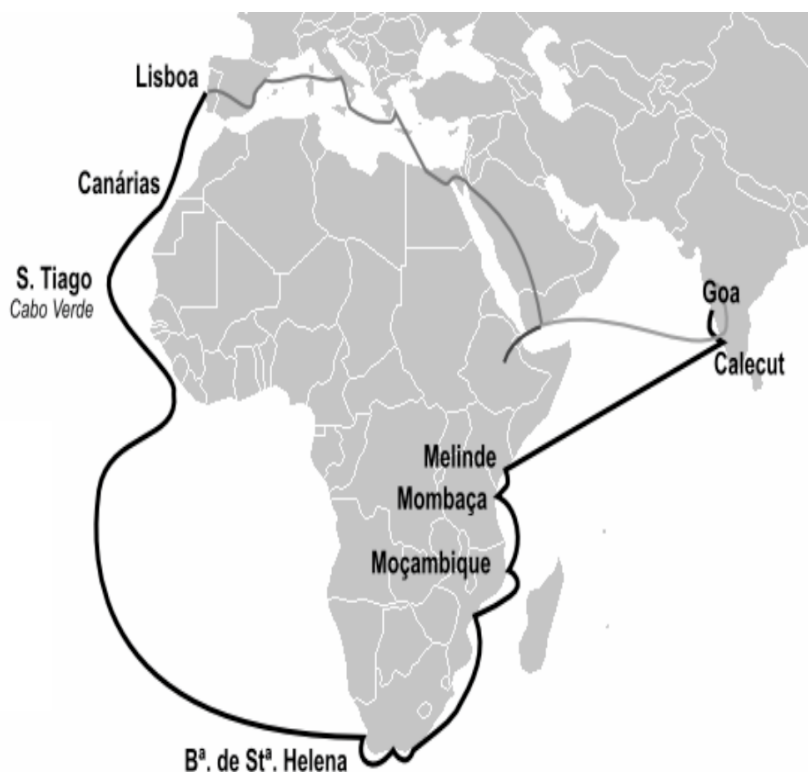
Em 1580, morre de peste, no dia 10 de junho. O seu enterro foi pago por uma instituição de caridade, a Companhia dos Cortesãos. O corpo de Camões é colocado numa vala comum sob a Igreja de Santana. Essa Igreja de Santana depois foi completamente destruída pelo grande terremoto, não sobrou identificação de corpo nenhum. Quando foi construído o Mosteiro dos Jerônimos, e para lá levado o corpo de Camões, na verdade foi levado um conjunto de ossos quaisquer. Não há nenhuma garantia de que aqueles ossos que estão no túmulo de Camões sejam verdadeiramente de Camões. Mas simbolicamente são.

Em 1574 (quatro anos depois da morte do autor), das oficinas de Manuel Lira sai a segunda edição (Edição dos Piscos) de *Os Lusíadas,* muito alterada pela Inquisição. Em 1580, supostos restos mortais de Camões são transferidos para o Mosteiro dos Jerônimos, onde repousam ao lado dos de Vasco da Gama e de dom Sebastião. Desse, então, é que não há resto mortal nenhum. Dom Sebastião, como vimos, ficou completamente desaparecido. Até hoje não se sabe onde anda. É uma espécie de versão lusitana de "Elvis não morreu".

O mapa que vocês receberam mostra o trajeto da expedição de Vasco da Gama. O caminho para as Índias por terra já era conhecido desde o tempo de Marcopolo, alguma coisa como 200 e poucos anos antes. Não havia nenhuma novidade.

O que ninguém sabia fazer era dar essa volta pela África, por causa da extremidade sul da África chamada de Bojador ou então cabo das Tormentas, e que hoje se chama cabo da Boa Esperança. Tem três nomes, esse acidente geográfico que era de dificílima navegação. Ainda hoje é perigosíssimo. O que Vasco da Gama faz é descobrir isso. Ele sai de Lisboa, passa pelas ilhas Canárias, passa em Cabo Verde, vai até a barra de Santa Helena, no sul, depois do lado direito da África, para em Moçambique, em Mombaça, Melinde. Dali vai até Calicute, e depois a Goa, um pouco mais ao norte. Nas outras duas cores são duas trajetórias diferentes, que não nos interessam agora. Interessa-nos apenas a trajetória em preto, que é a de Vasco da Gama.

O historiador inglês Arnold Toynbee divide a história da humanidade em duas: antes e depois dessa descoberta, o que é claramente um exagero; mas, vindo do Arnold Toynbee, é um exagero que talvez tenha alguma justificativa. Toynbee é um sujeito materialista, vocês não o levem muito a sério. Só consegue enxergar fatos históricos de natureza material.

Neste mapa vocês têm a ideia do trajeto que será descrito por Camões. Ele irá fazer uma descrição dessa conquista; irá fazer um panorama inigualável da história de Portugal; e irá fazer diversas considerações sobre a condição humana. Enfim, ele fará tudo isso com uma genialidade poucas vezes vista.

Vocês também têm outro documento, chamado Estrutura da Obra. Esse documento é o nosso mapa de trabalho no dia de hoje.

## Estrutura da Obra

| | | | |
|---|---|---|---|
| ***Canto I***<br><br>*Neste canto, após a invocação das musas e o concílio dos deuses, saltamos logo para o meio da viagem de Vasco da Gama.* | *Invocação das musas* | *Camões invoca as tágides, musas do Tejo (Tagus).* | *1 a 5*<br>*11* |
| | *O Concílio dos Deuses* | *Deuses no Olimpo discutem se os portugueses devem ou não alcançar seu objetivo. Júpiter afirma que sim. Baco está contra, por ciúmes e medo de ser esquecido, já que ele havia conquistado a Índia. Vênus defende os lusitanos. Marte também intercede por Portugal.* | *24 a 30* |
| | *A Ilha de Moçambique e o Piloto Mouro* | *Baco inspira muçulmanos a atacar os portugueses em Moçambique. Os africanos são vencidos e cedem piloto para continuar a viagem, mas Vênus, desconfiada das orientações do mouro, desvia a frota do primeiro porto com ventos contrários. A esquadra acaba em Mombaça.* | *100*<br>*106* |
| ***Canto II***<br><br>*Neste canto continua a saga de Vasco da Gama.* | *Cilada em Mombaça* | *O rei de Mombaça monta uma emboscada que Vênus evita com ajuda das nereidas. Vênus seduz Júpiter e queixa-se das perseguições aos lusitanos. Júpiter manda Mercúrio avisar Vasco da Gama da existência de Melinde, onde seria bem recebido.* | *22 a 23*<br>*39 a 40*<br>*60 a 61* |
| | *Chegada a Melinde* | *A frota é bem recebida. O rei melindiano pede a Vasco da Gama que lhe conte tudo sobre Portugal.* | *109 a 111* |

| ***Canto III*** <br><br> *Neste canto são contados diversos casos da história de Portugal.* | *Egas Moniz* | *Egas Moniz negociou com os castelhanos o levantamento do cerco a Guimarães, prometendo-lhes vassalagem. Como o rei de Portugal não cumpriu o combinado, Egas entregou a si e sua família ao rei de Castela.* | *36 a 38* |
|---|---|---|---|
| | *Batalha de Ourique* | *Nesta batalha, Afonso, o fundador de Portugal derrota cinco reis mouros, depois de ter uma visão de Cristo.* | *52 a 53* |
| | *Dinastia de Borgonha (Afonsina)* | *Descrição de vários episódios da dinastia de Borgonha, sobretudo de dom Afonso IV.* | *Nihil* |
| | *Inês de Castro* | *Dom Pedro, filho de Afonso IV, e a galega dona Inês de Castro se casam em segredo. Entretanto, a moça e seus irmãos são suspeitos de conspirar contra Portugal. Inês é condenada à morte, executada e declarada, por Pedro, rainha depois de morta.* | *118 a 135* |
| | *D. Fernando* | *No seu governo houve quase a perda do Reino, consequência de amores desastrados do Rei por* | *138 a 139* |
| ***Canto IV*** <br> *Neste canto começa a expedição de Vasco da Gama desde seu início, no dia 8 de julho de 1497.* | *Batalha de Aljubarrota* | *Narrativa da revolução de 1383-1385. Camões elogia os patriotas que ficaram do lado do rei João, e do guerreiro Nunes Álvares Pereira, e condena os adeptos do partido castelhano.* <br><br> *São contados os feitos de João, Mestre de Aviz.* | *15* <br><br> *nihil* |
| | *Expansão Portuguesa* | *Camões narra os preparativos da viagem à Índia. Dom Manuel havia sonhado com os rios Indo e Ganges.* | *71 a 74* <br> *84 a 86* |
| | *O Velho do Restelo* | *Na partida da frota, entre a multidão, na praia do Restelo (praia das Lágrimas), um velho invectiva contra a expedição.* | *93 a 104* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| ***Canto V*** *Neste canto sobressai o espetacular encontro da frota com Adamastor, que é o cabo das Tormentas transformado em gigante.* | *Fernão Veloso* | *Os portugueses fazem contato com os povos nativos. Fernão Veloso escapa de uma escaramuça e "mais apressado do que fora, vinha".* | *30 a 31* |
| | *O Adamastor* | *Aparece o monstro Adamastor e vaticina o destino cruel que têm os navegadores que atravessam os seus domínios. A narrativa prossegue até a chegada a Melinde.* | *37 a 44* |
| ***Canto VI*** *Este canto está centrado na tentativa de Netuno de afundar a frota.* | *Baco contra-ataca* | *Baco pede ajuda a Netuno para derrotar os portugueses e os seres marinhos tentam afundá-los.* | *29* |
| | *Os Doze de Inglaterra* | *Fernão Veloso conta a lenda dos doze cavaleiros portugueses que salvam a honra de doze donzelas inglesas.*<br><br>*Uma tremenda tempestade é descrita e Vasco da Gama pede ajuda a Deus.* | *66*<br><br>*80 a 83* |
| ***Canto VII*** *A grandeza do pequeno Portugal, que finalmente chega às Índias, é o assunto nuclear deste canto.* | *A Grandeza de Portugal* | *Camões compara a superioridade de Portugal frente a outros povos, no que diz respeito à luta contra os muçulmanos e expansão do cristianismo.* | *3* |
| | *Monçaide* | *Em Calicute, a frota acolhe Monçaide, um mouro hispânico que serve de tradutor e explica a Índia aos visitantes. O capitão e Monçaide visitam o Samorim.* | *62 a 65* |
| | *Camões se lamenta* | *Voltando ao tempo presente, o poeta descreve sua situação.* | *79 a 81* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| ***Canto VIII*** | *Painel da História de Portugal* | *São descritos os diversos reis.* | *10* |
| *Este canto trata das escaramuças feitas pelos indianos, influenciados por Baco.* | *Tratado com o Samorim* | *Baco controla o Samorim e o coloca contra os portugueses, mas Vasco da Gama responde as acusações e recebe autorização para comercializar.*<br><br>*Alguns indianos tomam Vasco da Gama como refém e só o devolvem a troco de mercadorias.* | *73* |
| ***Canto IX***<br><br>*Este canto trata do final da expedição, com o encontro da mística Ilha dos Amores.* | *Emboscada e Fuga* | *Monçaide, agora cristão convertido, informa os portugueses da chegada de uma esquadra islâmica para os atacar.*<br><br>*Reunindo provas de sua estada na Índia, os portugueses zarpam.* | *13* |
| | *A Ilha dos Amores* | *Vênus, com a ajuda de seu filho Cupido, coloca uma ilha mística no caminho de volta dos portugueses, que se encontram amorosamente com ninfas.* | *18*<br>*72* |
| ***Canto X***<br><br>*Este canto profetiza o futuro glorioso de Portugal na Ásia.* | *A Profecia da Sirena* | *Os marinheiros chegam ao palácio de Tétis, onde se banqueteiam. A Sirena profetiza os feitos de Portugal no Oriente, cantando os governos portugueses entre 1497 e a data em que o poema foi escrito.* | *73* |
| | *A Máquina do Mundo* | *Tétis mostra a Vasco da Gama o espetáculo das esferas celestes de Ptolomeu.* | *80* |
| | *Epílogo* | *Camões lamenta as injustiças que o Reino teria cometido contra ele.* | *138*<br>*155*<br>*a156* |

## As Quatro Dinastias de Portugal

| PRIMEIRA DINASTIA<br>(DE BORGONHA OU AFONSINA)<br><br>D. Afonso (O Conquistador) 1139-1185<br>D. Sancho I (O Povoador) 1185-1211<br>D. Afonso II (O Gordo)1211-1233<br>D. Sancho II (O Capelo) 1233-1247<br>D. Afonso III (O Bolonhês) 1248-1279<br>D. Dinis (O Lavrador) 1279-1325<br>D. Afonso IV (O Bravo) 1325-1357<br>D. Pedro I (O Justiceiro) 1357-1367<br>D. Fernando (O Formoso) 1367-1383 | SEGUNDA DINASTIA<br>(DE AVIS OU JOANINA)<br><br>D. João I (O de Boa Memória) 1385-1433<br>D. Duarte I (O Eloquente) 1433-1438<br>D. Afonso V (O Africano) 1438-1481<br>D. João II (O Príncipe Perfeito) 1481-1495<br>D. Manuel I (Venturoso) 1495-1521<br>D. João III (O Piedoso) 1521-1557<br>D. Sebastião (O Desejado) 1557-1578<br>D. Henrique I (O Casto) 1578-1580<br>D. Antônio (Prior de Crato) 1580 |
|---|---|
| TERCEIRA DINASTIA<br>(FILIPINA, CASTELHANA DE HABSBURG<br>OU DE ÁUSTRIA)<br><br>D. Filipe I (O Prudente) 1581-1598<br>D. Filipe II (O Piedoso) 1598-1621<br>D. Filipe III (O Grande) 1621-1640 | QUARTA DINASTIA<br>(DE BRAGANÇA OU BRAGANTINA)<br><br>D. João IV (O Restaurador) 1640-1656<br>D. Afonso VI (O Vitorioso) 1656-1657<br>D. Pedro II (O Pacífico) 1675-1706<br>D. João V (O Magnânimo) 1707-1750<br>D. José (O Reformador) 1750-1777<br>Dona Maria I (A Piedosa) 1777-1816<br>D. João VI (O Clemente) 1816-1826<br>D. Pedro IV (O Rei Soldado) 1826<br>(D. Pedro I do Brasil)<br>Dona Maria II (A Educadora) 1826-1828 e 1834-1853<br>D. Miguel (O Absoluto) 1828-1834<br>D. Pedro V (O Esperançoso) 1853-1861<br>D. Luis (O Popular) 1861-1889<br>D. Carlos (O Diplomata) 1889-1908<br>D. Manuel II (O Patriota) 1908-1910 |

Nós vamos, na verdade, seguir a estrutura dessa obra a partir daqui e, do lado direito, na coluna mais à direita, existe o número das estrofes que foram escolhidas e selecionadas pra que nós leiamos. Essas estrofes dizem respeito a cada um desses pontos centrais. Nesse documento temos a estrutura completa da obra. Se você entender essa estrutura, você entenderá a obra chamada *Os Lusíadas*, que começa então ali no canto I, com a evocação das musas. Nenhum poeta começa nada nessa época sem evocar as musas.

Vejam. Camões está fazendo uma obra no estilo antigo, para quem está na Renascença. Ele está fazendo uma obra que mais ou menos copia a *Eneida*, de Virgílio, obra anterior que já tinha mil quinhentos e poucos anos (Virgílio não chegou a conhecer Jesus Cristo, morreu um pouco antes de Jesus Cristo). Então já havia 1500 anos desde que Virgílio havia escrito a *Eneida*, do momento em que Camões escreve *Os Lusíadas.* No meio tempo, houve a grande obra *Divina Comédia*, em 1300, de Dante Alighieri. Mas a *Divina Comédia* não é bem uma obra épica no sentido em que a *Eneida* e *Os Lusíadas* são, porque a *Eneida* e *Os Lusíadas* narram uma situação de conquista militar, a formação de um povo. A *Eneida* narra a vida de Enéas, que é o fundador de Roma, um trânsfuga da guerra de Troia. E o nosso Camões narra a saga de Vasco da Gama e os portugueses conquistando o caminho marítimo para a Índia. Não é o caso da *Divina Comédia*. A *Divina Comédia* trata da viagem interna iniciática que Dante Alighieri faz guiado por Virgílio, depois por Beatriz, depois por São Bernardo de Claraval. Não dá para você imaginar que exista muita ligação entre *Os Lusíadas* e a *Divina Comédia*, apesar de ela estar próxima, muito próxima, de Camões.

O que há perto de Camões, que são as referências mais fortes, são todas aquelas epopeias associadas à personagem de Rolando (ou Orlando), o Furioso... Rolando é o rei Arthur francês, uma personagem mítica francesa que teria sido responsável por todas aquelas guerras que impediram que os muçulmanos subissem e ocupassem a França no tempo de Carlos Magno, de Carlos Martelo... Enfim, naquele momento em que a cristandade finalmente se firma no império, foram escritas diversas obras sobre personagens heroicas francesas como Rolando (Roland), e essas são as referências mais próximas de Camões. Mas ele é muito, muito, muito melhor do que qualquer um desses, está muito mais avançado; sua obra é muito maior e mais densa.

Você pode comparar *Os Lusíadas* com a *Eneida*, embora a *Eneida* esteja a 1500 anos de distância de Camões. Mas, como toda epopeia clássica, começa com a evocação das musas. E quem são as musas de Camões? São as tágides. E as tágides são as ninfas do rio Tejo. Tejo, em latim, se fala *Tagos*. Os nomes portugueses são todos latinos. Portugal, por exemplo, vem de Portugalos. A própria cidade de Lisboa vem de *Olissipona – Lisbona*: *Lisbona* vem de Ulisses, que é o nome latino para Odisseu (Ulisses). A palavra Ulisses é a origem da palavra Lisboa, e assim por diante.

Como vocês sabem, Portugal foi conquistado pelos romanos. Quando isso aconteceu, havia lá apenas umas populações muito rarefeitas. Houve grande resistência aos romanos, personificada em Viriato. Ele teria sido o primeiro herói luso, e esses portugueses originais seriam lusitanos. Por isso nós os chamamos até hoje de lusitanos, embora eles sejam mais propriamente portugueses – os lusitanos eram um povo que antecedeu os portugueses, cujo maior herói foi Viriato, que resistiu o quanto pôde ao assédio romano. Perdeu, obviamente. Mas é a partir de Viriato que se forma a nacionalidade portuguesa.

Apenas para que vocês saibam, para Friedrich Schlegel, crítico literário alemão do século XIX, trata-se do maior poema épico de todos os tempos.

A primeira linha de *Os Lusíadas, "As armas e os barões assinalados",* é uma tradução quase literal da linha "*Arma virumque cano*", que é como começa a *Eneida*. A *Eneida* começa assim: *"Arma virumque cano*", significando: ***cano*** = canto; ***arma*** = armas (no plural, as armas); ***virumque***: ***que*** é "e" em latim (alternativa a et), ***virum*** é varão, então: "As armas e o varão eu canto". De que varão Virgílio está falando? De Enéas, essa personagem mítica que teria

escapado à guerra de Troia; teria passado uns tempos muito divertidos com a rainha Dido, em Cartago; e depois teria ido parar na península itálica, onde teria fundado uma cidadezinha que deu origem à própria Roma. É claro que essa história do Enéas é um pouquinho forçada. É que quando os romanos chegaram no seu auge, quando já eram um império, precisavam de alguma maneira enobrecer o seu passado, para ninguém ficar achando que eles eram nacionalmente descendentes de uns ladrões de mulheres, aquela conversa lá do rapto das sabinas, e tal.

De alguma maneira, Virgílio inventou essa história, dizendo que havia sido Enéas o responsável pela criação da Itália. Camões usa como modelo poético Virgílio com a sua peça *Eneida*.

Prestem atenção agora. É um português um pouquinho antigo, e é um português poético, então às vezes parece difícil, mas não é. Quando você olha direito, fica facílimo de entender. Não tem nada de complicado. É a mesma coisa que ouvir o hino nacional e entender o que está escrito ali. Há aquelas inversões... "As margens do Ipiranga..." não é isso?

ALUNA: "*Ouviram do Ipiranga*".

PROF. MONIR: "*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas*". Não é isso? Então, as margens plácidas do Ipiranga ouviram. Compreenderam que está invertido? Porque o autor precisa fazer as rimas. E isso o obriga a fazer algum contorcionismo literário aqui. Mas vocês verão como é fácil de entender. Vamos tentar ler a primeira estrofe. Por favor, Maria Lúcia.

CANTO I

1

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

PROF. MONIR: Olha que moleza! "*As armas e os barões assinalados* (ilustres, notáveis), */ que da ocidental praia lusitana, / por mares nunca dantes navegados* (nunca se navegou naqueles mares), */ passaram ainda além da Taprobana* (Taprobana é o nome que se dava para o Ceilão), */ e em perigos e guerras esforçados / mais do que prometia a força humana, / e entre gente remota* (gente muito estranha, muito distante) *edificaram / Novo Reino, que tanto sublimaram*". Ele está invocando as musas, pedindo ajuda para poder contar a história dos portugueses.

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;

PROF. MONIR: Vejam que interessante como se usa o gerúndio nesta época. Hoje em dia em Portugal não se fala mais assim. Nós brasileiros falamos

assim, usando o gerúndio. Eles falam "a devastar", "a elevar", "a fazer alguma coisa". Isso significa o seguinte, que o regime do gerúndio era o oficial em português na época de Camões. Nós mantivemos aqui no Brasil o regime antigo. Hoje em dia um português acharia estranho falar assim.

Aqui há uma coisa importantíssima, que é compreender que para Camões e os portugueses dessa época a fé e o Império são a mesma coisa. O que é a fé e o Império? A mesma coisa.

Portugal teve quatro dinastias até hoje. A primeira, a de dom Afonso, portanto afonsina ou de Borgonha, inaugura Portugal. Portugal nasce em 1139. Não há nenhum país da Europa que seja tão velho. Portugal é o primeiro país europeu a se consolidar. Os últimos são a Alemanha e a Itália, que se consolidam no final do século XIX. Mas Portugal é o mais velho de todos os países europeus. Todos acharam isso? A primeira dinastia?

Na primeira dinastia vocês têm todos esses Afonsos e Sanchos, sendo que o mais importante é dom Diniz, aquele sujeito que Fernando Pessoa chama de "o plantador de naus", porque foi quem mandou encher Portugal de árvores, árvores essas que depois deram o lenho pra fazer as caravelas. Dom Diniz foi uma espécie de gênio universalista; entre outras coisas, fundou a Universidade de Coimbra – a universidade de Lisboa, que depois se mudou pra Coimbra. Mas o que ele fez de mais importante foi ter dado um jeito de proteger os templários. Reparem, ele começou a ser rei em 1279, e o foi até 1325.

Em 1314, os templários – Jacques de Molay e seus companheiros - foram mandados matar por Felipe IV, o Belo, e oficialmente extintos e banidos da

França. Foram todos para Portugal. Em Portugal, transformaram-se numa ordem religiosa chamada Ordem de Jesus, que adotou a cruz do Vasco da Gama – essa cruz de malta, que é usada pelo time *Vasco da Gama*, a cruz que ia nas caravelas. Essa é a cruz templária. E foi esse homem então que produziu a mudança de Portugal no eixo religioso da Europa, tanto é que vocês estão vendo (pelo próprio Camões) que para alguém como Camões não há diferença entre o Império e a fé.

Com o tal de dom Fernando, o Formoso, essa dinastia acaba. Esse Fernando era tão formoso quanto burro. Começa a segunda dinastia, de Avis ou Joanina, com João I, o famoso Mestre de Avis. Além de ser rei de Portugal, ele era o grão-mestre de uma ordem equivalente à dos templários, chamada Ordem de Avis.

Reparem que toda a história de Portugal está associada a movimentos iniciáticos religiosos. Aí vocês entendem talvez porque é que um país tão pequenininho foi capaz de feitos tão extraordinários.

Dessa turma toda, o mais importante para o nosso assunto é dom Sebastião, o Desejado. Esse que sumiu e nunca mais foi encontrado. Dom Sebastião, como não tem herdeiros, deixa o trono vago para esses dois que o seguem e que ficam um pouquinho de tempo cada um. Não dão certo, de modo que Portugal cai na mão dos espanhóis da terceira dinastia dos Filipes, ou Filipina: Filipe I, II e III.

A Espanha de Filipe II foi o maior momento da história da Espanha, em que ela foi realmente o país maior do planeta. Portugal era uma província espanhola, nesse período.

A renacionalização, a relusitanização de Portugal só acontece com a dinastia dos Braganças, que começa com João IV, o Restaurador. Chama-se Restaurador porque restaurou a coroa portuguesa. Há vários nomes conhecidos nesta lista: dona Maria I, a Piedosa, mais conhecida como dona Maria a Louca, mãe de dom João VI; dom João VI, que era dom João antes de assumir, depois virou VI; dom Pedro I, que depois que foi para Portugal e virou dom Pedro IV, o Rei Soldado. Para nós chama-se dom Pedro I; é a mesma pessoa com dois títulos. Esses três – dona Maria, dom João VI e dom Pedro I – são conhecidíssimos aqui no Brasil porque há uma coincidência da nossa história com a deles. Não houve mais nenhuma outra personagem comum às duas histórias, porque dom Pedro II, brasileiro, já não foi mais considerado rei de Portugal, não teve nenhum cargo. Morreu em Paris. Não que não tenha sido um grande rei; teve grandes méritos. Mas dom Pedro II já é brasileiro de nascimento, não nasceu em Portugal como dom Pedro I, já não é mais português, rigorosamente falando.

ALUNA: *(Faz comentário sobre dom Pedro II.)*

PROF. MONIR: O motivo pelo qual nós mandamos embora a família real brasileira é que o Brasil quase perdeu a guerra do Paraguai (por pouco, o que é uma vergonha). A família real começou então a ficar muito indisposta com o exército brasileiro por causa da incompetência dos militares. Havia um militar chamado Benjamin Constant, um coronel, mais professor do que militar, que dava aula na Academia Militar da Praia Vermelha. Ele fazia proselitismo de um negócio chamado positivismo. Ficava o tempo todo jogando os militares contra a família real brasileira, dizendo que esse negócio de ter rei é coisa de país cafona, que o moderno era ser como os Estados Unidos, que já tinham república. Esse proselitismo que

fez Benjamin Constant durante 20 anos no jovem oficialato, associado ao tom de crítica que a família real brasileira usava com os militares, levou, uma bela tarde, dois militares completamente rudimentares – o Marechal Deodoro e o Marechal Floriano – ao Campo Santana, no Rio de Janeiro, onde proclamaram a República. A coisa mais sem sentido, mais sem cabimento, mais sem sustentação que alguém já fez. Não havia absolutamente nenhuma boa razão para se fazer isso. Para vocês terem uma ideia de como o nosso Império foi bem sucedido, quando foi extinta a constituição em 1889, com a proclamação da República, a constituição brasileira era a terceira mais durável do mundo. Havia um parlamentarismo, que funcionava muito bem, com o poder moderador do imperador (quer dizer, ele não deixava fazer besteira). Mas foi a falta absoluta de cultura nacional, a falta de densidade cultural das elites que permitiu que isso acontecesse. Aí, nós fizemos o quê? Mandamos embora dom Pedro I, que foi ser dom Pedro IV lá em Portugal (brigando com o irmão, o tal do Miguel, que depois também foi rei) e mandamos embora dom Pedro II, mais ou menos o internamos em Jacarezinho. A família ficou toda em Jacarezinho, tanto é que a maior parte desses herdeiros da família real são paranaenses. Jacarezinho chamava-se Nova Alcântara. E aí fizeram esse ato genial, maravilhoso de marketing de mudar o nome de Nova Alcântara pra Jacarezinho. Dá pra imaginar uma coisa dessas?

Aí ficou essa miséria de república. Dali mais seis meses há o primeiro golpe militar, do Floriano contra o Deodoro. Depois vem a Revolta da Esquadra 1, a Revolta da Esquadra 2, a Revolução Federalista... O que nós conseguimos com essa republiqueta? Só fazer uma quartelada a cada cinco anos. É o que conseguimos na prática, enquanto o governo imperial era estável. Mas esse assunto é bem maior do que podemos falar hoje.

Compreenderam que são quatro dinastias? Muito bem. Então, agora continuamos ali, na terceira estrofe.

E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
– Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

PROF. MONIR: Tudo isso é conhecidíssimo. Vocês já ouviram mil vezes isso, não é? *"Aqueles que por obras valerosas / se vão da lei da Morte libertando",* ou seja, vão ficando pra eternidade, são capazes de marcar, botar sua presença na história.

3
Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;

PROF. MONIR: O sábio grego é Ulisses, e o troiano é Enéas. *"Cessem"*, não têm mais valor as navegações de Enéas de Troia até a Itália e tampouco as de Ulisses de Troia até Ítaca.

Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram,
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

PROF. MONIR: Vocês se dão conta da beleza que tem isso? A maravilhosa beleza que tem isso. Vocês estão aí se defrontando com o melhor texto em língua portuguesa já escrito. Nada se compara. O problema da epopeia é que ela lida com dados objetivos – e a poesia lida com dados subjetivos. A essência da poesia lírica é a subjetividade. A marca da genialidade de Camões é ter conseguido fazer a junção da objetividade da história com a subjetividade dos seus próprios sentimentos de modo perfeito.

*Os Lusíadas* são uma extraordinária realização artística, como quase ninguém fez igual no mundo até hoje. Continuamos, por favor.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

PROF. MONIR: Inveja com "e", porque nessa época se escrevia com "e". *"Dai-me agora um som alto e sublimado"*. Está pedindo para as tágides (que são as ninfas), já que ele fala do rio o tempo todo, uma recompensa: *"Um estilo grandíloquo e corrente, / por que de vossas águas Febo ordene* (Febo é Apolo, são a mesma pessoa.) / *que não tenham enveja às de Hipocrene"*. Hipocrene, em grego, significa "fonte do cavalo". *Crene,* fonte; *hipos*, cavalo. Pégaso, aquele cavalo mítico, teria dado um coice numa pedra e dali saiu

uma fonte de águas cristalinas, que é a fonte onde moram as musas na Grécia. Camões está dizendo que se elas lhe derem a inspiração necessária, ele vai produzir uma poesia que honrará as ninfas do Tejo mais do que aquelas de Hipocrene. Ou seja, a melhor poesia que a gente possa fazer.

5

Dai-me ũa fúria grande e sonorosa,

E não de agreste avena ou frauta ruda,

Mas de tuba canora e belicosa,

Que o peito acende e a cor ao gesto muda;

PROF. MONIR: É, *"o peito acende e a cor ao gesto muda"*. O gesto, que é o rosto, fica vermelho. Ele quer, então, falar alto. Ele não quer uma flautinha – uma avena é uma flautinha feita de um tubo de aveia, uma flautinha de nada. Ele quer uma *"tuba canora e belicosa, / que o peito acende"*, ou seja, que o peito infla *"e a cor ao gesto muda"*, que nos deixa vermelhos de tanto falar, de tanto gritar.

Dai-me igual canto aos feitos da famosa

Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:

Que se espalhe e se cante no universo,

Se tão sublime preço cabe em verso. (págs. 29-30)

PROF. MONIR: É uma coisa absolutamente maravilhosa, o modo como ele é capaz de lidar com essas ideias poeticamente. Bom, aí a gente vai pulando um pouquinho. Na verdade, ainda continua a invocação das musas. A próxima ainda é uma invocação às musas.

11

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas;

PROF. MONIR: Ele está dizendo que todas as façanhas dos antigos são mentirosas perto das dos portugueses. As dos portugueses é que são de verdade.

ALUNA: *Estranhas, não é? "Estranhas musas de engrandecer-se desejosas".*

PROF. MONIR: Isso, as musas estrangeiras, estranhas no sentido de estrangeiras. Querem engrandecer-se, então ficam contando inverdades sobre Enéas, sobre aquela turma toda. Os atos que os portugueses fizeram são verdadeiros e reais, ele está dizendo isso.

As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro. (pág. 34)

PROF. MONIR: Esse Rugeiro é de *Orlando* de Ariosto. Rodamonte é de *Orlando Innamorato*. São todas personagens heroicas que na verdade, de acordo com o próprio Camões, não são nada perto dos feitos dos verdadeiros heróis, os portugueses.

Agora, na estrofe 24, nós já temos o concílio dos deuses. Não sei se vocês se lembram da *Odisseia*, que começa quando os deuses estão decidindo se Odisseu (Ulisses), pode ou não voltar para casa depois de passar tantos e tantos anos naquela Ilha da Calipso, onde ele não está em má situação, mas está infeliz porque queria voltar para a sua Penélope, em Ítaca. Então a epopeia começa mais ou menos com os deuses tomando a decisão de devolver Ulisses para Ítaca.

Para atender esta forma poética épica, também Camões põe aqui todos os deuses pra conversar. A diferença é que ele usa os nomes latinos dos deuses. Durante todo o tempo são os nomes latinos e não os nomes gregos que estão sendo usados aqui. Os deuses então começam a debater se os portugueses devem ou não devem atingir o seu objetivo. Eles têm muitos amigos e poucos inimigos, os portugueses. Júpiter, que é Zeus, é amigo dos portugueses. A maior amiga dos portugueses é Vênus, que se chama, para os gregos, de Afrodite. E eles têm um inimigo feroz: Baco. Neste canto número 24, Júpiter vai falar para os outros deuses sobre a pretensão dos portugueses.

24

– Eternos moradores do luzente,

Estelífero Pólo e claro Assento:

Se do grande valor da forte gente

De Luso não perdeis o pensamento,

Deveis de ter sabido claramente

Como é dos Fados grandes certo intento

Que por ela se esqueçam os humanos

De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

PROF. MONIR: Está aqui Júpiter dizendo que se deixarem os portugueses irem até o fim da sua pretensão, eles vão exceder todos os feitos dos antigos povos. Portanto Júpiter está a favor dos portugueses.

Baco é o grande inimigo dos portugueses. Dionísio, para os gregos, Baco para os romanos. Ele não quer que os portugueses cheguem à Índia, porque os portugueses teriam aí a chance de suplantar as suas próprias façanhas, já que Baco havia conquistado a Índia e tinha ciúmes, medo de que os portugueses fossem mais importantes do que ele. Mas eles praticamente só têm amigos. Baco engana, de vez em quando, esse ou aquele deus para ser contra os portugueses, mas de modo geral eles têm mais amigos do que inimigos, sendo Vênus (Afrodite) a principal amiga dos portugueses.

Se vocês entenderam o 24, continuamos com o 25, na consideração de Zeus (Júpiter).

25

Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
C'um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;

PROF. MONIR: Quer dizer, os portugueses já mandaram os mouros para fora, mesmo sendo pequenininhos e poucos. Mouro é um nome que se dá para aqueles habitantes do norte da África que não são exatamente árabes, são mais berberes (mouro significa escuro). É um nome um pouco genérico, sem grande precisão. Mas por mouro se entende basicamente os muçulmanos, os islamitas.

Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno;
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

PROF. MONIR: Até contra o espanhol, que é muito maior, muito mais forte, os portugueses sempre se saíram bem – isso aqui é Júpiter dando razões pelas quais os portugueses deveriam ser protegidos e não perseguidos pelos deuses. Ou seja, até mesmo contra os castelhanos, que são maiores e mais fortes do que eles, os portugueses sempre obtiveram ajuda do céu.

26

Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que co'a gente de Rômulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana, tanto se afamaram;

PROF. MONIR: "*Gente de Rômulo*" são os romanos. Júpiter está dizendo assim: "Eu não estou nem falando da fama que tinham esses sujeitos em Roma quando do episódio do Viriato". Viriato é esse velho personagem mítico, um pastor luso que foi capaz de enfrentar os próprios romanos. Isso Júpiter até está deixando para lá.

Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.

PROF. MONIR: Júpiter está falando de Sertório, outro herói antigo dos portugueses. Ele andava sempre com um cervo, animal que era considerado o espírito de Diana (teria, portanto, um espírito divino).

27

Agora, vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De África e Noto a força, a mais se atreve:

PROF. MONIR: África e Noto são ventos. Ele está dizendo: "Olha, tá vendo, agora esse pessoal num '*lenho leve*' (lenho leve é um barquinho) '*a mais se atreve*' ". Júpiter está dizendo que isso é merecedor de mérito da parte dos portugueses. Tenta convencer os deuses de quanto mérito têm esses portugueses que, mesmo sendo pequenos, são capazes de coisas incríveis.

Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

PROF. MONIR: Ora, o que são *"os berços onde nasce o dia"*? O Oriente é onde nasce o dia. Os portugueses, além de tudo, além de ver *"onde o dia é comprido e onde breve"*, de terem ido pra cima e pra baixo, terem ido para os extremos, agora também querem ver onde nasce o sol. Júpiter está pedindo aos deuses que concordem em ajudá-los.

28

Prometido lhe está do Fado eterno,

Cuja alta lei não pode ser quebrada,

Que tenham longos tempos o governo

Do mar que vê do Sol a roxa entrada.

PROF. MONIR: *"Do sol a roxa entrada"*: roxa entrada é entrada vermelha; é uma licença poética. "Ver do sol a roxa entrada" é conhecer o Oriente. Ele está dizendo que os deuses devem autorizar os portugueses a ver o nascer do sol, o Oriente.

Nas águas têm passado o duro Inverno;

A gente vem perdida e trabalhada;

Já parece bem feito que lhe seja

Mostrada a nova terra que deseja.

29

E porque, como vistes, têm passados

Na viagem tão ásperos perigos,

Tantos climas e céus experimentados,

Tanto furor de ventos inimigos,

Que sejam, determino, agasalhados

Nesta costa africana como amigos,

E, tendo guarnecida a lassa frota,

Tornarão a seguir sua longa rota.

PROF. MONIR: *"A lassa frota"*, a frota cansada. Tendo guarnecido a lassa frota – ou seja, tendo obtido água, víveres, etc. – *"tornarão a seguir sua longa rota"*.

Júpiter conta para os deuses que esse pequeno povo tem tantos méritos, tem tanto valor, que eles são obrigados a deixá-lo seguir viagem, para tentar encontrar as origens do dia. Para encontrar o Oriente.

30
Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O Padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a lusitana gente. (págs. 37-39)

PROF. MONIR: *"Padre Baco"* é o inimigo dos portugueses, o Dionísio. Ele não está de acordo, porque, se os portugueses passarem lá pela ilha, irão apagar os feitos que ele, Baco, teve antes. Enciumado, ele fará todo o possível de agora em diante para impedir que os portugueses consigam chegar ao seu destino.

Na Odisseia, se vocês lembrarem bem, quem faz esse papel de deus iracundo, que quer impedir que Ulisses chegue em Ítaca, é Posído, porque Ulisses havia feito um desaforo para um dos filhos do deus. Vocês compreendem que Camões está usando os modelos das épocas antigas, tanto de Virgílio quanto de Homero? Mas ele se parece mais com Virgílio, com a *Eneida*.

Acabou o concílio dos deuses. Os deuses concordaram em que os portugueses poderiam continuar, mas Baco sai ressentido da conversa, já

decidido a secretamente fazer todo o possível para sabotar a viagem de Vasco da Gama.

A viagem aconteceu de fato, é verdadeira, histórica. Claro que aqui está uma espécie de romanceamento da história. Nem tudo aconteceu, obviamente. Mas há muita coisa verdadeira.

Agora Camões já nos leva para a metade da viagem. É mais ou menos como um filme que começasse na metade da ação. Depois que acaba aquela metade da ação é que se volta para o começo; a mesma coisa acontece aqui. Não nos dizem nada sobre o que aconteceu no início da viagem, não sabemos de nada, e pegamos a viagem bem no meio, quando eles já estão em Moçambique. Se vocês repararam no mapa, Moçambique já é muito, muito além da metade da viagem.

Em Moçambique, os portugueses passarão por uma primeira tentativa de sabotagem – uma primeira aventura. E é isso que o Camões vai contar para nós.

100

Para lá se inclinava a leda frota;

Mas a deusa em Cítera celebrada,

Vendo como deixava a certa rota

Por ir buscar a morte não cuidada,

Não consente que em terra tão remota

Se perca a gente dela tanto amada,

E com ventos contrários a desvia

Donde o piloto falso a leva e guia.

PROF. MONIR: Há uma parte anterior que vocês precisam saber para entender a estrofe. Em Moçambique havia um grupo de nativos (ninguém sabe bem quem são), que se interessam pelos portugueses e acabam concordando em ceder-lhes um piloto. É um marinheiro experimentado naquela costa, que irá orientar o navio para que ele não caia num banco de areia, não bata numa pedra, etc. Só que esse piloto demonstra não ser de confiança desde o início, tudo indica que ele será traidor de Portugal. Quem desconfia disso é a *"deusa em Cítera celebrada"*. É Vênus, também chamada de "a Cítera", porque nasceu em Chipre, e Chipre é Cítera.

Vênus sente que os portugueses estão sendo levados para uma emboscada. Ela interfere e não deixa que o navio vá bater no lugar onde o piloto queria. Vênus manipula os ventos e acaba jogando os portugueses em outro porto.

101

Mas o malvado Mouro,

PROF. MONIR: Que é o piloto...

não podendo

Tal determinação levar avante,

Outra maldade iníqua cometendo,

Ainda em seu propósito constante,

Lhe diz que, pois as águas discorrendo

Os levaram por força por diante,

Que outra ilha têm perto, cuja gente

Eram cristãos com mouros juntamente.

PROF. MONIR: O piloto fala assim: “Que estranho esse vento aí! Vamos para uma outra ilha onde moram cristãos e muçulmanos em paz.” O que também era mentira. O piloto então tenta fazer uma segunda armadilha.

102

Também nestas palavras lhe mentia,

Como por regimento em fim levava,

Que aqui gente de Cristo não havia,

Mas a que a Mahamede celebrava.

O Capitão, que em tudo o Mouro cria,

Virando as velas, a ilha demandava;

Mas, não querendo a Deusa guardadora,

Não entra pela barra, e surge fora.

PROF. MONIR: O capitão acredita no piloto, mas não a Cítera. Vênus, sabendo que é mentira, faz nova manobra e impede que os navios afundem na segunda barra, onde provavelmente também haveria uma cilada.

103

Estava a ilha à terra tão chegada,

Que um estreito pequeno a dividia;

Ũa cidade nela situada,

Que na fronte do mar aparecia,

De nobres edifícios fabricada,

Como por fora ao longe descobria,

Regida por um rei de antiga idade;

Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

PROF. MONIR: Mombaça está ali no mapa, logo acima de Moçambique.

104

E sendo a ela o Capitão chegado,

Estranhamente ledo, porque espera

De poder ver o povo baptizado,

Como o falso piloto lhe dissera,

Eis vêm batéis da terra com recado

Do rei, que já sabia a gente que era,

Que Baco muito de antes o avisara,

Na forma doutro Mouro, que tomara.

PROF. MONIR: Baco transformou-se em mouro e foi avisar o rei que aqueles eram inimigos terríveis, que tinham de ser mortos. Estava aí montada a cilada para os portugueses.

105

O recado que trazem é de amigos,

Mas debaixo o veneno vem coberto,

Que os pensamentos eram de inimigos.

PROF. MONIR: O recado era amistoso, mas no fundo era uma armadilha.

Segundo foi o engano descoberto.

Oh grandes e gravíssimos perigos,

Oh caminho da vida nunca certo,

Que aonde a gente põe sua esperança

Tenha a vida tão pouca segurança!

PROF. MONIR: Que maravilha. Vocês não ficam emocionados, arrepiados quando ouvem isso? *"Segundo foi o engano descoberto"*, quer dizer, rapidamente foi o engano descoberto. *"Oh grandes e gravíssimos perigos, oh caminho de vida nunca certo, que aonde a gente põe sua esperança tenha a vida tão pouca segurança!"* Aí Camões está falando das misérias humanas, que não se pode confiar em nada.

106

No mar tanta tormenta e tanto dano,

Tantas vezes a morte apercebida!

PROF. MONIR: E aqui, pelo amor de Deus, pessoal. A gente no Brasil tem um defeito gravíssimo; em Portugal também fazem isso. Nós ficamos falando uma besteira, que é passou "desapercebido", "não apercebido"... Isso é bobagem, porque em português certo a gente percebe as coisas ou não percebe: "Eu não percebi o sinal vermelho". "Aperceber-se", com "a" na frente, é uma palavra completamente diferente, que significa "preparar-se". Por exemplo: "Eu fui escalar uma montanha e não me apercebi de um lanche." "Aperceber-se" em português significa, sempre, "preparar-se".

Aqui em Camões aparece "aperceber-se" 500 vezes – e todas as vezes é "preparar-se". Só que no nosso linguajar comum nós falamos errado. A gente usa a palavra "aperceber-se" como se fosse "perceber". "Fulano não se apercebeu de não sei do quê." Mas espera aí! "Não percebeu" é uma coisa; "não está equipado", "não está preparado", é outra. Então, aqui, o que ele está dizendo? *"No mar tanta tormenta e tanto dano, tantas vezes a morte* **preparada** (*apercebida*)!" "Apercebida" aqui não é "que foi percebida"; é "preparada". Botou o "a" na frente, é sempre "preparar".

Na terra tanta guerra, tanto engano,

Tanta necessidade aborrecida!

Onde pode acolher-se um fraco humano,

Onde terá segura a curta vida,

Que não se arme e se indigne o Céu sereno

Contra um bicho da terra tão pequeno? (págs. 60-61)

PROF. MONIR: Essa é uma das mais famosas estrofes da obra. Onde vai se esconder um bicho tão pequeno de um céu tão poderoso? É uma belíssima maneira poética de mostrar a pequenez humana. Essa última estrofe é maravilhosa, é uma reflexão que Camões faz da própria condição humana.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É isso mesmo: *"Onde terá segura a curta vida, / que não se arme e se indigne o Céu sereno / contra um bicho da terra tão pequeno?"* Somos nós. Quer dizer, por mais que façamos coisas, seremos sempre perseguidos pelos deuses. Essa é a ideia central de *A Ilíada*, o maior poema, o mais importante texto literário que já se escreveu em toda a história humana. Mas ela trata essencialmente desse problema, o fato de que nós somos apenas umas formiguinhas frente aos deuses. Eles fazem o que querem conosco. É do que ele está reclamando aqui, em torno daquela traição eminente que eles devem sofrer. Notem que Camões está escrevendo com alguns anos de atraso – 50 anos depois que Vasco da Gama havia chegado à Índia. Então ele está fazendo reflexões sobre os acontecimentos que foram havendo ali e diz: "Olha, a gente não tem garantia de nada, não é? Somos um bichinho da terra tão pequeno." O que nos remete ao canto II, em que continua esse processo da cilada. A deusa Vênus irá fazer agora esforços para salvar os portugueses do desastre.

22

Põe-se a Deusa com outras em direito

Da proa capitaina, e ali, fechando

O caminho da barra, estão de jeito

Que em vão assopra o vento, a vela inchando;

Põem no madeiro duro o brando peito,

Para detrás a forte nau forçando;

Outras em derredor levando-a estavam,

E da barra inimiga a desviavam.

**PROF. MONIR: Vênus e as outras ninfas impedem que eles fundeiem também ali, porque havia uma outra armadilha. Na excursão de Vasco da Gama eram só três navios. Era o padrão da excursão média portuguesa.**

23

Quais para a cova as próvidas formigas,

Levando o peso grande acomodado,

As forças exercitam, de inimigas

Do inimigo Inverno congelado;

Ali são seus trabalhos e fadigas,

Ali mostram vigor nunca esperado:

Tais andavam as Ninfas estorvando

À gente portuguesa o fim nefando. (pág. 73)

PROF. MONIR: Estorvando significa impedindo. Quem estorva alguém é que impede. Então, *"Tais andavam as Ninfas estorvando* (impedindo) */ à gente portuguesa o fim nefando"*, quer dizer, evitando que os portugueses tivessem um fim nefando, que seria cair na armadilha dos muçulmanos em Moçambique.

No próximo pedacinho, nas duas próximas estrofes, há uma argumentação de Vênus, que vai reclamar com Júpiter que não param de perseguir a turma dela, os portugueses.

ALUNO: *(Faz uma pergunta.)*

PROF. MONIR: É a mesma pessoa. O Dionísio grego se chama Baco em latim. É o deus do vinho, e deus das festas, digamos assim, não muito católicas. Das orgias.

Cá entre nós, Vênus também não é uma pessoa de reputação ilibadíssima. Mas ela vai reclamar para o pai de ambos, que é Zeus (Júpiter ou Zeus), que não param de perseguir os portugueses.

39

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, para as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afábil e amoroso,
Posto que a algum contrário lhe pesasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,
Faça-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.

PROF. MONIR: *"Assentarei enfim que fui morfina"* é "Concordarei que fui importuna". Ela diz assim: "Olha, pai, eu não sei o que eu fiz, eu sempre tentei fazer tudo direitinho e tal, mas já que você está com raiva de mim, então o senhor deve ter razão. Faça como o Baco, que quer matar os portugueses, porque eu devo ter feito alguma coisa errada pra o senhor me perseguir assim". Está dizendo que a perseguição aos portugueses é uma perseguição a ela, pessoalmente. É uma estrategiazinha de marketing. Ela convencer Júpiter a parar com aquilo. Agora que vai ficar interessante, na próxima estrofe.

40

Este povo, que é meu, por quem derramo

As lágrimas que em vão caídas vejo,

Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,

Sendo tu tanto contra meu desejo;

PROF. MONIR: É assim: "Já que eu amo esse povo, é por isso que você o está perseguindo, não é isso? Então eu vou fazer o seguinte: vou detestar esse povo, porque se eu o detestar, você certamente vai amá-lo, como contribuição contrária". Ela está fazendo esse joguinho de palavras com Júpiter: "Já que você o persegue porque eu o amo, então eu vou fazer o contrário – vou passar a detestá-lo, talvez aí então você possa amá-lo, em vez de persegui-lo do jeito que você faz." Esperta, não?

Por ele a ti rogando, choro e bramo,

E contra minha dita enfim pelejo.

Ora pois, porque o amo, é mal tratado,

Quero-lhe querer mal: será guardado. (pág. 78)

PROF. MONIR: Depois que Vênus consegue convencer Júpiter de que os portugueses não merecem aquela sina, o que faz Júpiter? Manda o seu emissário, chamado Mercúrio, que os gregos chamam de Hermes (é a mesma pessoa). Esse emissário então vai avisar os portugueses para se mandarem de lá antes que sejam destruídos pelos maometanos, que estavam lá de tocaia para encontrá-los.

60

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrelas no céu co'a luz alheia
Tinham o largo mundo alumiado,
E só co'o sono a gente se recreia.

PROF. MONIR: Naquela época, achava-se que o sol era a única fonte de luz, que iluminava não só a lua como todas as estrelas também. Por isso que ele fala em *"luz alheia"*, porque as estrelas têm luz, mas pertencem ao sol; não se sabia que as estrelas eram sóis por sua própria vez.

O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava,

PROF. MONIR: Cada três horas eram um quarto. A noite era dividida em quatro vezes três horas de vigia. Quem é esse capitão ilustre? É Vasco da Gama, *"já cansado / de vigiar a noite que arreceia."* Olha que coisa maravilhosa! A noite que ele teme, não é isso? *"Breve repouso então aos olhos dava"*. Foi dormir um pouquinho. *"A outra gente a quartos vigiava"*. Enquanto os outros olhavam os próximos quartos.

61

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,

Dizendo: – 'Fuge, fuge, Lusitano,

Da cilada que o rei malvado tece,

Por te trazer ao fim e extremo dano!

Fuge, que o vento e o céu te favorece;

Sereno o tempo tens e o Oceano,

E outro rei mais amigo noutra parte,

Onde podes seguro agasalhar-te! (págs. 83-84)

PROF. MONIR: Mercúrio diz, em nome de Zeus, para os portugueses fugirem dali, e de Mombaça ir para Melindi, a cidade que está um pouquinho acima. Vasco da Gama recebe essa mensagem, a expedição de Vasco da Gama foge dali e vai para Melindi, por sugestão do próprio Júpiter (Zeus). Chegando lá é que se vai inverter completamente a situação da nossa história, porque em Melindi a primeira coisa que vai acontecer é o encontro com o rei, que ficará muito interessado naqueles estrangeiros, e pedirá aos portugueses que contem toda a sua história, desde o início. É como se fosse um *flashback*. Camões joga tudo lá pra trás e começa a contar a história de Portugal, a história de como eles montaram essa expedição e como chegaram até ali em Melindi, após ter passado por Moçambique. Quem vai falar agora é o rei de Melindi, na estrofe 109.

109

– Mas antes, valeroso Capitão,

Nos conta (lhe dizia), diligente,

De terra tua o clima e região

Do mundo onde morais, distintamente;

E assi de vossa antiga geração,

E o princípio do Reino tão potente,

Co'os sucessos das guerras do começo,

Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

**PROF. MONIR: É o rei de Melindi pedindo a Vasco da Gama que faça essa narração sobre a história de Portugal.**

110

E assi também nos conta dos rodeios

Longos, em que te traz o mar irado,

Vendo os costumes bárbaros alheios,

Que a nossa África ruda tem criado;

Conta, que agora vêm co'os áureos freios

Os cavalos que o carro marchetado

De novo Sol, da fria Aurora trazem;

O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

**PROF. MONIR: "Por favor, conte, que vai nascer o dia."**

111

E não menos co'o tempo se parece

O desejo de ouvir-te o que contares;

Que quem há que por fama não conhece

As obras portuguesas singulares?

Não tanto desviado resplandece

De nós o claro Sol, para julgares

Que os Melindanos têm tão rudo peito,

Que não estimem muito um grande feito. (págs. 98-99)

PROF. MONIR: Os melindanos têm capacidade de entender as grandes obras e os grandes acontecimentos de façanhas portuguesas. E agora, para atender ao pedido, Camões – ou melhor, os portugueses da excursão – vão começar a contar o que aconteceu durante a história de Portugal. Haverá vários episódios muito importantes da história de Portugal. O primeiro episódio, que eu vou explicar antes para vocês entenderem melhor, é o de Egas Moniz, um sujeito encarregado pelo rei de negociar o cerco da cidade de Guimarães. Os castelhanos estavam cercando Guimarães, uma cidade portuguesa. A cidade padecia de fome, de sede, de tudo. O rei manda então Egas Moniz negociar o cerco. Ele faz um acordo com o rei de Castela: se o rei de Portugal se declarasse vassalo do rei de Espanha, então os espanhóis levantariam o cerco. Ele combinou isso com o rei de Espanha e voltou para relatar ao rei português o que havia feito. O rei de Portugal achou que estava bom, porque tinha levantado o cerco; no dia em que tinha que ir lá prestar a vassalagem, não foi, descumprindo o combinado. Como descumpriu o combinado, Egas Moniz, morto de vergonha, porque havia combinado uma coisa com outro rei, pegou a si e a sua mulher, descalços, despidos, só em mangas de camisa, foi lá e entregou-se à morte ao rei castelhano dizendo: "Bom, eu pelo menos vim me entregar aqui, porque a minha parte estou cumprindo". Essa é a primeira história que ele vai contar agora nas três próximas estrofes. Prestem atenção, que é muito interessante.

CANTO III

36

Mas o leal vassalo,

PROF. MONIR: *"O leal vassalo"* é Egas Moniz.

conhecendo

Que seu senhor não tinha resistência,

Se vai ao Castelhano, prometendo

Que ele faria dar-lhe obediência.

PROF. MONIR: Como os portugueses não podiam resistir, ele foi lá e concordou em não deter cerco nenhum, se aqueles portugueses ficassem subordinados aos espanhóis.

Levanta o inimigo o cerco horrendo,

Fiado na promessa e consciência

De Egas Moniz. Mas não consente o peito

Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

37

Chegado tinha o prazo prometido,

Em que o rei castelhano já aguardava

Que o príncipe a seu mando submetido,

Lhe desse a obediência que esperava.

Vendo Egas que ficava fementido,

O que dele Castela não cuidava,

Determina de dar a doce vida

A troco da palavra mal cumprida.

PROF. MONIR: Ficar "*fementido*" é ficar "mentido em fé". Ficou sem credibilidade.

38

E com seus filhos e mulher se parte

A alevantar co'eles a fiança,

Descalços e despidos, de tal arte

Que mais move a piedade que a vingança.

PROF. MONIR: *"Despido"* significa ficar só com a roupa mínima. Não é pelado, tá?

– Se pretendes, Rei alto, de vingar-te

De minha temerária confiança

(Dizia), eis aqui venho oferecido

A te pagar co'a vida o prometido. (págs. 112-113)

PROF. MONIR: Estão vendo que bonito? Que maravilha? Agora há uma porção de descrições em que Vasco da Gama teoricamente está contando para o rei daquela cidade os grandes feitos e histórias de Portugal. A próxima é a batalha de Ourique, uma batalha entre cristãos e muçulmanos, que foi onde nasceu a causa de Portugal ter cinco escudos na sua bandeira. Vai ser explicado agora por que é que esses cinco escudos existem.

52

Cabeças pelo campo vão saltando,

Braços, pernas, sem dono e sem sentido,

E doutros as entranhas palpitando,

Pálida a cor, o gesto amortecido.

Já perde o campo o exército nefando;

Correm rios de sangue desparzido,

Com que também do campo a cor se perde,

Tornado carmesi, de branco e verde.

PROF. MONIR: Horrível, né? Essa é a batalha. Podemos continuar.

53

Já fica vencedor o Lusitano,

Recolhendo os troféus e presa rica;

Desbaratado e roto o Mauro hispano,

Três dias o grão rei no campo fica.

Aqui pinta no branco escudo ufano,

Que agora esta vitória certifica,

Cinco escudos azuis esclarecidos,

Em sinal destes cinco reis vencidos; (pág. 119)

PROF. MONIR: Nessa batalha foram vencidos cinco reis mouros. Havia outra tese, de antes de Camões, de que os cinco escudos representavam as Cinco Chagas de Cristo. Foi Camões quem introduziu essa ideia de que os cinco escudos são referentes à batalha, à vitória sobre cinco reis mouros na batalha de Ourique, que é aqui descrita pelo Camões em muitas e muitas estrofes. Eu só peguei uma ou outra, porque se não a gente não consegue ler nada, não é? Estamos lendo mais ou menos 10% da obra na noite de hoje, os 10% medulares, aquilo que é mais importante.

A próxima história é uma das minhas prediletas. Eu sabia boa parte do que está aí de cor, para vocês terem uma ideia de como eu gosto desta passagem. É a história de Inês de Castro. O rei tem um filho, chamado Pedro, que casa com uma moça espanhola. Essa moça espanhola traz no seu séquito uma

espécie de aia, enfim, uma moça que andava com a rainha, chamada Inês de Castro, muito bonita. Pedro se apaixona por essa moça, apesar de ter casado com a outra. A mulher oficial de Pedro, a patroa da Inês de Castro, morre; logo, ele fica viúvo. Só que ele vai lá e estabelece uma família paralela com Inês de Castro; casa-se com ela secretamente, e têm quatro filhos. Três filhos estavam vivos quando acontece esse episódio. A moça era galega, não era portuguesa, e tinha irmãos metidos em política na Galícia – muito perigosos os três irmãos dela. Quando Pedro enviúva, ele decide não casar com mais ninguém, porque ele queria a Inês de Castro. Mas ele não podia casar com ela por várias e várias razões. Primeiro, que quando a mulher descobriu que o marido botava um olho na Inês de Castro, ela a fez madrinha de um dos filhos oficiais do casal, para criar uma espécie de laço que impediria qualquer romance. Ele não poderia mais ter pretensões com a madrinha de um dos seus filhos, porque a madrinha é como se fosse uma segunda mãe, viraria uma espécie de incesto. Como não podia casar com Inês de Castro, ele não conta para ninguém e mantém aquela relação ilegítima com ela, até que descobrem que isso está acontecendo e começam a temer que a moça pudesse vir a reivindicar o trono de Portugal, porque ela tinha filhos de fato com esse Pedro, que era príncipe (não era rei ainda). E o pai dele, dom Afonso, achando então que aquela situação iria levar a um impasse político tremendo, resolve mandar matar a moça, o que é feito com toda a crueza desse mundo. E Pedro engole em seco a morte da sua namorada (afinal, da mulher de que ele gostava). Depois, quando o pai morre e ele vira rei, ele então vem a público e declara que é casado com Inês de Castro e dá a ela o status de rainha – depois de morta. Agora, é claro, junto com essa história que eu contei existem muitas versões mais ou menos fantasiosas que dizem que ele teria feito as seguintes coisas: teria desenterrado o cadáver e obrigado todos os nobres da corte a beijar a mão do cadáver; teria passeado

por Lisboa com aquele esqueleto numa carruagem, obrigando todo o povo a bater palmas e a ovacionar Inês. Nenhuma dessas duas versões está aqui. Mas isso é facilmente encontradiço em qualquer comentário sobre Inês de Castro. A história é maravilhosa. Esse pedaço aqui eu fiz questão de deixá-lo inteiro e não cortar nenhum pedacinho, porque é de uma beleza poética extraordinária. Não tem nenhuma importância na história, porque no fundo é apenas Vasco da Gama contando para o rei lá daquela cidade de Melindi um episódio da história de Portugal. Não tem nenhum valor para a nossa epopeia aqui, mas é de tão grande beleza que vale a pena passar essa tarde hoje apenas para ler a história de Inês de Castro. Pois não?

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Tudo isso é verdade. É claro que há sempre certo exagero poético, não é? Mas Inês de Castro existiu e tudo isso que eu estou contando é verdade.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não, não. O desfile do cadáver, não. Isso é invenção. O negócio de obrigar os nobres todos a beijarem a mão, também não. Não estão aqui. Mas toda a circunstância tenebrosa com que foi feita essa morte, tudo isso foi verdade. Porque na verdade queriam se livrar da moça por razões políticas. Existe uma peça de Antonio Ferreira, chamada *Castro*, que está no nosso programa, não sei se é no ano que vem ou em 2010. Mas nós vamos ler aqui a peça *Castro*, de um autor do tempo de Camões, chamado Antonio Ferreira, que entra no mérito dessa história. Vamos debater esse

assunto depois com pormenores. Por enquanto a gente só consegue ouvir a belíssima descrição que Camões faz do episódio de Inês de Castro. Pois não?

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Isso mesmo. "Aí, então, Inês é morta". É daí que vem essa expressão.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Provavelmente deve ter havido um milhão de casos em que isso aconteceu. Eu conheço casos de empresários que não tiveram filhos para não ter que dividir o patrimônio, a herança. Deve ser uma situação muito comum, na prática. Mas as razões pelas quais Inês foi morta são assunto do nosso encontro chamado *Castro* daqui a um ou dois anos, mais ou menos, quando a gente vai analisar a peça de Antonio Ferreira que fala só disso. Agora vamos ouvir como é que Camões descreve essa situação.

118

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno de memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que despois de ser morta foi rainha.

PROF. MONIR: Usava-se "despois" naquela época. Esse Afonso é o pai do Pedro. É o sogro. "*Mísera e mesquinha*" não é mesquinha no sentido moderno, de uma pessoa pequena. Mesquinha significa infeliz, depauperada. Não é no sentido negativo da palavra, como se fosse algum defeito que ela tivesse.

119

Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha. Não estão se deliciando com isso? Não tem poesia melhor em português, pessoal. Isso aqui é a coisa mais extraordinária que já se escreveu em português, nada é melhor do que isso.

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo o doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;

PROF. MONIR: *"Engano da alma"* é a visão do amor. Que é *"ledo e cego"*: alegre, mas cego.

Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

PROF. MONIR: O nome é Pedro. O nome do homem que ela queria. Vejam só, *"Nos saudosos campos do Mondego"*. O Mondego é um riozinho que passa em Coimbra. Quando você vai a Coimbra (eu fui lá só pra ver isso), há até hoje uma fontezinha que é a fonte dos amores de Inês de Castro. *"Nos saudosos campos do Mondego, / de teus fermosos olhos nunca enxuto"*. Quer dizer, nunca, nunca conseguiu enxugar as lágrimas de Inês de Castro. *"Aos montes ensinando e às ervinhas / o nome que no peito escrito tinhas"*. O nome de Pedro.

121
Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam,
E quando enfim cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

PROF. MONIR: *"De noite, em doces sonhos que mentiam, / de dia, em pensamentos que voavam"*. Maravilhosa a construção, não é? Era uma moça que só pensava no amor que tinha pelo Pedro, com quem teve quatro filhos.

122

De outras belas senhoras e princesas

Os desejados tálamos enjeita,

PROF. MONIR: Pedro "enjeita"; fica viúvo e não quer casar com ninguém.

Que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas,

Quando um gesto suave te sujeita.

PROF. MONIR: *"Gesto"* é rosto, tá?

Vendo estas namoradas estranhezas,

O velho pai sesudo, que respeita

O murmurar do povo e a fantasia

Do filho, que casar-se não queria,

123

Tirar Inês ao mundo determina,

Por lhe tirar o filho que tem preso,

Crendo co'o sangue só da morte indina

Matar do firme amor o fogo aceso.

PROF. MONIR: É claro que aqui Camões não faz especulações políticas, mas ele acha que, estando apaixonado pela Inês, o filho não se casava de novo. Com a Inês ele não podia casar, por várias razões ligadas ao Estado. Então, o jeito de o pai liberar o filho daquela paixão era matar a Inês. É assim que Camões interpreta. É claro que há uma história política por trás disso.

Que furor consentiu que a espada fina,

Que pôde sustentar o grande peso

Do furor mauro, fosse alevantada

Contra ũa fraca dama delicada?

124

Traziam-na os horríficos algozes

Ante o rei, já movido a piedade;

Mas o povo, com falsas e ferozes

Razões, à morte crua o persuade.

**PROF. MONIR: Que ela era estrangeira, que os filhos dela podiam concorrer ao trono de Portugal, que se isso acontecesse Portugal seria castelhano para o resto da vida e que não podia ser. Essas são as razões que o povo dizia.**

Ela, com tristes e piedosas vozes,

Saídas só da mágoa e saudade

Do seu príncipe e filhos, que deixava,

Que mais que a própria morte a magoava,

125

Para o céu cristalino alevantando

Com lágrimas os olhos piedosos

(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando

Um dos duros ministros rigorosos),

E despois nos meninos atentando,

Que tão queridos tinha e tão mimosos,

Cuja orfandade como mãe temia,

Para o avô cruel assi dizia:

126

– Se já nas brutas feras, cuja mente

Natura fez cruel de nascimento,

E nas aves agrestes, que somente

Nas rapinas aéreas têm o intento,

Com pequenas crianças viu a gente

Terem tão piedoso sentimento,

Como co'a mãe de Nino já mostraram

E co'os irmãos que Roma edificaram,

PROF. MONIR: Ela diz para o "sogro": "Olha, se o senhor já viu as feras, as feras foram caridosas para com *'os irmãos que Roma edificaram' "* – aquela história mítica de que a loba deu alimento para Rômulo e Remo. E a *"mãe de Nino"* (que na verdade não é a mãe de Nino, é a esposa de Nino) chama-se Semiramis. Essa Semiramis é abandonada no mato e as aves dão comida a ela, alimentam-na o tempo todo, de modo que ela não morre. Mas ela não é mãe de Nino, é a esposa. Camões se enganou. Camões tinha uma cultura extraordinária, incrível, mas de vez em quando ele se engana. Ele fez toda a obra de cabeça sem ter biblioteca de referência, no meio do mato, ainda salvando a obra de naufrágios. Continuamos, então.

127

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito

(Se de humano é matar ũa donzela

Fraca e sem força, só por ter sujeito

O coração a quem soube vencê-la),

A estas criancinhas tem respeito,

Pois o não tens à morte escura dela;

Mova-te a piedade sua e minha,

Pois te não move a culpa que não tinha.

PROF. MONIR: Que maravilhoso, não é? Ela dizendo pro "sogro": "*'Mova-te a piedade'*, porque a culpa não vai nos mover. Então, pelo menos tenha piedade dos meus filhos; envie-me pro desterro, faça qualquer coisa, menos me matar".

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não sabemos. Não, não herdaram nada, porque quem herda o trono é Fernando, filho de Pedro com a primeira mulher.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não tenho ideia. Agora, quando a gente for estudar aqui o *Castro*, nós vamos ter que fazer uma pesquisa sobre isso. Daí talvez fique mais claro. Fica prometido para *Castro*, de Antônio Ferreira, uma peça maravilhosa que pouca gente conhece. Continuamos.

128

E se, vencendo a maura resistência,

A morte sabes dar vida com fogo e ferro,

Sabe também dar clemência

A quem para perdê-la não fez erro;

Mas, se to assi merece esta inocência,

Põe-me em perpétuo e mísero desterro,

Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,

Onde em lágrimas viva eternamente.

**PROF. MONIR: Ela está pedindo pra ser desterrada e não morta, *"na Cítia fria"*, no norte da Europa, ou na Líbia; nos dois extremos de clima.**

129

Põe-me onde se use toda a feridade.

Entre leões e tigres, e verei

Se neles achar posso a piedade

Que entre peitos humanos não achei.

Ali, co'o amor intrínseco e vontade

Naquele por quem morro, criarei

Estas relíquias suas, que aqui viste,

Que refrigério sejam da mãe triste.

**PROF. MONIR: *"Refrigério"*: "consolo". "Criarei os filhos, *relíquias suas"*. Esses filhos são netos do Afonso, a quem ela está suplicando pela vida.**

130

Queria perdoar-lhe o rei benigno,

Movido das palavras que o magoam,

Mas o pertinaz povo e seu destino

(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.

Arrancam das espadas de aço fino

Os que por bom tal feito ali apregoam.

Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,

Feros vos amostrais e cavaleiros?!

131

Qual contra a linda moça Policena,

Consolação extrema da mãe velha,

Porque a sombra de Aquiles a condena,

Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;

PROF. MONIR: Vamos entender isso. Policena é filha de Príamo e Hécuba, os reis de Troia. Tinham 19 filhos, entre eles Policena. Aquiles, inimigo dos troianos, apaixona-se por Policena. Quando Aquiles mata Heitor, que era o filho mais velho de Príamo e Hécuba, herói maior da Guerra de Troia, então eles combinam de casar Policena com Aquiles. Só que o irmão de Policena, chamado Páris, o sujeito que armou toda aquela confusão – era um tipinho meio metrossexual, esquisitão –, aproveita aquele casamento e atira uma flecha contra o calcanhar de Aquiles, o único pedaço vulnerável do corpo de Aquiles, e o mata. Policena é a *"consolação extrema da mãe velha"* (Hécuba já era muito velha, a mãe dela). *"A sombra de Aquiles"*, ou seja, o espectro (porque ele morreu), *"a condena"* [Policena], dizendo que foi ela quem preparou aquela armadilha. *"Com ferro duro Pirro se aparelha"*. Pirro é um dos filhos de Aquiles. Ele pega a espada e mata Policena. Camões está fazendo comparação entre Policena e Inês de Castro.

Mas ela, os olhos com que o ar serena

(Bem como paciente e mansa ovelha)

Na mísera mãe postos, que endoudece,

Ao duro sacrifício se oferece:

PROF. MONIR: Essa é a Policena.

132

Tais contra Inês os brutos matadores,

No colo de alabastro, que sustinha

As obras com que Amor matou de amores

Aquele que despois a fez rainha,

As espadas banhando e as brancas flores

Que ela dos olhos seus regadas tinha,

Se encarniçavam, férvidos e irosos,

No futuro castigo não cuidosos.

PROF. MONIR: Esses aí que a mataram não lembraram que depois seriam perseguidos pelo Pedro, que era crudelíssimo, Os dois que mataram Inês de Castro teriam morte sádica: Pedro mandou arrancar o coração de um pelo peito e o do outro pelas costas. Isso tudo é verdade histórica. Camões está mostrando a barbaridade que é matar uma mocinha dessas a título de pretensos problemas políticos.

133

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,

Teus raios apartar aquele dia,

Como da seva mesa de Tiestes,

Quando os filhos por mão de Atreu comia!

PROF. MONIR: Atreu era rei de Micenas e casado com uma mulher chamada Aerópe. Tiestes, irmão de Micenas, teve um caso e dois filhos com a cunhada. Quando Atreu descobriu, mandou pegar os dois meninos e servi-los como se fossem animais. Mandou cozinhar, convidou o irmão para um jantar e ofereceu os dois meninos como se fossem um animal qualquer. Tiestes

comeu os filhos achando que eram um carneiro ou coisa parecida. Nesse dia, por causa do horror da situação, o sol ficou com tanta vergonha que se escondeu, parou de brilhar. Camões está dizendo que na morte de Inês de Castro o sol também deveria parar de brilhar, tamanha a vergonha que representava uma coisa daquelas.

Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

134

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor co'a doce vida.

PROF. MONIR: Bonina é uma flor. E agora, a última estrofe, que é a mais perfeita estrofe sob o ponto de vista literário de toda a obra. Prestem atenção.

135

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,

E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
'Dos amores de Inês', que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!
(págs. 137-143)

PROF. MONIR: Essa é a fonte que existe em Coimbra, do lado da universidade. A Fonte dos Amores, feita com as lágrimas das ninfas do Mondego, ou seja, das criaturas elementais do Mondego, chorando a morte de Inês de Castro.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Mondego é um rio, do meio de Portugal; passa em Coimbra. Como todo rio, tem suas ninfas. Não é emocionante essa história? Camões é sobretudo um poeta lírico. Escreve poesia lírica como ninguém e, neste momento, usa toda a potência que se possa imaginar que um poeta tenha pra descrever a situação de Inês de Castro.

PROF. MONIR: Terminado o episódio Inês de Castro, agora Camões vai contar o que aconteceu com Fernando. (Quem está falando aqui é Vasco da Gama, contando para o rei de Melindi episódios da vida portuguesa.) Fernando é filho do Pedro, esse Pedro que transformou a morta em rainha. Fernando não é filho de Inês; sua mãe é primeira mulher de Pedro. Esse Fernando não deu certo na vida. Pelo fracasso da sua atuação como rei,  encerra-se a primeira dinastia afonsina.

138

Do justo e duro Pedro nasce o brando

(Vede da natureza o desconcerto!),

Remisso e sem cuidado algum, Fernando,

Que todo o Reino pôs em muito aperto;

PROF. MONIR: Ele está descrevendo o filho de Pedro.

Que, vindo o Castelhano devastando

As terras sem defesa, esteve perto

De destruir-se o Reino totalmente,

Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

PROF. MONIR: Isso virou uma espécie de dito, *"que um fraco rei faz fraca a forte gente"*. Uma liderança ruim estraga os liderados.

139

Ou foi castigo claro do pecado

De tirar Leonor a seu marido

E casar-se com ela, de enlevado

Num falso parecer mal entendido;

Ou foi que o coração, sujeito e dado

Ao vício vil, de quem se viu rendido,

Mole se fez e fraco – e bem parece,

Que um baixo amor os fortes enfraquece. (pág. 144)

PROF. MONIR: Leonor Teles era uma mulher muito bonita, casada com outro. Fernando apaixonou-se por ela e inventou um jeito de desfazer o casamento, alegando que havia laços de sangue que o impossibilitavam. Tanto fez, que acabou ficando com a Leonor. Fez como Davi, arrumou uma maneira de se livrar do marido. No caso foi pior ainda; o Rei Davi mandou o marido da moça que ele queria para a guerra, com o objetivo de que morresse lá. Aqui, não; Fernando inventou uma maneira de desfazer o casamento. Essa mulher era terrível, uma mulher dominadora, extremamente maliciosa em todos os sentidos possíveis. Depois, quando morre Fernando, ela chama os castelhanos para tomarem conta de Portugal. Foi um desastre total e completo. Leonor ajudou a destruir o reino de Portugal. Por isso, desapareceu a primeira dinastia e começou a segunda dinastia, a dinastia de Avis ou Joanina (do rei João).

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: O problema de Portugal é que ele é vizinho de um país gigantesco e imperialíssimo que é a Espanha, os castelhanos. Além de ser vizinho, existem ligações familiares entre Portugal e Espanha. A qualquer momento, qualquer bobeada que você dá, o que acontece é que Portugal passa para a casa real espanhola, porque a sucessão é feita por laços de sangue. Qualquer falta de herdeiro representa um perigo iminente de Portugal virar uma província espanhola.

Foi o que aconteceu quando morreu Sebastião. Tentaram botar dois reizinhos portugueses lá. Deram um jeito de arrumar dois primos distantes para assumirem o cargo, e não deu certo. No final das contas quem ficou dono de Portugal foi Filipe I, rei de Espanha. E Portugal ficou 60 anos como

Espanha. O que está por trás de todas essas escaramuças, incluindo aí o problema da Inês de Castro, é a sensibilidade política enorme das relações entre Portugal e Castela, porque elas são, o tempo todo, potencialmente muito perigosas.

E aqui o que aconteceu foi que este casamento mal feito acabou gerando o final de uma dinastia. Nasce em seguida a dinastia do mestre de Avis. Do mesmo modo que de alguma maneira dom Diniz havia plantado os pinheirais que foram a origem do lenho de que de foram feitos as caravelas, e que dom Diniz havia marcado com a cruz dos cruzados a história de Portugal, essa nova dinastia nasce sobre o signo da ordem de Avis, uma ordem iniciática secreta. Havia três grandes ordens de natureza militar, mas iniciática... Esse livro aqui não tem nada de esotérico, viu pessoal? Não há nenhuma espécie de mensagem oculta, nada. Zero, zero, zero. Camões não tinha nenhuma tendência esotérica. Mas Dante Alighieri... Você só entende *A Divina Comédia* quando compreende todos os códigos templários que há dentro, porque Dante Alighieri era templário. Essas ordens secretas no fundo são ordens ligadas ao cristianismo, não são laicas. A próxima dinastia portuguesa, que é a da casa de Avis (porque dom João era mestre de Avis) será também construída em torno da ideia do cristianismo.

Todo o Portugal que deu certo, deu certo por causa das ordens religiosas. Há uma ligação incrivelmente clara entre essas duas coisas.

Canto IV

1

Despois de procelosa tempestade,

Nocturna sombra e sibilante vento,

Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando faleceu. (pág. 149)

PROF. MONIR: Ele faz uma comparação do final da dinastia Afonsina, que é a primeira, com final do reino de dom Fernando, como se Portugal, tendo saindo de uma grande tempestade, tivesse entrado numa nova fase de calmaria. É a maneira poética pela qual Camões separa a dinastia que está morrendo (a Afonsina) da dinastia que está nascendo (de Avis ou joanina). Esta nova dinastia é a de que farão parte vários reis de Portugal, incluído aí Sebastião, que estará no poder no tempo de Camões. Depois vem a Filípica (que não é portuguesa, são reis da Espanha), e depois vem a Bragantina, que é a atual e que Camões não conheceu, porque é muito posterior a Camões.

Na estrofe 15, Camões faz uma admoestação aos portugueses que tinham simpatia por pertencer a Castela e comenta a batalha de Aljubarrota, entre portugueses e espanhóis. Vejam o que diz Camões dos covardes portugueses que não querem ser portugueses:

15

– Como?! Da gente ilustre portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?!
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa,

Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?! (pág. 153)

PROF. MONIR: A batalha de Aljubarrota é aquela briga em que finalmente sai vencedor dom João, que passa a ser o mestre de Avis e abre a próxima dinastia. Com a morte de Fernando, sem deixar descendentes, há uma confusão danada entre Portugal e Castela, como sempre, e disto é que nasce a renovação do reino com a dinastia do mestre de Avis. Como a primeira, também fortemente ligada a ordens e iniciáticas. Neste caso, a Ordem de Avis.

Continua a narração de Vasco da Gama para o rei de Melindi. Agora ele vai mostrar que o rei Manoel de Portugal havia sonhado com o Ganges e com o Indo, os dois grandes rios que banham a Índia, o subcontinente indiano, apenas para dar uma ideia do quanto os portugueses estavam predestinados a tomar conta da Índia. As próximas quatro estrofes narram isso.

71

Das águas se lhe antolha que saíam,
Para ele os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabelos lhe caíam
Gotas que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele, baça e denegrida;
A barba, hirsuta, intonsa, mas comprida.

PROF. MONIR: “*Intonsa*” quer dizer “não cortada”, “não aparada”. Os dois homens que apareceram no sonho do rei são dois rios, o Indo e o Ganges, e eles vão dizer que estão à disposição de Portugal. Indo (ou Indus) é o rio onde teria nascido a própria civilização indiana; Ganges é o maior rio de todos. Tenho em casa uma preciosidade. Minha filha, que não está aqui hoje, foi para a Índia com a mãe dela, que está ali, e me trouxeram de presente um vidrinho com água do rio Ganges. Mas lá de cima, lá onde ela é bem limpinha, nas matrizes, nas fontes. Antes que vocês pensem mal desse negócio...

72

De ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha;
E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

PROF. MONIR: Alfeu é um rio apaixonado por uma ninfa chamada Aretusa. E como o rio a queria de todo o jeito, Diana transformou a ninfa em uma fonte, e aí então o rio Alfeu jogou-se no mar para atravessar o mar e poder encontrar Aretusa do outro lado. É a história romântica que ele está contando aí.

73

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o rei de longe brada:

– Ó tu, a cujos reinos e coroa

Grande parte do mundo está guardada,

Nós outros, cuja fama tanto voa,

Cuja cerviz bem nunca foi domada,

Te avisamos que é tempo que já mandes

A receber de nós tributos grandes.

PROF. MONIR: O rio está dizendo *“é tempo que já mandes / a receber de nós tributos grandes.”* São os dois rios pedindo para os portugueses irem lá.

74

Eu sou o ilustre Ganges, que na terra

Celeste tenho o berço verdadeiro;

PROF. MONIR: Há uma tradição de que Ganges teria sido um daqueles quatro rios que estavam no paraíso, no início. No paraíso terrestre havia quatro rios, e um desses seria o Ganges, por isso ele diz que *“Eu sou o ilustre Ganges, que na terra / celeste tenho o berço verdadeiro”*.

Estoutro é o Indo rei, que nesta serra

Que vês, seu nascimento tem primeiro.

Custar-te-emos contudo dura guerra;

Mas, insistindo tu, por derradeiro,

Com não vistas vitórias, sem receio

A quantas gentes vês porás o freio. (págs. 170 e 173)

PROF. MONIR: Com isso Camões quer legitimar o desejo que há de Portugal tomar aquelas terras do Indo e do Ganges.

O que vai acontecer em seguida, no próximo trecho, é que Camões vai nos falar da expansão dos portugueses, das coisas notáveis e extraordinárias que os portugueses fizeram. E vai nos contar como foi que começaram os preparativos para a viagem de Vasco da Gama. Tudo agora no próximo trecho, com quatro estrofes.

84

E já no porto da ínclita Ulisseia
C'um alvoroço nobre e c'um desejo
(Onde o licor mistura a branca areia
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

PROF. MONIR: *"E já que no porto da ínclita Ulisseia"* – Ulisseia é Lisboa. A palavra Lisboa vem de Olissipona: Ulisses. Lisboa é a cidade de Ulisses.

Ulisses teria morrido em algum lugar para além das colunas de Hércules: ele chega em Ítaca, encontra Penélope e não aguenta mais de vontade de viajar de novo. Teria então pego um barco e feito aquilo que nunca ninguém tinha feito, que era passar além do estreito de Gibraltar.

Na *Divina Comédia*, Dante Alighieri nos diz que ele se encontra com uma grande tempestade e é morto. Mas há outra teoria, de que ele teria fundado Lisboa. Claro que isso é assim meio romântico, mas seria uma possibilidade também. Por isso é que Lisboa tem esse nome. Por causa de Ulisses.

O que é mais interessante nessa estrofe: *"Co'o salgado Neptuno o doce Tejo"*. *"O doce Tejo"* é o rio Tejo e *"o salgado Neptuno"* é o mar, Netuno é o rei do mar; a mesma coisa que Posidão, Posido, Possido, Poseidom, nomes gregos para Netuno.

85

Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes;

ALUNA: *(Faz pergunta sobre Marte.)*

PROF. MONIR: Marte é o Deus da Guerra, equivale ao Ares grego. Ares para os gregos, Marte para os romanos. Sempre que há guerra ele está presente. A razão pela qual Marte esta aí o tempo todo é que os portugueses estão tecnicamente numa expedição militar. Porque eles vão numa expedição armada, procurando conquistar aquelas terras.

Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.

PROF. MONIR: Minerva (para os gregos, Palas Athena) transformou a embarcação dos argonautas. Os argonautas teriam sido os primeiros homens a singrar os mares, dentro da tradição grega. A embarcação chamada Argos, que era o barco dos argonautas, foi transformada por

Minerva numa constelação. A mesma coisa ele espera que aconteça com os barcos dos portugueses, que terão tanto mérito quanto os argonautas por estarem fazendo uma façanha equivalente, em tamanho, em grandeza e em importância.

86

Despois de aparelhados, desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,

PROF. MONIR: Quer dizer, recebemos todos os sacramentos de Deus.

Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

PROF. MONIR: "Aspirasse os começos", quer dizer, que mandasse vento para que pudéssemos nos mexer.

87

Partino-mos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.

PROF. MONIR: É Belém. Esse templo era uma igrejinha que ficava na praia do Restelo. A praia do Restelo (a mesma coisa que praia das Lágrimas) ficava em Belém, uma praia do rio Tejo de onde partiam as caravelas para todas as partes. Essa igrejinha foi demolida e no lugar dela foi construído o mosteiro dos Jerônimos. Belém tem o nome da cidade *"donde Jesus foi em carne ao mundo dado."* É isso que ele está contando aqui, poeticamente.

Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio. (págs.175-176)

PROF. MONIR: "Eu apenas contenho o choro." Olhem que coisa maravilhosa, que beleza de poesia: *"Certifico-te, ó Rei, que se contemplo / como fui destas praias apartado, / cheio dentro de dúvida e receio, / que apenas nos meus olhos ponho o freio."*

Ele foi apartado dessas praias porque foi praticamente exilado (Camões). Foi exilado, tendo que ir embora ou ficar preso, uma das duas coisas.

ALUNO: *É por isso que em Portugal existe a famosa Torre de Belém.*

PROF. MONIR: É, exatamente. E há ali aquele monumento dos descobridores, lindíssimo, maravilhoso. Tudo isso existe concretamente, dá pra ir lá ver.

Quando está todo mundo saindo, quando vai começar a excursão, acontece uma celebérrima passagem aqui de *Os Lusíadas,* que é a história do velho do Restelo. Em Portugal, quando alguém é do contra, pessimista, é

automaticamente chamado de velho do Restelo; o sujeito que fica botando dúvida, fazendo restrições a isso e aquilo. O velho do Restelo é um velhinho que estava naquela multidão. Imaginem: estão saindo as naus na praia das Lágrimas. As mães, as noivas, as mulheres, os filhos, todos chorando porque não sabiam se os homens iam voltar, e o velho do Restelo vai dizer exatamente isso pra eles. Dizia assim: "Vocês inventam essas besteiras, mas é só pra vaidade dos governantes. Depois ficamos nós chorando aqui na praia o tempo todo". É aquela poesia do Fernando Pessoa chamada *Mar Salgado*, que todo mundo conhece:

Mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar,
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena,
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Não é isso? Essa é frasezinha do cartazete: "Quem quiser passar além da dor, tem que passar além do Bojador", tem que passar pelo cabo das Tormentas.

Para essas pessoas, o velho do Restelo representa dor, viuvez, miséria, desgraça. Ele fará um discurso dizendo que esse negócio de fazer estripulias tem também muitos inconvenientes. Aqui ele tem o papel do corifeu, uma personagem do teatro grego que é o chefe do coro. No teatro grego, o coro representa a opinião popular sobre algum assunto. De vez em quando, o corifeu fala sozinho em nome do povo. Aqui ele é o velho do Restelo, o sujeito que vai contar o quanto é doloroso esse esquema de descobrimentos, das pessoas que vão depois pagar essas estripulias com a viuvez, com a miséria, com a orfandade. Vamos ver o velho do Restelo, por favor.

93

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

PROF. MONIR: Perceberam a beleza disso? Quer dizer, eles não se despedem conforme o usado, partem *"sem o despedimento* (despedida) *costumado, / que, posto que é de amor usança boa, / mais magoa a quem se aparta"*, ou seja quem vai embora ou fica. Todo mundo vai indo embora meio sem se despedir.

94

Mas um velho de aspeito venerando,

Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

PROF. MONIR: "Experto" em Camões é sempre "experimentado". Tem uma frasezinha que não está transcrita aqui, que diz assim:

Tomai conselho só d' exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

Está nos *Lusíadas* isso, mas não foi transcrito aqui. Mas é isso que "experto" significa para o português antigo; "experto" é síncope de "experimentado". Nessa época, alguém ser experto (de onde veio a expressão "esperto" moderna, sinônimo de "pilantra" – sentido que não havia nessa época) significa ser alguém que tem muita experiência. Camões está dizendo que o velhinho vai falar para eles com a voz da experiência. Ele não acha que o velhinho esteja errado, e o velhinho meneia três vezes a cabeça. O velhinho está vendo mais uma partida suicida, e sabe Deus se volta alguém; aquelas crianças todas lá vendo os pais que não voltarão, as mulheres vendo os maridos que as deixarão na mão, as noivas vendo os noivos com os quais não casarão – esse é o quadro que Camões está descrevendo aqui, da partida da praia. Continuamos.

95

– Ó glória de mandar! Ó vã cobiça

Desta vaidade a quem chamamos fama!

Ó fraudulento gosto que se atiça

Com a aura popular que honra se chama!

Que castigo tamanho e que justiça

Fazes no peito vão que muito te ama!

Que mortes, que perigos, que tormentas,

Que crueldades neles experimentas!

96

Dura inquietação d'alma e da vida,

Fonte de desamparos e adultérios,

Sagaz consumidora conhecida

De fazendas, de reinos e de impérios!

PROF. MONIR: "*Fazendas*" é "riquezas". Quer dizer, essas excursões são fonte de desamparos e adultérios, consumidoras de fazendas e de impérios. Só têm desgraça, de acordo com o velho do Restelo.

Chamam-te ilustre, chamam-te subida,

Sendo digna de infames vitupérios;

Chamam-te Fama e Glória soberana,

Nomes com quem se o povo néscio engana!

PROF. MONIR: O povo se engana com essa coisa de glória e fama. No fundo, é tudo desgraça, dor e sofrimento, diz o velho do Restelo.

97

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos? que palmas? que vitórias?

98

Mas ó tu, geração daquele insano,
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Da idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

PROF. MONIR: *"Ó tu, geração daquele insano"* – quem é esse insano? Adão, *"cujo pecado e desobediência / não somente do Reino soberano / te pôs neste desterro e triste ausência"*. O pecado original o tirou do paraíso e jogou nesse reino de triste ausência. *"Mas inda doutro estado mais que humano, / da quieta e da simples inocência, / da idade d'ouro, tanto te privou, / que na de ferro e de armas te deitou* (te jogou)*"*. Ou seja, estamos na idade do ferro e não na idade do ouro. É a ideia dos ciclos cósmicos, que estavam presentes em toda a literatura greco-romana. A idade do ouro é a idade em que todos

nós éramos santos, espiritualmente associados a Deus. Com o final da idade do ouro, vem a idade da prata que dura menos do que a idade do ouro, depois vem a idade do bronze que dura menos ainda, e estamos agora na idade do ferro, que é a mais curta de todas – dez por cento de todo o ciclo, em que prevalecem as maiores misérias humanas de todos os tipos.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não tem pergunta errada, nenhuma. Não, não existe a idade de platina dentro das descrições cosmológicas antigas. As descrições cosmológicas antigas são todas assim: Deus criou o homem, o homem é um ser mais espiritual do que terrestre. É o quadro de Adão e Eva, que praticamente não precisavam de coisas físicas. Tanto é que não havia uma economia; eles viviam mais ou menos integrados a Deus. Com o pecado original, houve uma espécie de materialização do homem. Ele cai fora desse mundo e vai pra idade da prata, que é a segunda idade. A idade do ouro dura 40% do tempo; a idade da prata, 30%; a idade do bronze, 20%; e a idade do ferro, 10%.

Para os antigos, portanto, há um processo de decadência presidindo toda a história humana, e nunca de crescimento, de progresso. Todas as tradições são unânimes em dizer a mesma coisa. É claro que se a gente julgar o mundo pelo telefone celular, há de julgar que houve algum progresso; mas sob o ponto de vista espiritual é exatamente a interpretação contrária. Há um regresso, uma involução permanente que acontece o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo. E o que é interessante notar, é que a idade do ouro, 40% do tempo total – não é que seja 40% do tempo total, é que o tempo passa mais devagar nesse tempo. O que acontece hoje é que, se você reparar bem,

nota-se uma extraordinária, incrível aceleração do tempo, que é um sintoma da idade do ferro. Se alguém tem alguma dúvida sobre se nós estamos de fato na idade do ferro, é só olhar pra falta absoluta de tempo que preside a sua vida.

O velho do Restelo está dizendo que essa vaidade humana é o que joga o ser humano da idade do ouro para a idade do ferro. Continuamos.

99

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto elevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá,

PROF. MONIR: Quem é esse? Jesus Cristo. Jesus Cristo no Monte das Oliveiras sua sangue com medo da morte. *"Temeu tanto perdê-la quem a dá."*

100

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?

Não é ele por armas esforçado,

Se queres por vitórias ser louvado?

101

Deixas criar às portas o inimigo

Por ires buscar outro de tão longe,

Por quem se despovoe o Reino antigo,

Se enfraqueça e se vá deitando a longe!

PROF. MONIR: Você vai lá procurar o inimigo longe, longe, longe, e eles estão todos aqui em volta, crescendo e se fortalecendo.

Buscas o incerto e incógnito perigo,

Por que a fama te exalte e te lisonje,

Chamando-te senhor, com larga cópia,

Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

PROF. MONIR: "Vocês são só uns vaidosos que querem fazer coisas acima da capacidade, vão fazer só besteira e nos gerar desgraças aqui em Portugal."

102

Oh! Maldito o primeiro que no mundo

Nas ondas vela pôs em seco lenho!

PROF. MONIR: O primeiro navegador: aquele que pela primeira vez na vida "botou *vela em seco lenho*", num navio seco.

Digno da eterna pena do Profundo,

PROF. MONIR: Que é o inferno.

Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

PROF. MONIR: Que praga, não? *"Nunca juízo algum, alto e profundo* (nunca uma opinião), / *nem cítara sonora* (nem poeta nenhum), *ou vivo engenho* (ou alguém com imaginação, um escritor) / *te dê por isso fama nem memória".* O velho está dizendo que esse pessoal aí não é para ser de modo nenhum homenageado, porque eles na verdade são agentes do mal. Esses portugueses só estão desgraçando a vida das suas mulheres, que ficam sujeitas a uma viuvez estúpida. Não têm nada que sair por aí, fazer bobagem.

103
Trouxe o filho de Jápeto do céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras – grande engano!

PROF. MONIR: O filho de Jápeto é Prometeu. Prometeu fez com barro o ser humano e depois... A história toda é mais complicada – Prometeu tinha um irmão chamado Epimeteu. E a diferença do Prometeu para Epimeteu é que enquanto Prometeu é o sujeito que pensa antes de fazer as coisas (*pro* é [antes] e *epi* é depois), Epimeteu fazia um monte de besteiras. Uma das besteiras que ele fez foi distribuir errado as habilidades para os

animais. Ele tinha que dar pra cada animal uma habilidade; deu para o tigre a ferocidade, deu para o leão a força, deu para a cobra o veneno... e aí esqueceu o ser humano. Quando chegou ao final, não tinha sobrado nada para dar ao ser humano; o ser humano ia ser destruído facilmente porque não tinha nenhuma habilidade. Aí Prometeu, para resolver o problema, o que faz? Vai e rouba o fogo de Hefesto, sobrinho dele. Com esse fogo ele dá o fogo da inteligência aos seres humanos. Quando Zeus percebe isso, fica furioso e manda amarrar Prometeu naquela pedra, acorrentá-lo onde depois uma águia virá todos os dias comer o seu fígado, que se reconstituirá durante a noite e será comido no dia seguinte novamente. Para se vingar da humanidade, Zeus inventou a tal da Pandora para ser mulher de Epimeteu. Era uma mulher feita pelos deuses em convênio, quer dizer, uma mulher sintética. Cada um votou: "Eu quero uma cabeça assim", "Ah, eu quero a perna assim", "Eu quero o pé assim", e tal. Os deuses inventaram essa Pandora e Zeus mandou Pandora de presente como mulher de Epimeteu.

Prometeu achou que Zeus ia fazer das suas, e tinha dito pra Epimeteu que não aceitasse nenhum presente de Zeus, de jeito nenhum. Mas como esse Epimeteu sempre fazia as coisas antes de pensar, pensava depois, ele aceita Pandora. Pandora abre uma caixinha que ela tinha e dessa caixinha saem todos os vícios, desgraças, problemas, complicações humanas. Desde que isso aconteceu, é impossível botar ordem no mundo.

Pandora é o equivalente grego à Eva judaica, exatamente a mesma coisa. Nenhuma das duas é mulher de verdade, nenhuma das duas é mulher no sentido físico, no sentido pessoal de mulher – porque Eva não é isso também, Vocês sabem, a gente viu aqui no *Gênesis* que já havia mulheres no mundo, Eva não foi a primeira mulher. Eva e Pandora representam simbolicamente

os desejos ilegítimos; representam, portanto, aquela potência humana de se aliar com os desejos errados. Não são mulheres propriamente ditas, são aspectos humanos que pertencem aos homens e às mulheres, que tendem para os desejos ilegítimos e errados. São equivalentes, muito parecidas na interpretação.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não, também não são homens. São aspectos da psicologia humana que pode sempre derivar entre o desejo da matéria legítimo e o desejo da matéria ilegítimo. Pois o que Eva e o que Pandora representam são os desejos da matéria ilegítimos que, uma vez escolhidos, geram a desgraça humana. Por isso elas têm, ambas, essa conotação de desgraça. Mas não são as mulheres propriamente ditas, embora vulgarmente se faça essa interpretação, que é errada. São uma espécie de possibilidade humana que existe igualmente nos homens e nas mulheres.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Andrógino? De fato eu não sei, mas a gente tem no *Gênesis* a ideia de que Deus fez o homem e a mulher, e os criou macho e fêmea, ponto. Está lá, no segundo dia ou no terceiro dia. Eva vem muito depois. Quando chega Eva, já existia a mulher propriamente dita, já existia um ser humano do sexo feminino. Logo, Eva não pode ser a primeira mulher. Isso não é uma suposição, é uma constatação da leitura do livro onde está explicitamente dito isso. Eva não é a primeira mulher. O que acontece? Adão estava só e Deus decide mandar trazer alguém para animá-lo. Esse alguém que ele traz é Eva, mas Eva não é uma mulher no sentido feminino da palavra. Eva é

uma espécie de desejo, porque, para que Adão possa estar em companhia, é preciso que ele deseje alguma coisa. Mas o desejo que a Eva representa é simultaneamente um desejo perigoso, porque pode ser o desejo do ilegítimo também. Ora, quem é que a serpente vai tentar? Adão ou Eva? Eva, porque é Eva que representa o potencial do desejo. Depois Adão ouve Eva, mas começa por Eva porque o desejo é ela, ela é o desejo. É a mesma ideia da Pandora, exatamente a mesma ideia da Pandora. Essa entidade chamada Eva não é propriamente a primeira mulher, porque esta já existia, mas é um componente do desejo humano que está aí simbolizado por isso.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Não, porque não é desejo no sentido sexual; é desejo legítimo ou ilegítimo. É assim: a vida humana não tinha nenhuma graça, porque para que o homem possa ter uma humanidade verdadeira, possa ser existencialmente pleno, ou seja, para que o homem tenha viabilidade ontológica, ele tem que ter poder de decisão sobre a sua própria vida. Deus faz Eva para completar o homem. O homem era incompleto, porque era um tipo de indivíduo que parecia com os outros animais, que vivia usufruindo daquele mundo, como fazem os outros animais. Para que o homem seja homem (homem aqui no sentido de espécie), para que o ser humano seja ser humano ele tem de ser passível de tentação. Porque se não fôssemos passíveis de tentação, que diferença haveria entre nós e nosso cachorro Rex? O seu cachorro Rex, quando come mais do que devia, é uma coisa inocente, não? Você não vai brigar com seu cachorro porque você deixou lá um monte de comida e ele comeu tudo; mas nós temos capacidade de decidirmos se queremos ou não. Para que você possa ter um ser humano, você tem de obrigatoriamente ter a presença do desejo. Sem desejo não há

ser humano; então o que é a criação de Eva? É a criação do desejo, o desejo que pode ser legítimo e ilegítimo. Ele é legítimo quando é um desejo que está subordinado às leis do Espírito, porque no fundo o homem é criado, como todo universo, pela junção do céu e da terra. A terra tem que estar obrigatoriamente subordinada ao céu, não pode estar acima. A terra tem que ficar abaixo, nunca acima. Ora, qual é o desejo ilegítimo da terra? É o desejo de você olhar para a terra como se só ela existisse, é a ilegitimidade daquele sujeito que é materialista ao extremo, que só vê as coisas materiais e concretas. Esse é o desejo ilegítimo. Então o diabo diz para Eva: "Se você comer este fruto, você vai ser tão poderoso quanto Deus." Ora, o que é isso? É a negação do Espírito e a transformação do homem no próprio Espírito. Isso é ilegítimo. Portanto, Eva representa um componente de desejo no ser humano sem o qual não há ser humano; nós não existimos se não tivermos a presença do desejo, porque apenas a nossa relação com o nosso próprio desejo é que nos transforma em seres humanos que dão certo ou dão errado.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não, de modo nenhum. Quando estou falando homem aqui, eu estou sempre falando homem no sentido de ser humano. Os dois, o homem e a mulher, têm o componente Eva. Mas o problema é que a mulher, como representa a terra, tem uma simbologia mais próxima de representar o desejo do que o homem, que representa o Espírito. Na verdade, não se trata de um complemento do outro – um é tanto quanto o outro, ou seja, ambos têm a mesma importância relativa. Só que um representa o Espírito e o outro representa a terra, e o componente Eva chama-se componente

do desejo. Mas esse assunto é bem grande e a gente já debateu aqui no *Gênesis.* Vamos passar para frente, senão a gente não vai vencer.

Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

PROF. MONIR: *"Que a tua estátua ilustre",* quem é? É o homem, porque Prometeu fez o homem de barro, como Deus fez. É a mesma imagem, Prometeu e Deus fizeram o homem de barro. *"E quanto para o mundo menos dano,/ que a tua estátua ilustre* (que é o homem) *não tivera/ fogo de altos desejos que a movera!"* Olhem aqui, *"altos desejos"* é Eva e Pandora. Elas representam os altos desejos. Não são pessoas, não são personificação da mulher. Não dá pra entender nada do *Gênesis* se você não interpreta simbolicamente. A gente já fez aqui essa análise, há alguns dias. Continuamos, por favor!

104
Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitector co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.

PROF. MONIR: O moço miserando é Faetonte. Esse Faetonte era filho de Hélios, o sol. Quando descobre que é filho de Hélios (ele não sabia), pede para dar uma voltinha na carruagem do sol que Hélios dirige. Só que ele não sabe conduzir a carruagem, fica com medo, faz um monte de besteiras e Zeus é obrigado a fulminá-lo com um raio porque ele ia acabar com o céu.

Aí ele cai dentro de um rio, por isso que ele deu fama ao rio. O outro é Ícaro, filho de Dédalo. O rei Minos de [Creta] acaba prendendo Dédalo no labirinto que ele mesmo fez para se vingar do fato de que foi ele quem ensinou Teseu como se matava o Minotauro, que era filho postiço de Minos. Dédalo constrói para ele e para o filho aquelas asas de cera com as quais os dois fogem do labirinto, sendo que Ícaro, o filho de Dédalo, chega muito perto do sol, tem as suas asas derretidas e cai dentro do mar. O mar chamava-se mar Icário; hoje chama-se mar Egeu, mas antes era mar Icário em homenagem a isso.

Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração!
Mísera sorte! Estranha condição! (págs. 178-181)

PROF. MONIR: Agora, rapidamente, duas estrofezinhas em que se conta uma coisa bem engraçada – é o único momento humorístico do poema todo, que é a história do Fernão Veloso. Fernão Veloso é um sujeito que é valentão e resolve atender o convite de uns nativos lá na praia para ir com eles não sei aonde. Depois vem correndo, porque descobre que querem é cozinhá-lo vivo, qualquer coisa assim. Fernão Veloso aparece aqui nas estrofes 30 e 31. É apenas um pequeno momento de humor.

Canto V

30

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,

Descendo pelos ásperos outeiros,

As peças vêm buscar que estoutro leva.

Domésticos já tanto e companheiros

Se nos mostram, que fazem que se atreva

Fernão Veloso a ir ver da terra o trato

E partir-se com eles pelo mato.

PROF. MONIR: "*Domésticos*" significa "mansos". São nativos da África e parece que estão simpáticos aos portugueses.

31

É Veloso no braço confiado,

E de arrogante crê que vai seguro;

Mas, sendo um grande espaço já passado

Em que algum bom sinal saber procuro,

Estando, a vista alçada, co'o cuidado

No aventureiro, eis pelo monte duro

Aparece, e, segundo ao mar caminha,

Mais apressado do que fora, vinha. (pág. 193)

PROF. MONIR: Vinha correndo, quando na verdade deveria ter vindo andando. Esse é o episódio do Fernão Veloso, humorístico. E agora vem um momento extraordinário. Eles estão chegando ao cabo da Boa Esperança, ou cabo das Tormentas, ou Bojador. É o momento mais crítico de toda a história, em que eles depararão um monstro gigantesco chamado Adamastor. Esse monstro nada mais é do que o próprio cabo que se transforma num monstro e vem falar a eles, vem rogar pragas caso eles tentassem continuar a passar pelos seus domínios. Depois Fernando Pessoa escreveu uma poesiazinha

sobre ele chamada *O Monstrengo*. Todo mundo conhece, *O Monstrengo* é uma poesia famosa de Fernando Pessoa. Então vamos ver o que o monstro Adamastor disse para os portugueses. De acordo com esse mapa aqui estamos no vértice inferior da África.

37

Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ũa noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ũa nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
– Ó Potestade – disse – sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

PROF. MONIR: *"Que mor cousa parece que tormenta"*, quer dizer, parece uma coisa terrível.

39

Não acabava, quando ũa figura

Se nos mostra no ar, robusta e válida,

De disforme e grandíssima estatura,

O rosto carregado, a barba esquálida,

Os olhos encovados, e a postura

Medonha e má, e a cor terrena e pálida,

Cheios de terra e crespos os cabelos,

A boca negra, os dentes amarelos.

40

Tão grande era de membros, que bem posso

Certificar-me que este era o segundo

De Rodes estranhíssimo Colosso,

Que um dos sete milagres foi do mundo.

PROF. MONIR: Uma das sete maravilhas do mundo antigo, o Colosso de Rodes. Era uma estátua gigantesca de Apolo, de trinta e poucos metros. Acabou sendo vendida como sucata de bronze. Mas ele está comparando este monstro com o Colosso de Rodes, tão grande era esse Adamastor.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: É, é imaginário. Na verdade, é uma personificação daquele cabo intransponível que é o cabo das Tormentas, tão extraordinariamente forte e poderoso que parece um monstro. Mas é uma personificação poética, apenas. Depois desta descoberta portuguesa é que mudaram o nome. Mas manteve o nome de Bojador. Continua sendo o nome até hoje, Bojador.

C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,

Que pareceu sair do mar profundo.

Arrepiam-se as carnes e o cabelo

A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

41

E disse: – Ó gente ousada, mais que quantas

No mundo cometeram grandes cousas,

Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,

E por trabalhos vãos nunca repousas,

Pois os vedados términos quebrantas

E navegar meus longos mares ousas,

Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,

Nunca arados de estranho ou próprio lenho;

PROF. MONIR: *"Pois os vedados términos quebrantas"*: violas os limites vedados, proibidos. Adamastor está dizendo: "Vocês, portugueses, que não têm limite, vocês que desrespeitam todas as regras que se impõem à humanidade, vêm agora aqui navegar nesses meus mares que nunca nenhum lenho estranho ou próprio já passou".

42

Pois vens ver os segredos escondidos

Da natureza e do húmido elemento,

A nenhum grande humano concedidos

De nobre ou de imortal merecimento,

Ouve os danos de mi que apercebidos

Estão a teu sobejo atrevimento,

Por todo o largo mar e pela terra

Que inda hás-de subjugar com dura guerra.

PROF. MONIR: Ele está fazendo ameaças: *"Ouve os danos de mi que apercebidos"*. Lembram-se do negócio do apercebido? Quer dizer, "Veja os danos por mim preparados". Aperceber com "a" é sempre preparado. Nunca "notar", tá? Nunca é a palavra "notar". *"Ouve os danos de mi que apercebidos* (preparados) */ estão a teu sobejo atrevimento"*. Ele irá recompensar o atrevimento dos portugueses com enormes perigos.

43

Sabe que quantas naus esta viagem

Que tu fazes fizerem, de atrevidas,

Inimiga terão esta paragem,

Com ventos e tormentas desmedidas;

E na primeira armada que passagem

Fizer por estas ondas insofridas,

Eu farei de improviso tal castigo.

Que seja mor o dano que o perigo.

PROF. MONIR: Ameaças terríveis.

44

Aqui espero tomar, se não me engano,

De quem me descobriu suma vingança;

E não se acabará só nisto o dano

De vossa pertinace confiança,

Antes em vossas naus vereis cada ano,

Se é verdade o que meu juízo alcança,

Naufrágios, perdições de toda sorte,

Que o menor mal de todos seja a morte. (págs.197-198)

PROF. MONIR: É o gigante Adamastor querendo realmente que eles se deem mal. O que nos leva para o canto número VI, quando então finalmente reaparece Baco na história. Baco está aborrecido com o fato de que os portugueses já estão quase na metade do caminho. Querendo que os portugueses não acertem de jeito nenhum, Baco vai até Netuno, que é o rei dos mares (Netuno é Posido para os gregos), convence as criaturas do mar de que os portugueses são um perigo imenso e pede ajuda para afundá-los no caminho.

É o que acontecerá agora no 29, no canto VI: Baco falando com os seres do mar.

Canto VI

29

Vistes que, com grandíssima ousadia,

Foram já cometer o Céu supremo;

Vistes aquela insana fantasia

De tentarem o mar com vela e remo;

Vistes, e ainda vemos cada dia

Soberbas e insolências tais, que temo

Que do Mar e do Céu, em poucos anos,

Venham Deuses a ser, e nós humanos. (pág. 229)

PROF. MONIR: Olhem que maravilha. Baco está dizendo assim: "Ó, do jeito que vai, esses portugueses aí vão ser os deuses e nós vamos ser os humanos!"; "Esse pessoal é incontrolável, só faz tudo o que bem entende." Entenderam que é ele querendo que os outros fiquem com raiva dos portugueses? De fato, as criaturas marinhas irão tentar afundar os portugueses. É o que acontece agora. Mas antes disso, antes da tempestade, há um episódio muito engraçado que Camões conta, associado à história de Portugal, que é a história mítica dos Doze da Inglaterra. Essa história é assim: Doze britânicos haviam ofendido algumas mulheres na Inglaterra, feito lá um desaforo para elas com o objetivo estúpido de atrair desafiadores para vir brigar com eles. Aí então disseram: "Quem quiser vir tirar satisfação conosco, estamos esperando aqui". E Portugal mandou doze portugueses fazer isso. Esses doze portugueses foram lá, sendo que o último chegou atrasado – foram onze, e tal, mas acabaram vencendo os britânicos. Não se tem ideia nenhuma da veracidade dessa história, embora todas as pessoas listadas como sendo os doze portugueses tenham tido existência real. Apenas para registro aqui na nossa excursão, está aí destacado o último verso em que os portugueses se vangloriam de terem vencido os doze ingleses e recuperado a honra das mulheres. Muito bem, 66.

66

Gastar palavras em contar extremos

De golpes feros, cruas estocadas,

É desses gastadores, que sabemos,

Maus do tempo com fábulas sonhadas;

Basta, por fim do caso, que entendemos,

Que, com finezas altas e afamadas,

Co'os nossos fica a palma da vitória,

E as damas vencedoras e com glória. (pág. 238)

PROF. MONIR: Viram só? Os portugueses resolveram entrar na parada. Cumprindo aquele pedido de Baco, Netuno manda uma tremenda tempestade que parece que vai afundar a frota inteira. Vasco da Gama então recorre a Deus e implora que Deus os ajude, é o que está aqui nas próximas três ou quatro estrofes.

80

Vendo Vasco da Gama que tão perto

Do fim de seu desejo se perdia,

Vendo ora o mar até o inferno aberto,

Ora com nova fúria ao Céu subia,

Confuso de temor, da vida incerto,

Onde nenhum remédio lhe valia,

Chama aquele remédio santo e forte

Que o impossíbil pode, desta sorte:

81

– Divina Guarda, angélica, celeste,

Que os céus, o mar e a terra senhoreias;

Tu que a todo Israel refúgio deste

Por metade das águas Eritreias;

PROF. MONIR: *"Por metade das águas Eritreias"* é "por meio do mar Vermelho", falado poeticamente – quando Deus salvou os judeus.

Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:

PROF. MONIR: Quem é *"o segundo povoador do alagado e vácuo mundo"*? É Noé. *"Do alagado* (inundado) *e vácuo* (vazio) *mundo"*. Noé teve três filhos, Sem, Cam e Jafé, que repovoaram o mundo.

O Paulo que ele cita ali é Paulo de Tarso, que teria naufragado várias vezes, todas as vezes salvo por Deus. E Sirtes é um conjunto de bancos de areia em que naufragam também, que seguram as ondas.

Vasco da Gama diz para Deus: "Deus, do mesmo modo que você ajudou Noé, que ajudou Paulo, que você defende quanto às Sirtes, por favor, ajude também a nós, portugueses."

82

Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e baixos arenosos,
Outros Acroceráunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

PROF. MONIR: Cila e Caríbdis são dois monstros marinhos que tentam destruir Ulisses na volta para Ítaca. Sirtes, já sabemos o que é. *"Acroceráunios"*: *acro* é ponta, *ceráunios* é raio. É um lugar no meio do mar que atrai raios, uma espécie de rocha. Ou seja, diz ele assim: "Se nós já passamos por todos esses mares, etc, por que você faz isso conosco? Nós somente queremos ajudar você e não temos nada em contrário".

83

Oh, ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela! (págs. 245-246)

PROF. MONIR: Isso também ficou maravilhoso, não? *"De quem se ganha a vida com perdê-la"*, é uma demonstração de prontidão para morrer de Vasco de Gama. O canto VII, que é o próximo, abre com uma exortação à grandeza de Portugal. Então há aqui nesse momento um poemeto de amor a Portugal que é muito interessante.

Canto VII

3

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;

Vós, que à custa de vossas várias mortes

A lei da vida eterna dilatais:

Assi do Céu deitadas são as sortes

Que vós, por muito poucos que sejais,

Muito façais na santa Cristandade.

Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade! (pág. 256)

PROF. MONIR: Nesse momento, na verdade Camões está comparando os portugueses minúsculos com todos os grandes povos que poderiam ter feito muito mais e não fizeram, fizeram menos do que os portugueses pela manutenção do cristianismo. Aí finalmente eles chegam a Calicute. Chegaram à Índia e lá encontram um fulano chamado Monçaide. Monçaide é um árabe que havia se hispanizado, que sabia falar espanhol ou português e que é transformado em guia. É ele quem guiará os portugueses junto às autoridades indianas que eles visitarão. Irá conduzir os portugueses para fazer um pacto comercial com os indianos, que, no fundo, é o objetivo da viagem de Vasco da Gama. Vamos ver como é que começa essa conversa agora entre os portugueses e os indianos.

62

E se queres, com pactos e lianças

De paz e amizade sacra e nua,

Comércio consentir das abundanças

Das fazendas da terra sua e tua,

Por que cresçam as rendas e abastanças

(Por quem a gente mais trabalha e sua)

De vossos Reinos, será certamente

De ti proveito, e dele glória ingente.

PROF. MONIR: É o português falando para o governante indiano, propondo um acordo comercial.

63

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certíssima resposta.

PROF. MONIR: Agora acabou de propor um pacto militar; não um pacto comercial, mas militar.

64

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de Nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O rei e a gente e terra que dissera;

PROF. MONIR: *"Última tenção"* é "última decisão". Então o rei ouviu aquilo tudo, achou-se lisonjeado e disse que ia discutir com os seus conselheiros se

ia ou não fazer negócios com os portugueses. É claro que Baco se aproveita disso para envenenar os indianos contra os portugueses, e é por isso que eles terão que sair correndo daí novamente. O que acontecerá daqui a pouquinho.

65

E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados. (págs. 274)

PROF. MONIR: Então aparentemente o rei lá de Calicute topou. Agora Camões vai interromper um pouquinho a narração para se lamentar às ninfas, e essa lamentação aqui é belíssima, maravilhosa. São as três próximas estrofes em que Camões se queixa – vejam, ele está escrevendo isso numa miséria de dar dó, completamente miserável, doente. Ele não tem nenhum dinheiro, não tem nada e vai se queixar agora às ninfas de ter a mais desgraçada das vidas, apesar de estar contando a mais bonita das histórias. Então aqui há uma interrupção da narrativa, em que a gente agora ouve Camões se queixando da própria vida.

79

Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,

A Fortuna me traz peregrinando,

Novos trabalhos vendo e novos danos:

Agora o mar, agora experimentando

Os perigos mavórcios inumanos,

Qual Cánace que à morte se condena,

Nũa mão sempre a espada e noutra a pena.

PROF. MONIR: *"Os perigos mavórcios* (de Marte, ou seja, os perigos da guerra) *inumanos*, */ qual Cánace"* – Cánace é filha de Éolo, o rei do vento. Ela comete incesto com o próprio irmão e é condenada pelo pai a se suicidar, para o que o pai lhe entrega uma espada. Ela então escreve uma carta de amor ao próprio irmão – numa mão ela tem a faca e na outra mão ela tem a pena escrevendo a carta. Por isso é que ele diz que como Cánace ele está frente à morte – *"nũa mão sempre tem a espada e noutra a pena"*; numa mão ele tem a espada pra lutar, na outra a pena pra escrever.

80

Agora, com pobreza aborrecida,

Por hospícios alheios degradado;

PROF. MONIR: Desculpe interromper aqui. *"Com pobreza aborrecida por hospícios alheios degradado"*. Hospício aqui essa época não é lugar de guardar loucos, mas hospício tem o sentido de hospedagem, de casa. Ele está exilado há dezesseis anos na Ásia, de canto em canto.

Agora, da esperança já adquirida,

De novo mais que nunca derribado;

Agora, às costas escapando a vida,

Que dum fio pendia tão delgado,

Que não menos milagre foi salvar-se,

Que para o rei judaico acrescentar-se!

PROF. MONIR: Esse rei judaico é Ezequias, que pediu a Deus quinze anos a mais pra consertar a vida porque não queria morrer com tantos pecados. Então ele está dizendo que não foi menos milagre ele ter sobrevivido até então do que Ezequias receber os quinze anos a mais.

81

E ainda, Ninfas minhas, não bastava

Que de tamanhas misérias me cercassem,

Senão que aqueles, que eu cantando andava,

Tal prêmio de meus versos me tornassem:

PROF. MONIR: *"Me tornassem"*, quer dizer, "me devolvessem". Que prêmios? Encarceramento, miséria, dor, tudo isso é que ele recebeu em troca de ter cantado os feitos dos grandes portugueses.

A troco dos descansos que esperava,

Das capelas de louro que me honrassem,

Trabalhos nunca usados me inventaram,

Com que em tão duro estado me deitaram! (págs. 278-279)

PROF. MONIR: Ou seja, está mal a vida de Camões. E ele com isso fez uma reclamação às ninfas da sua situação miserável e medonha frente à grandeza que ele tem narrado. O que nos leva para o canto VIII, em que ele fará uma longa e um pouco chata descrição dos reis de Portugal. É o rei lá de Calicute

que está pedindo que ele faça isso, que conte a história dos reis (é claro que Camões está querendo contar a história dos reis para parecer que ele está considerando os reis de Portugal). Mas disso tudo eu só selecionei uma única estrofe, que é a décima, em que ali na frente o rei Malabar, o rei dos indianos, interrompe a narração pra fazer uma exclamação sobre a glória de Portugal.

Canto VIII

10

– Quem é, me dize, estoutro que me espanta –
Pergunta o malabar maravilhado –,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes! (pág. 286)

PROF. MONIR: Então o Malabar diz: *"Quem são vocês, meu Deus, que povo é esse que com quase nada consegue fazer tudo?"* É Camões fazendo o marketing dos portugueses. Aí há finalmente um tratado com o Samorim – Samorim é o nome do rei de Calicute – e esse tratado significa que os portugueses só querem levar provas de que estiveram lá, sinais da sua estadia por lá, e querem então sair tendo um tratado com o rei. O rei, nessa altura, não está ainda envenenado por Baco contra os portugueses. É o que está na estrofe 73.

73

Assi, com firme peito e com tamanho

Propósito vencemos a Fortuna,

Até que nós no teu terreno estranho

Viemos pôr a última coluna:

PROF. MONIR: *"A última coluna"* significa a marca do final do mundo. As colunas de Hércules, que são os montes de Gibraltar, seriam em princípio as marcas do fim do mundo. Eles vieram botar mais longe.

Rompendo a força do líquido estanho,

Da tempestade horrífica e importuna,

A ti chegamos, de quem só queremos

Sinal que ao nosso Rei de ti levemos. (pág. 304)

PROF. MONIR: Muito bem, no canto IX eles descobrem que serão traídos, porque Baco envenena nos sonhos o rei de Calicute contra os portugueses dizendo que eles são bandidos. Aí então eles fogem de lá levando consigo as provas de que estiveram na Índia para provar o feito.

Canto IX

13

Parte-se costa abaixo, porque entende

Que em vão co'o rei gentio trabalhava

Em querer dele paz, a qual pretende

Por firmar o comércio que tratava;

Mas como aquela terra que se estende

Pela Aurora, sabida já deixava,

Com estas novas torna à Pátria cara,

Certos sinais levando do que achara. (pág. 318)

PROF. MONIR: E vão embora. Fazem o caminho de volta, pelo mesmo caminho, voltando para Portugal. E aí então Vênus, que os protege, para poder recompensá-los por aquele esforço enorme começa a organizar uma premiação aos portugueses. O que Vênus pretende fazer está aqui descrito na estrofe dezoito.

18

Porém a Deusa cípria, que ordenada

Era, para favor dos Lusitanos,

Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,

Que sempre os guia já de longos anos,

A glória por trabalhos alcançada,

Satisfação de bem sofridos danos

Lhe andava já ordenando, e pretendia

Dar-lhe nos mares tristes alegria. (pág. 320)

PROF. MONIR: Então a Cípria, que é Vênus, vai organizar agora uma compensação para os portugueses. E essa compensação é o que está em seguida, no 72.

72

Outros, por outra parte, vão topar

Com as Deusas despidas que se lavam;

Elas começam súbito a gritar.

Como que assalto tal não esperavam;

Ũas fingindo menos estimar

A vergonha que a força, se lançavam

Nuas por entre o mato, aos olhos dando

O que às mãos cobiçosas vão negando; (pág. 337)

PROF. MONIR: Quase nuas, não é? *"Aos olhos dando / o que às mãos cobiçosas vão negando"*. Na verdade o que faz Vênus é colocar no caminho de volta uma ilha mítica, chamada ilha dos Amores, onde os marinheiros portugueses se encontram então com ninfas nuas organizadas por Vênus com o objetivo de premiá-los pelos grandes esforços que fizeram na conquista da Índia. Isso é mais ou menos quando acaba a excursão, na ilha dos Amores, tendo começado na praia das Lágrimas um ano e meio antes, por aí. E com isso vamos para o último canto. Nesse último canto, lá na ilha dos Amores, há uma profecia sobre o futuro dos portugueses feitos pela Sirena, que é uma sacerdotisa e diz o seguinte dos portugueses:

Canto X

73

Estes e outros barões, por várias partes

Dignos todos de fama e maravilha,

Fazendo-se na terra bravos Martes,

Virão lograr os gostos desta ilha,

Varrendo triunfantes estandartes

Pelas ondas que corta a aguda quilha,

E acharão estas Ninfas e estas mesas,

Que glórias e honras são de árduas empresas. (pág. 370)

PROF. MONIR: Os portugueses serão sempre recompensados pelos seus esforços e seus heroísmos com fartas ninfas e fartas mesas, com as duas coisas ao mesmo tempo. E para mostrar que eles são agora como deuses – e só um deus poderia presenciar o que eles presenciarão – serão levados a ver a máquina do mundo. A máquina do mundo é aquela máquina mística que é composta das esferas celestes, as sete esferas celestes que nós vemos na *Divina Comédia*, que se movimentam cada uma mais ou menos de acordo com certa velocidade, num certo sentido. Os portugueses então verão isso apenas para mostrar que do ponto de vista camoniano eles se tornaram como deuses; só os deuses poderiam ver. É o que acontece no próximo pedacinho, o 80.

80

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e Elemental, que fabricada
Assi foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende. (pág. 374)

PROF. MONIR: E aí então, no próximo pedacinho, o 138, Camões resume o que havia acontecido.

138

Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,

Abrindo a porta ao vasto mar patente,

Que com tão forte peito navegais.

Mas é também razão que, no Ponente,

Dum lusitano um feito inda vejais,

Que, de seu Rei mostrando-se agravado,

Caminho há-de fazer nunca cuidado. (pág. 391)

PROF. MONIR: Esse *"Dum Lusitano um feito inda vejais"* é Fernão de Magalhães, que fará a primeira circunavegação do mundo. Fernão de Magalhães fará a primeira volta ao mundo, ainda que o faça sob a bandeira da Espanha, porque brigou com o rei de Portugal e foi servir ao rei espanhol. Então *"Dum Lusitano um feito inda vejais, / que, de seu Rei mostrando-se agravado* (brigado com o próprio rei), */ caminho há-de fazer se nunca cuidado".* E foi fazer esse caminho da circunavegação da terra. Ele está dizendo que ainda vai haver o Fernão de Magalhães, que os americanos chamam de Magellan (Nunca ouviram falar em Magellan? Esse Magellan é o Magalhães). Aí finalmente Camões acaba o poema. Tenho aqui os dois últimos versos com ele fazendo então uma última invocação ao rei de predisposição a todo o tipo de sacrifício. Vamos ver o que Camões diz agora sobre si próprio.

155

Para servir-vos, braço às armas feito;

Para cantar-vos, mente às Musas dada;

Só me falece ser a vós aceito,

PROF. MONIR: *"Só me falece"* – só falta que você me aceite (o rei Sebastião, certo?).

De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada
– Como a pressaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina –,

156

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja. (pág. 396)

PROF. MONIR: Então explicando isso, para que fique bem claro: *"Ou fazendo que, mais que a Medusa, / a vista vossa tema o monte Atlante"*. Quer dizer, eu como poeta vou fazer com que o monte Atlante, que é uma grande montanha, tema a ver o senhor mais do que ver a cara da Medusa. A Medusa era aquele ser que, ao se olhar para ela (uma das fúrias), transformava o que a olhava em pedra. Então ele faz com que o monte Atlante tenha mais medo de olhar para dom Sebastião do que para a Medusa.

*"Ou rompendo nos campos de Ampelusa / os muros de Marrocos e Trudante."* Ampelusa é uma região lá da África e Marrocos e Trudante são país e localidade da África.

*"A minha já estimada e leda musa / fico* (creio, acredito) *que em todo o mundo de vós cante* (a minha musa vai cantar ao senhor em todos os lugares), *de sorte que Alexandre em vós se veja"*. Ao visitar o túmulo de Aquiles, Alexandre O Grande disse que não tinha inveja de Aquiles, mas de não ter tido um Homero que cantasse os feitos dele como Homero cantou os feitos de Aquiles. Então: *"de sorte que Alexandre em vós se veja, / sem à dita de Aquiles ter enveja,"* ou seja, é como se Alexandre olhasse para o túmulo de Aquiles e soubesse que teria um cantor e um poeta que o homenageasse tão grande quanto Homero, que é ele, Camões. Esta última estrofe é obviamente pra convencer o rei Sebastião a lhe dar uma pensãozinha. De fato saiu a pensãozinha de 12 mil dinheiros, e essa pensãozinha era uma miséria tão grande, tão grande, que não dava pra comprar nem a cachacinha direito.

Camões morreu na miséria absoluta, tendo lá uma pensãozinha, dada meio sem saber por quê, por este rei que morre dois anos antes da morte de Camões (sabe-se Deus se a pensão continuou existindo depois). Mas o que Camões diz lá do início é que ele não só morreu na pátria (tendo voltado à pátria depois de muitos e muitos anos), como também morreu com a pátria – a pátria morre com ele, porque a pátria afinal morreria sob o jugo da família real espanhola dos Filipes, que ficarão durante sessenta anos mandando em Portugal.

Essa é uma das histórias mais extraordinárias que alguém já contou. Lemos mais ou menos 10% do livro aqui; é claro que, se vocês lerem todos os outros 90%, vão se divertir muito mais do que lendo apenas 10%. Não é difícil; o que é difícil é o fato de que, sendo linguagem poética, há sempre essas inversões, etc. Dá um certo trabalho para ler, mas não é difícil realmente. O que é mais difícil é o fato de que há muitas menções mitológicas, e como não

se tem mais nenhuma cultura mitológica, isso vai tornando a leitura muito quebrada pela procura no dicionário. Mas eu queria muito que vocês não se deixassem seduzir por essa falsa dificuldade e que fizessem um dia na vida de vocês o esforço de ler sinceramente toda essa obra para compreender a grandeza de Camões, o tamanho extraordinário que Camões tem, e compreender o sentido geral da obra que eu gostaria muito de resumir, depois que você disser a sua dúvida.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Não, é que a gente esquece que naquela época qualquer pessoa que tivesse ido para a escola sabia quem era Afrodite, Vênus – esse é o problema de hoje. Hoje não se tem a menor ideia. Hoje em dia, se você disser Romário, Ronaldinho, todo o mundo sabe quem é; então as referências de pessoas são outras. Agora, se eu falar Dido, ninguém sabe que é. É uma personagem importantíssima, é quase a personagem mais importante da *Eneida*, por exemplo. A rainha Dido tem um sentido simbólico extraordinário maravilhoso. Nós perdemos completamente a noção dessa simbologia, porque a nossa educação de alguma maneira jogou isso tudo fora. Não há quem tenha hoje qualquer ideia sobre mitologia, não há quem tenha a menor ideia sobre o sentido simbólico das coisas. Sempre digo para vocês que o problema do mundo moderno é que ele não é mais capaz de ler símbolos, só é capaz de interpretar alegorias. Alegorias todo o mundo sabe fazer. Agora, os símbolos todo o mundo perdeu, porque pra você poder entender a simbologia, é preciso entender bem a quê aquela simbologia se refere, porque o símbolo obrigatoriamente tem uma ligação visceral com a coisa simbolizada. O símbolo nunca é arbitrário, ele sempre tem alguma ligação concreta e real. Pode ter mais de uma ao mesmo tempo, não tem

importância, mas sempre é real e visceral, concreta. O problema desse tipo de leitura é que de alguma maneira tornou-se um pouco obsoleta para o leitor moderno. A média do nosso grupo aqui é muito mais culta do que a média do leitor brasileiro normal. Mesmo assim, é um livro que dá trabalho e que ficou muito mais fácil de ler depois que eu contei pra vocês a estrutura da obra: vocês compreenderam como a obra se desloca; todos os fatos centrais da obra estão aqui descritos no plano geral da obra que vocês receberam.

É uma obra que fala da condição humana – uma obra imorredoura, que deverá resistir a todos os tempos (ao menos enquanto alguém ler português). Também pode ser que aconteça de desaparecerem os leitores de português, isso nunca se sabe. Não que eu deseje isso, mas sempre pode acontecer que o processo submirja completamente. Mas acho que vale a pena dizer que esta obra que poderá ser lida em qualquer época, por qualquer um que tenha as condições de olhar para ela e entendê-la, com um pouco de esforço.

A obra *Os Lusíadas* fala dos portugueses, mas fala mais do que dos portugueses: fala da própria cristandade. De todas as epopeias, é a mais cristã. O *Paraíso Perdido* de John Milton também é uma epopeia cristã, mas é diferente porque inglesa, e os ingleses são sempre cristãos diferentes dos portugueses, sobretudo porque John Milton já teve influências protestantes muito grandes. A visão católica é muito, mais muito mais sentimental, muito mais afetiva, o que é o caso aqui desta obra. Não há nenhuma epopeia cristã do mesmo tamanho que essa. Camões apresenta o homem na sua pequenez absoluta, na sua subjetividade, comparado com a objetividade das coisas em volta. Compara o homem dentro de uma existência que o transcende e o transforma numa espécie de vítima, numa espécie de herói

– que é o sentido próprio do homem da *Ilíada*. Aquiles e Heitor, embora sejam digníssimos, podem fazer atos heroicos ao extremo. A ideia central de *Os Lusíadas* está na possibilidade de heroísmo de um certo povo.

Retomando aquela conversa que já teve hoje aqui: entre o céu e a terra, o que transforma uma sociedade em heroica é a escolha do céu, sempre. Nunca a escolha da terra. É por essa razão que todos os impérios – todos, sem exceção – e agora prestem atenção nisso, pessoal, é sem exceção mesmo – são 100% de natureza religiosa. Não há império de natureza laica, nunca houve. Todos os impérios que existem e que já existiram no mundo tiveram natureza religiosa. Os impérios de natureza laica são todos pseudo-impérios ou são muito pequenininhos, como o de Hitler. Hitler queria fazer os mil anos do *Reich*; fez uns 20 anos – de 1933 a 1945. Não adiantou nada, o terceiro *Reich* não teve império nenhum.

Todos esses imperiozinhos... O império soviético, por exemplo, quando terminou era um negócio que nem sabia fazer uma pasta de dente. Não tinha nem cristãos, nem fiéis, nem nada. Tinha só gente chateada, aborrecida, desesperada pra se mandar. Toda a vez que você tentar criar um império com um processo laico, sempre vai dar com os burros n'água, porque você cria situações muito pouco perenes, ou seja, muito ocasionais, muito episódicas, que irão desaparecer rapidamente na medida em que algum fato do mundo se modifica. Agora, se você pega, por exemplo, todas as grandes situações históricas e imperiais, sempre irá descobrir que na origem de todas elas existe uma adesão religiosa. Quem diria que uma tribo de guiadores de camelo, como os árabes, sessenta anos depois do islamismo iria ter um império que iria da Índia até a Espanha?

Não há nenhuma maneira de se entender isso a não ser pela presença do aspecto religioso. Não há explicação militar, não há explicação econômica, não há nenhuma espécie de explicação que não seja a explicação religiosa. Pois é mais ou menos esse milagre que aconteceu em Portugal. O pequeníssimo Portugal, um país de nada, que começa como uma tribo de celtas lutando contra os romanos, com o heroísmo desse Viriato, vai aos pouquinhos se transformando numa província romana. Vira Porto Calo, Porto do Galo, Portugal. E vira então uma provinciazinha romana. Essa provinciazinha romana, Porto Galo, é a primeira a se tornar um país moderno. Nenhuma outra se transformou num país moderno, porque a França, tal como existia naquela época, não era exatamente a França moderna, era uma França muito menor, muito diferente desta que encontramos hoje. A Espanha também não estava consolidada, porque basicamente foi tomada pelos árabes. Só em 1492 é que os árabes são expulsos da Espanha.

Em 1314, Portugal já tinha uma estrutura capaz de receber os templários que fugiam da França. Os templários foram mortos, assassinados, proscritos, destruídos – mas se forma em Portugal a Ordem da Cruz, com o que havia sobrado dos templários franceses. Antes da Ordem da Cruz havia a Ordem de Avis, que já tinha criado uma tradição religiosa em Portugal. Por isso que, já em 1300 e alguma coisa, Portugal já é um país moderno, no sentido moderno da palavra, em plena Idade Média. A Itália não existia. A Itália só vai existir por volta de 1871.

A França existia parcialmente apenas. A Espanha era ainda um conjunto de reinos que lutavam contra os árabes que a haviam conquistado totalmente ou quase totalmente; restavam apenas os reinos do norte, os reinos do sul já não existiam mais. A Inglaterra existia nessa época, mas a Inglaterra é

uma ilha; é sempre diferente, a Inglaterra. A Alemanha não era nada: era um conjunto de baronatos chamado Sacro Império Romano Germânico, que tentavam ser um império europeu, mas não conseguiam e estavam mais brigando entre si do que propriamente com os outros. A Alemanha só se torna um país moderno na segunda metade do século XIX. É só a partir da *Zollverein* (a União Aduaneira), que se faz depois a unificação na Alemanha. De modo que Portugal em 1300 é o país mais importante, é o país mais precoce da Europa. Lisboa, por volta de 1500, era a cidade maior da Europa, porque era um porto, e é óbvio que todo o transporte marinho para as Índias passaria por Lisboa. Portugal tornou-se um colosso muito acima das expectativas porque produziu a fórmula do império associado ao projeto religioso. Essa é a única explicação possível pra esse pequeno país ter a dimensão que teve, esse extraordinário sucesso político civilizatório que teve Portugal. Quando Portugal decidiu montar o seu império associado com princípios de expansão, quer dizer, expandir o império expandindo também a fé, foi possível produzir esse milagre extraordinário, nunca mais reproduzido no mundo.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: É que a mitologia no tempo de Camões já é apenas uma referência literária, não tem nenhuma importância real. Se você pega Aristóteles, por exemplo, ele sempre se refere aos deuses de um modo instrumental: "De acordo com tal deus...", mas não é que Aristóteles acredite de fato nos deuses, mesmo porque o que acontece na Grécia é que o auge da mitologia é aí pelo ano 1000 a.C. – e *A Ilíada* foi escrita pelo ano 700 a.C., 300 anos depois deste auge. A religião grega é uma religião sem grandes práticas. Você tinha os altares nas cidades, que homenageavam um certo

deus, e tinha os oráculos, como por exemplo o oráculo de Delfos. Existiam vários oráculos, mas fora isso não tem religião grega, porque a religião grega é um culto a um certo deus. Só. Um deus que você cultua fazendo oferendas, sacrifícios não humanos. Para um grego, um sacrifício humano é uma coisa ignóbil, medonha, horrorosa (embora tenham sido feitos eventualmente, como é o caso de Efigênia, por exemplo). Para um grego, se sacrificavam animais, basicamente os cordeiros. O cordeiro era o animal preferido, a ovelha pagava o sacrifício humano. Aí a religião grega vem decaindo, decaindo, caindo, caindo, caindo – e decair significa a perda da fé nos deuses em si próprios. Começa a haver a sensação de que os deuses eram meras referências pantográficas. É assim: o Deus cristão é o Deus perfeito de que somos imagem e semelhança, nós parecemos com ele de alguma maneira. Os deuses gregos são imagem e semelhança do homem. É exatamente o inverso do processo. Aí os deuses vão perdendo prestígio e a religião grega não tem mais capacidade de ser fonte de renovação cultural. Então surge o teatro grego, lá pelo ano 500 a.C., para substituir a religião grega que já estava perdendo força. O teatro grego vem como um raio que ilumina tudo maravilhosamente, com os três grandes dramaturgos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides, que se conhecem e são contemporâneos. Quando esses três morrem, o teatro cai novamente no abismo. A cultura grega perde aquela força fundamental que será recuperada em seguida, rapidamente, por um prazo muito curto, pela filosofia grega com Sócrates, Platão e Aristóteles. Com a morte de Aristóteles em 322 a.C., a Grécia então perde completamente o elã, o vigor cultural, e mergulha numa terrível decadência. Depois de Aristóteles vêm uns pseudo-filósofos como Epicuro, como Diógenes. É mais ou menos como se saísse a Orquestra Filarmônica de Berlim tocando Bach e entrasse no lugar Teixeirinha cantando *Churrasquinho de Mãe*, Essa é a comparação possível da decadência. Quer dizer, não teve

nenhuma comparação, entenderam? Sai a *Paixão Segundo São Mateus* e entra o Teixerinha cantando *Churrasquinho de Mãe*. Esse é o contraste que aconteceu entre a filosofia de Aristóteles e os sucessores, que não eram alunos de Aristóteles, graças a Deus. Eram Epicuro e Diógenes, gente sem a menor importância. E a Grécia desaparece do mundo cultural. Hoje a Grécia é uma espécie de balneário e o mundo só terá nova recuperação da luz cultural com o cristianismo, que ainda demoraria trezentos anos para aparecer.

O cristianismo vem desse barco. O que houve foi a transformação do espaço cultural grego – a Grécia cai sob o domínio alexandrino, primeiro pelo pai Filipe [da Macedônia], depois por Alexandre [o Grande]. Cria-se um domínio, primeiro alexandrino, depois romano, em que a Grécia vira só uma referência cultural geral. Tanto é que o idioma no qual a Bíblia foi escrita no Novo Testamento é o grego *koiné*, linguagem mais ou menos popular naquela época. Só o cristianismo recupera depois essa espécie de luz do mundo, porque ela desaparece completamente na Grécia. Há uma pequena recuperação grega com os neoplatônicos – Plotino, basicamente, no início da era cristã. Porfírio já é latino. Há um pouquinho de filosofia em Roma, mas Roma não era um país de filósofos. Não era um país dado à especulação, tanto é que a sua contribuição maior será o direito, e não a filosofia. Depois o mundo mergulha na Idade Média. Embora todo mundo fale muito mal, acho que é um dos mais extraordinários momentos da história humana. Uma época capaz de fazer aquelas catedrais góticas, capaz de fazer a *Divina Comédia*, não pode ser chamada de modo nenhum de época da escuridão. Há coisas extraordinárias, tão extraordinárias naquilo que são quase inacreditáveis. E a Idade Média foi formatada de verdade a partir do dia 25 de dezembro de 800 d.C., que é o dia em que Carlos Magno funda o império

carolíngio. Exatamente no dia de Natal do ano 800 d.C. Aí então é que a Idade Média pega uma forma. Em seguida tem a escolástica, as catedrais, a continuação do ensino das artes liberais (o trivium e o quadrivium), e você tem toda a maravilhosa produção artística e a produção cultural da Idade Média, até hoje inigualada. Ninguém foi capaz de fazer o que os escolásticos fizeram, são Tomás de Aquino e companhia. Isso tudo vai sumindo a partir do século XIV. Costumo considerar o ano de 1314, o ano em que os templários são mortos, como sendo o ano limite da Idade Média, o início da era moderna.

E a era moderna caracteriza-se por uma rebeldia contra o esquema de poder da Idade Média, porque a Idade Média tentou reproduzir no mundo ocidental o mesmo esquema de divisão de funções que existia na Índia, que era a ideia de que há uma casta superior chamada bramânica, a casta sacerdotal, que guia os outros; uma casta inferior chamada casta guerreira, que protege os outros; abaixo dessa uma casta econômica, chamada casta comerciante, que alimenta os outros; e embaixo a casta servil, que obedece aos outros. Esse esquema social da Idade Média é muito difícil de manter. É baseado na subordinação do poder temporal ao poder espiritual, que é a ideia de que o príncipe tem que pedir licença ao papa – uma extraordinária salvaguarda para nos proteger do príncipe. Não havia nenhuma salvaguarda maior para alguém do que um papa poderoso, porque o príncipe pensava duas vezes antes de te perseguir, e isso foi completamente destruído pelo Filipe IV, o Belo, que em 1314 não só destrói os templários como também se declara rei absolutista. Ou seja, cria a ideia de que agora os reis não precisavam mais pedir licença para ninguém, que governariam absolutamente.

Esse é o modelo que vai para a Europa inteira até ser destruído na Revolução Francesa, em 1789. Nesta data então cria-se um modelo novo, o modelo republicano de representação popular, que por ser de representação popular não é necessariamente melhor do que o anterior. Antes o rei não podia fazer o que bem entendia porque se achava prisioneiro das regras da religião. Por exemplo, o rei Luís XVI, morto na Revolução Francesa, jamais imaginou a possibilidade de serviço militar. O rei queria fazer uma guerra? Pois ele que botasse uma placa na porta: "Contrata-se soldado". E aí fazia exércitos mercenários. A primeira coisa que faz a Revolução Francesa é inventar o serviço militar, porque quando você tira essa subordinação do temporal ao espiritual, você entrega um poder ilegítimo ao temporal. Então o temporal fará o que faz hoje. Eles farão todas as barbaridades possíveis e dirão que estão fazendo isso em seu nome, que é o povo que governa, quando na verdade quem governa são eles. Você não concorda com nada disso, no entanto eles impõem tudo isso como legítimo, porque "o povo é que governa". Esse é o lema da Revolução Francesa. Há um livro maravilhoso – esse ano eu tentei fazer um grupo de leitura em francês desse livro, não foi possível conseguir candidatos suficientes. Chama-se *Du pouvoir: histoire naturelle de sa croissance* (*Do poder: a história natural do seu crescimento*), que é um livro de Bertrand de Jouvenel sobre a política do século XX. É um livro genial, em que esse Jouvenel, que é francês, analisa o quanto a liberdade tem diminuído na medida em que ela aparentemente cresce. Há uma contradição entre o grau de liberdade que você aparentemente tem com aquele que você de fato tem.

Esta destruição da dependência, da subordinação do temporal ao espiritual é a raiz da tirania moderna, porque na tirania moderna o Estado irá assumir as funções de Deus. César redivivo assume as funções de Deus e declara a

sua autonomia, a sua autoridade. Essa é a origem do totalitarismo moderno, de toda a violência, de toda a barbaridade moderna. Pois o modelo de *Os Lusíadas* é o modelo contrário, é o modelo de que só existe império se houver antes fé. Não é possível ter um império que não seja resultado de um processo de fé. T. S. Eliot, um grande poeta americano, escreveu a poesia que talvez seja considerada a melhor poesia no século XX, *The Waste Land,* que significa mais ou menos *Terra Gasta*. Aliás, *The Waste Land* estará no nosso programa aqui do ano que vem. T. S. Eliot dizia: não é que as civilizações sejam religiosas; toda a cultura de alguma maneira é religiosa. Não há cultura humana sem uma base religiosa anterior. É impossível haver. Então, a descrição que Camões faz da saga portuguesa é a confirmação cabal desta equação: sem a base religiosa não é possível haver um processo de conquista territorial ou qualquer que seja; não é possível haver uma existência civilizatória no sentido colonialista (porque afinal de contas trata-se aí de um colonialismo). Foram os portugueses que inventaram o colonialismo. Aquela conversa entre o português e o indiano: "Ó, se você vai me dar a resposta certa...", aquilo é conversa de colonialista, mesmo. Mas nenhum colonialismo é possível se não for anteriormente feito com base numa proposição religiosa.

Portanto, ou há civilização religiosa, ou não há civilização nenhuma. E é por isso que a gente tem que olhar para a nossa aqui e imaginar qual é o potencial que você tem para ter uma civilização laica. Porque eu passo o dia inteiro ouvindo pessoas dizendo assim: "Tem que tirar mesmo o crucifixo da sala de aula, porque o Estado é laico. E se tiver um judeu? Vai ficar ofendidíssimo porque tem lá um crucifixo." Essa conversa moderna de construir uma civilização laica é autocontraditória. Não é possível fazer. Não sei se isso que estamos fazendo é uma espécie de auto-sabotagem terrível

de nossas possibilidades civilizatórias. O negócio é tão grave, tão grave, que num colégio religioso aqui em Curitiba, onde minha filha estudou, não se dá aula de catolicismo, dá-se aula de educação religiosa. A título de medo de que alguém reclame, que um judeu reclame, um islâmico reclame, sei lá. Ora, um colégio católico não se acha mais no direito de dar aula de catolicismo! Não parece a vocês o fim do mundo? Porque pelo menos nesses colégios devia-se dizer: "Olha, isso aqui é um colégio católico." Se alguém se ofende, que vá assistir aula no colégio judaico. Ponto. Ou vá assistir aula no colégio do governo, que não tem aula de religião nenhuma. Esse é o problema todo que precisamos entender, a partir dessa experiência dos *Lusíadas*. Não obstante a qualidade extraordinária do texto, devemos entender que é a experiência humana possível. Isso que está aí nos *Lusíadas* é a única possibilidade existencial humana, em última análise. Não é possível construir uma civilização sem uma base religiosa, não é possível construir uma existência individual sem uma base religiosa verdadeira, seja qual for o modo como você enxerga essa base religiosa. Não precisa ser uma base religiosa carola, mas, em outras palavras, você não consegue construir uma existência que funcione sem viver aquela tensão entre o espírito e ter matéria (entre a terra e o céu, entre o pai espírito e a mãe terra) de uma maneira voltada pra cima, ou seja, de uma maneira em que você ajuste sempre o olhar para o alto – a não ser que você queira ser como dom Hélder Câmara, de quem Nelson Rodrigues dizia que só olhava para o céu pra saber se tinha que sair de guarda-chuva de casa (Nelson Rodrigues não perdoava dom Hélder Câmara).

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: A mitologia grega, nessa hora, é apenas imagem literária, não tem conotação religiosa. Entende que a mitologia não tem nenhum significado a não ser de imagem literária? Ninguém acredita de fato naquilo, tanto é que a Inquisição aprovou. Ou seja, aquelas imagens eram apenas literárias, não eram imagens reais. É apenas liberdade poética, digamos assim, não têm nenhuma importância em si mesmas.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: De fato, a Escola de Sagres não existiu. Era uma escola virtual. Henrique, o Navegador não era rei, era príncipe – segundo na linha de sucessão do trono. Então, não tinha o que fazer. Ele montou num lugar chamado Sagres, no sul de Portugal, uma propriedade onde ficava chamando todos os grandes entendidos em assuntos de navegação pra conversar: tinha lá um italiano que entendia de velas – ele trazia; tinha um fulano francês que entendia de cartografia – ele trazia; tinha outro que entendia de construção naval... O que ele fez durante muitos anos foi colocar em contato pessoas que tinham uma sabedoria específica naquele assunto e criar uma interatividade como se fosse uma comunidade de aprendizado, o que fez com que aquela interação fosse gerando soluções tecnológicas. Por exemplo, a caravela foi uma invenção da Escola de Sagres, e o mapa que Cristovão Colombo usou para ir para a América (que ele sabia muito bem que existia) foi feito pela Escola de Sagres. O que havia ali era uma reunião virtual de pessoas que entendiam muito bem de assuntos marítimos e conversavam entre si. Não era virtual porque tinha meios virtuais, mas eram encontros de mútua fertilização, digamos assim. Isso é que era a Escola de Sagres. Nunca foi uma escola no sentido próprio da palavra, não existe nenhum prédio que se possa dizer: “Aqui era a escola”. Isso não existe.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Na verdade isso tudo foi um grande acordo. Veja, a América foi descoberta em 1492, o tratado de Tordesilhas é de 1498 e o Brasil foi descoberto em 1500. Ora, por que vocês acham que a Espanha assina um acordo com Portugal dividindo um lugar se Portugal teria descoberto esse mesmo lugar só dois anos depois? Porque obviamente Portugal tinha descoberto tudo antes. Hoje em dia já existem informações dizendo que os portugueses estiveram na costa brasileira muitas vezes antes de Pedro Álvares Cabral. O que na verdade havia era um acordo feito pelos descobridores com Roma, porque os outros não tinham ideia do que estava acontecendo. Quer dizer, os outros países não tinham as mesmas informações. Então, o que eles fizeram? Sentaram e fizeram um acordo lusitano ou espanhol, um acordo de parceiros, de compadres, para acertar aquilo.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Às vezes, inimigos; às vezes, amigos – esse é o problema de Portugal e Espanha. Eles não são amigos nem inimigos o tempo todo, ficam alternando sentimentos um pelo outro. De vez em quando eles se tornam amigos, depois são inimigos, depois são amigos...

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: A Inglaterra queria era derrubar os franceses, porque os franceses é que eram o problema, não era Portugal. Os ingleses viam no apoio a Portugal uma maneira de parar os franceses, parar Napoleão

Bonaparte, no caso. Portugal nunca teve muita importância na Europa porque era um país de exportação – de saída, e não de entrada.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Sempre a partir de religiões, sempre. Os russos nunca foram um grande império. Os romanos eram um povo profundamente religioso, só que na religião romana. Eles tinham uma noção de justiça divina, de *Diké* (que é o nome grego pra isso); os romanos tinham uma ideia de que estavam destinados a governar o mundo inteiro; tinham uma ideia de civilização muito forte. Toda a civilização romana é baseada na ideia dos seus próprios deuses, só que eles não tinham para com esses deuses uma visão de muita devoção. Mas todo o oficial do exército romano era ao mesmo tempo sacerdote. Todo. Havia a coincidência obrigatória. O subchefe do exército romano tinha na sua casa um nichozinho onde ele fazia lá uma homenagem a Vesta, que é a deusa da casa, de onde vem o nome "vestal". Os romanos tinham uma visão de religião muito alta, era um povo muito moralista. A gente fica conhecendo os romanos a partir desses malucos, Calígula e não sei o quê – que foi quem fez sucesso. Mas os romanos duraram mil anos, e durante esse tempo todo eram um povo austero que não fazia nada errado. Moralista ao extremo, tímido. Os romanos não eram isso que a gente pensa que eles eram, não. São muito fortemente religiosos, os romanos.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Sábado passado eu fiz em Paranavaí uma interpretação dos doze trabalhos de Hércules. Então quando você olha para Hércules nos seus doze trabalhos, percebe a dimensão educacional que aquilo tem. Extrema,

enorme, profundíssima. É muito diferente do Pikachu, entende? O Pikachu[1] tem lá uma certa graça; deve ter algum mérito, não é? Mas o problema é que nós saímos do Hércules e viemos para o Pikachu como modelo de herói. Acho que houve um rebaixamento de nível extraordinário. E a maior parte desses heróis modernos são completamente incapazes de produzir qualquer espécie de percepção profunda. Houve uma espécie de futilização da vida. Aquilo que Paul Diel chama de "banalização do mundo". E é essa banalização que impede que se perceba qualquer coisa.

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Alguma coisa vai acontecer. Não sei o que é, mas alguma acontecerá, com toda a certeza. A primeira hipótese é a islamização do mundo. É por isso que os islâmicos crescem mais do que os outros. Mas a islamização do mundo é, por outro lado, muito intragável. Nós não vamos querer ser islâmicos. Não sei se é viável, se consegue chegar até o fim. Alguma coisa vai acontecer pra reverter a situação. Alguma coisa acontecerá. Eu não sei bem o quê. Ninguém sabe, na verdade, e nós não vamos continuar com isso, porque esse mundo que insiste na laicidade é um mundo autoimplosivo. A civilização autoimplode, ela implode a si própria, sozinha. E essa é uma das possibilidades reais e concretas do nosso momento atual, de passarmos por esse processo. Não sei o que é, mas alguma coisa deve acontecer. Vocês não sentem uma sensação estranha de que alguma coisa possa vir a acontecer no mundo? Vocês não sentem uma certa inquietação?

ALUNA: *(Faz comentário.)*

1 Nota da transcritora: Pikachu é uma das espécies fictícias de criaturas pertencentes à franquia japonesa Pokémon criada por Satoshi Tajiri—composta por videogames, anime, mangás, livros, cards e outros. Fonte: Wikipédia

PROF. MONIR: Pessoal, acho que precisamos parar né?

ALUNOS: *(Risos.)*

# Fédon

*Palestra do professor José Monir Nasser em 14 de agosto de 2010 em Curitiba. Resumo feito pelo prof. Monir, com excertos traduzidos por Carlos Alberto Nunes, retirados de Platão-Diálogos: Protágoras – Górgias – Fédon, Editora Universitária UFPA, 2ª. Ed., Belém do Pará, 2002.*

# Fédon

PROF. MONIR: Fédon, a obra de que vamos falar hoje, é para ficar estudando 20 meses, se tivéssemos este tempo, por sua importância e grandeza. É um livro de Platão, um diálogo platônico. Sobre Platão há uma quantidade enorme de coisas a dizer.

Platão é quase o maior filósofo da história. É difícil saber quem é o maior. Eu já decidi, já tomei uma decisão na vida: segundas, quartas e sextas, sou platônico. Terças, quintas e sábados, sou aristotélico. De modo que não tenho mais esse problema de ter que decidir entre esses dois. Aliás, essa pretensa disputa entre Platão e Aristóteles é tipicamente um assunto bizantino, não tem cabimento nenhum. Os dois têm importância enorme. E estão profundamente associados, como se na prática cada um deles fosse um náufrago que tomasse a decisão de dar a volta numa ilha, cada um por um lado, e eles se encontrassem lá no outro lado da ilha, no final das contas. Há entre Platão e Aristóteles essa enorme sintonia.

O nosso livro de hoje é especialmente emocionante porque narra, entre coisas muito importantes, o último dia da vida de Sócrates. A história toda

começa com Sócrates. O que se chama de filosofia grega clássica é este trio: Sócrates, Platão e Aristóteles, nesta ordem.

Sócrates não tem obra, nunca escreveu uma linha. Não é que tenha se perdido a obra de Sócrates; ele não escreveu por convicção. Temos então Sócrates, Platão e Aristóteles, sendo que o que se sabe de Sócrates está 90% em Platão, 5% em Xenofonte, outro aluno de Sócrates, e 5% em diversas fontes. Platão é a maior de todas as fontes sobre Sócrates.

Os diálogos platônicos são tecnicamente diálogos socráticos. Diálogo é um gênero literário, uma maneira de falar de filosofia em que há uma conversa entre personagens. Essa conversa é em quase todos os casos dirigida por Sócrates, mas não em todos. Existem dois ou três diálogos em que quem dirige a conversa é o famoso estrangeiro de Eleia. Há outro diálogo, o *Leis*, em que quem dirige a conversa é um sujeito chamado Estrangeiro.

Você tem também o caso típico do livro chamado *Apologia de Sócrates*, que não é um diálogo propriamente dito, mas apenas uma espécie de documento histórico, uma descrição do que aconteceu no julgamento de Sócrates. A *Apologia de Sócrates* é uma reportagem jornalística, não tem natureza de diálogo. Tem um pouquinho de conversa, mas muito pouquinho.

Esse assunto Aristóteles e Platão é o meu predileto. Não tem nada que eu goste mais de estudar do que esses dois. Mantenho em São Paulo, há um bom tempo, um grupo de leitura que está lendo comigo todos os diálogos de Platão. Vamos ler o primeiro *Alcibíades*, um dos diálogos mais polêmicos, porque não se sabe muito bem se foi Platão que escreveu aquilo ou não.

Antes de a gente entrar no próprio diálogo, preciso fazer uma porção de reparos sobre a história que vamos ler hoje, sobretudo dando a vocês uma ideia do que acontecia naquela época em que Platão, Sócrates e Aristóteles estavam vivos.

Platão e Aristóteles se conheceram muito bem. Mas Aristóteles nunca conheceu Sócrates. Por uma diferença de 15 ou 16 anos, mais ou menos, Aristóteles não cruzou com Sócrates. Sócrates é o mais velho deles.

Sócrates é o sujeito que fundou a filosofia na medida em que o seu próprio sacrifício, sua condenação à morte é o ato fundacional da filosofia.

A verdade é que Sócrates era uma espécie de pobretão. Era filho de uma parteira chamada Feronete e de um escultor de pedras, não escultor no sentido artístico da palavra, mas no sentido de pedra de cantaria. Sendo filho desse casal, Sócrates não se tornou nunca na vida uma pessoa de posses. Passou a vida toda mais ou menos descumprindo as suas obrigações familiares de pai de família. Essa é a verdade. Sócrates só pensava numa única coisa, que era se levantar e ir para a praça pública, a ágora, em Atenas, onde passava o dia inteiro conversando com pessoas, quaisquer que se candidatassem a falar com ele, com o objetivo de, por meio dessa conversa, consertar a cabeça daquele com quem ele estava falando. Essencialmente é o que há aí: Sócrates achava que a sua missão sobre esta terra era ajudar os outros a desembarcarem das autoilusões, dos enganos, das confusões que se faz nesse mundo das ideias.

Ele não usava sapatos, nem sandálias. Sócrates andava descalço. Era um sujeito originalíssimo. Muito feio, e pobre. Abandonou toda a sua vida

para lidar apenas com os assuntos da cidade. Participou dos eventos mais importantes da história de Atenas, os eventos políticos da Guerra do Peloponeso, que ocorreram em Atenas depois que houve a vitória contra os persas nas ditas Guerras Médicas. Médicas não porque têm alguma coisa a ver com a Unimed, no sentido de serem guerras com os medos ou persas. Atenas ficou muito poderosa depois da guerra contra os persas e começou então a parecer imperial demais para as outras comunidades gregas. Nunca esqueçam que nunca existiu, a não ser hoje em dia, um lugar chamado Grécia. Grécia é apenas uma expressão, um modo de falar. O que havia era uma constelação de *póleis*, de pequenas cidades, cada uma chamada *pólis*, que tinham todo tipo de situação, uma diferente da outra. De todas essas *póleis*, a mais importante historicamente é a *pólis* chamada Atenas. Isso que nós chamamos de cultura grega aconteceu fundamentalmente na *pólis* chamada Atenas, embora houvesse outras *póleis* com importância relativa.

Quando Atenas começa a ficar meio importante, meio imperial, o que acontece é que os espartanos, sobretudo, começam a temer o excesso de poder relativo ateniense. Ocorre um conjunto de provocações mútuas que resultarão na Guerra do Peloponeso, entre uma coalizão de cidades em torno de Atenas e uma coalizão de cidades em torno de Esparta. Essa guerra do Peloponeso foi vencida pelos espartanos e a derrota dos atenienses foi um dos fatos mais dramáticos da história no que concerne ao impacto na história de uma sociedade. A partir da derrota para os espartanos, Atenas entra numa decadência terrível da qual nunca mais sairá. Com Atenas decadente, toda a Grécia também se transforma numa sociedade decadente.

Quando finalmente morre Aristóteles, em 322 a.C., acontece na Grécia uma tentativa de substituição de Aristóteles, que é o advento desses filósofos

chamados de epicuristas, os chamados de estoicos ou então Diógenes com o seu cinismo. Tudo de um nível muito baixo; quer dizer, há uma desproporção tão grande que dá para comparar o que aconteceu na Grécia, depois de Aristóteles morto em 322, com a Filarmônica de Berlim saindo do palco depois de tocar a *9ª Sinfonia de Beethoven* e o Teixeirinha subindo no palco pra cantar *Churrasquinho de Mãe*. É mais ou menos essa a proporção da diferença que há entre o pensamento grego até Aristóteles e depois de Aristóteles.

ALUNO: Não é nessa época que começa também a decadência na escultura e na arquitetura?

PROF. MONIR: A decadência ateniense é sobretudo política. Tanto é que Filipe II, que é pai de Alexandre Magno, já na batalha de Queroneia submete Atenas completamente ao jugo macedônio. Quando o filho fez a sua grande correria imperialista, o mundo grego já estava completamente subordinado. O Mediterrâneo transformou-se numa espécie de piscina. Tanto é que Alexandre Magno irá botar em Alexandria uma dinastia de gregos da família Ptolomeu, da qual participa, por exemplo, Cleópatra. Cleópatra não é egípcia, é grega. Grega no sentido em que um macedônio é grego, porque os macedônios eram, na verdade, gregos das colônias. Não eram do centro; eram da periferia.

Aristóteles também é macedônio. Era de Estagira, que hoje fica na Turquia. Para vocês terem uma ideia do quanto havia gregos de periferia já naquela época. Com a morte de Péricles – Péricles morre durante a guerra do Peloponeso, na grande peste causada pelas condições higiênicas muito ruins de uma cidade sitiada –, já começa a haver uma decadência política que traz

consigo a decadência geral. Temos de dar graças a Deus que sobraram ainda Sócrates, Platão e Aristóteles. Mas esses três já estão vivendo os estertores da cultura helênica.

Hoje em dia a Grécia é uma espécie de balneário, não tem mais a menor importância cultural no mundo. É um lugar em que os alemães e os holandeses vão passar as férias. Essa decadência toda foi causada pela guerra do Peloponeso, guerra de consequências terríveis, terríveis. No entanto, os deuses nos ajudaram e ainda restaram essas três luzes. Elas desaparecerão do Mediterrâneo e só haverá luz no mundo de novo com o cristianismo, que surgirá 350 anos depois da morte de Aristóteles. O cristianismo no Mediterrâneo assume o papel de distribuir a luz. Porque, durante esses anos, a Grécia é apenas uma referência cultural muito forte, importante. Nunca esqueçam: o idioma em que foi escrito o Novo Testamento é o grego *koiné*, uma espécie de grego popular.

Entre Aristóteles e o cristianismo, você tem toda a história da implantação do império romano. Primeiro a república romana, depois o império romano, com Júlio César. Há, portanto, nesse intervalo, toda a formatação da Europa, ou seja, do mundo conhecido naquela época.

Os atenienses perdem a Guerra do Peloponeso. E os espartanos não tinham democracia, quem tinha democracia era Atenas. Aristóteles fez depois um estudo enorme chamado *Política*, em que estudou todas as constituições daquelas cidades-estados, as *póleis*.

Quando os espartanos ganharam a Guerra do Peloponeso, eles cancelaram o sistema democrático ateniense e botaram no lugar 30 fulanos que

escolheram a dedo. Trinta generais, trinta políticos, que passaram a ser conhecidos como os "Trinta Tiranos".

Cuidado com a expressão "tirano", porque em português moderno parece sempre um sujeito muito mau. Dentro do conceito grego da palavra, tirano não é necessariamente um sujeito mau; é um rei que governa sem constituição. Um rei que governa arbitrariamente.

Entre esses 30 tiranos, há vários ex-alunos de Sócrates. Este Sócrates que tinha alunos apenas na medida em que ficava na praça pública ocupando-se de quem queria falar com ele. E entre esses vários alunos, havia dois tios de Platão, um chamado Crítias e o outro chamado Cármides. Há dois diálogos, um para cada um dos dois: um diálogo *Cármides* e um *Crítias*.

Crítias era o líder desses Trinta Tiranos. Eles fizeram barbaridades indescritíveis, perseguições, injustiças de todo o tipo. E a sociedade ateniense, que já havia perdido a guerra, havia perdido os parentes todos por causa da peste – havia, portanto, pago um preço enorme por aquela guerra –, começou a se manifestar, a ficar insatisfeitíssima com aquilo. Os espartanos já haviam se retirado com seu exército de ocupação. Em Atenas houve a demolição dos muros das paliçadas, não havia mais muros por áreas. Quando os espartanos vão embora, os atenienses destituem os Trinta Tiranos. Crítias, que era o chefe deles, tio de Platão, é morto. E todos os outros são anistiados.

A situação de 29 sujeitos maus que foram anistiados gerou uma tensão terrível na sociedade ateniense. Tensão que René Girard, grande filósofo antropológico, descreve como sendo uma situação de tensão da qual irá

decorrer necessariamente uma crise de ruptura. Essa crise só pode ser resolvida se você colocar alguém para pagar o pato como bode expiatório.

A acusação que se fez contra Sócrates era, em primeiro lugar, de que ele havia substituído a devoção dos deuses da cidade por outros deuses e, em segundo, de que havia ensinado isso aos jovens. Portanto, o primeiro era um crime de impiedade e o segundo de corrupção de menores. Quando Méleto, Ânito e Lícon – mas basicamente Ânito, que era um político importante – resolvem acusar Sócrates de impiedade, Sócrates já tinha certeza de que seria condenado por esse crime. Crime que obviamente ele não cometeu, nenhum dos dois. Mas havia aí claramente uma situação de procura de um bode expiatório para haver a purga daquela situação tensional, sem a qual o sistema se romperia.

Sócrates é acusado desses crimes. Ele toma conhecimento da acusação num diálogo chamado *Eutífone* ou *Eutífron*, em que ele vai ao castelo do rei arconte que, no tempo de Sócrates, era o magistrado superior dos atenienses. E o rei arconte então colocou lá em edital – do modo como o edital podia existir naquela época – que o cidadão Sócrates estava sendo acusado desses dois crimes e a data do julgamento. Nessa época não existia intermediação jurídica. Você não tinha advogados, nem de acusação e nem de defesa. E o júri era escolhido por sorteio. Então você tinha lá alguém que achava que outro cometeu um crime e que ia fazer uma acusação pública contra aquela pessoa, pedindo uma pena como consequência da acusação. E o acusado ia defender-se publicamente. Essas duas representações diretas eram julgadas por um júri de 501 cidadãos, porque deveria haver alguém aí com um voto de qualidade, imagino, com um voto de minerva.

O julgamento de Sócrates está descrito em *Apologia de Sócrates.* Nesse livro há uma transcrição muito fiel do que provavelmente foi a argumentação favorável e contrária a Sócrates. Ele acaba sendo condenado por 60 votos, que era o mínimo necessário para ser condenado pela primeira acusação, e é considerado culpado. Uma vez que o réu é culpado, há uma segunda votação em que se vota se é ou não adequada a pena proposta pelo acusador. E a pena proposta por Méleto foi a pena de morte.

Sócrates tenta se defender novamente. Há um segundo discurso, há três discursos que Sócrates faz. O acusado poderia propor ao júri trocar aquela pena por outra. É o que Sócrates teria conseguido fazer se tivesse proposto, por exemplo, a pena de exílio. Mas não propôs. Ao contrário, no segundo discurso, disse que achava que, como tinha passado a vida inteira cuidando de assuntos dos outros, ele merecia mesmo era trocar a pena de morte pela pena de ser mantido pelo Estado no Pritaneu. O Pritaneu era uma espécie de acomodação *vip*, que havia na subida para o Partenon, onde ficavam os heróis das Olimpíadas, os heróis esportivos, vivendo uma vida de mordomias incontroláveis.

ALUNA: *Com melhorias.*

PROF. MONIR: Com melhorias, ora! Em vez de vocês me mandarem para a morte, que tal se vocês me pagassem para eu ficar morando nas Bahamas por conta de vocês? É isso que ele propõe para o júri. Obviamente que era uma provocação muito grave, tanto é que a relação de votação da segunda parte do julgamento é muito desfavorável a Sócrates. Na primeira ele quase escapou, mas depois o júri ficou com raiva dele. Pressionado pelos seus alunos, propõe uma pena de multa. Ele não tinha dinheiro nenhum, mas

os alunos se predispuseram a avalizá-lo, afiançá-lo. Nada disso dá certo. Sócrates é condenado à morte.

Ele não pode ser executado imediatamente porque havia uma espécie de regra religiosa que dizia que enquanto o barco que ia a Delos não voltasse, nenhuma pena capital poderia ser executada na cidade. Que barco é esse? Todos os anos Atenas fazia e mandava para Delos, outra cidade, uma embarcação toda enfeitada para comemorar a derrota de Teseu sobre o Minotauro. Teseu foi um antigo rei de Atenas e os atenienses naquela época tinham, todos os anos, que mandar sete rapazes e sete moças para Creta, onde esses 14 atenienses jovens eram entregues para o Minotauro, para serem comidos – em virtude de uma série de razões que nem vale a pena a gente discutir aqui, senão vai tomar a tarde inteira. Teseu era muito jovem e entrou neste clube como um dos sete rapazes; lá em Creta, recebeu a ajuda da Ariadne, que ele seduziu. Ariadne pediu auxílio a Dédalo, que é o arquiteto-autor daquele labirinto onde morava o Minotauro. Teseu matou o Minotauro e usou o truque de entrar no labirinto puxando um fio que permitiria que ele voltasse. Esse fio até hoje chama-se "fio de Ariadne". Pois para comemorar o fato de que Teseu finalmente livrou os atenienses do Minotauro, todos os anos uma embarcação era mandada para comemorar numa espécie de Festival de Apolo (teria sido Apolo o inspirador da ajuda aos gregos, aos atenienses). E, enquanto não voltasse o navio de Apolo, ninguém poderia ser executado na cidade de Atenas. Como o clima estava desfavorável à navegação, a embarcação não voltava de Delos e é por isso que não era possível matar Sócrates. Sócrates fica na prisão desde o primeiro dia, com seus amigos e discípulos – embora não tivesse discípulos no sentido moderno da palavra, porque não tinha um sistema filosófico.

O que importa entender em Sócrates é o seguinte: Sócrates não tem um sistema filosófico. Ele é um mero interlocutor, um interrogador. Diz Sócrates assim: "Eu sou como a minha mãe. Tudo o que eu sei, aprendi com ela. Minha mãe é a parteira. Minha mãe, portanto, ajudava as crianças a nascerem. Pois eu sou a mesma coisa. Meu método chama-se "maiêutico" [que vem a ser "parteiro" em grego] porque ajudo as ideias a nascerem. A dificuldade em relação a minha mãe é que com ela, quando nascia uma criança, era fácil de saber que era uma criança. O problema que eu tenho é muito maior, porque quando vem a ideia a gente não sabe muito bem se aquilo presta. Então é preciso uma porção de trabalho para que aquela ideia que nasceu ali possa ser de fato útil". Isso está no *Teeteto*, que é um dos diálogos de Platão. Pois Sócrates não tem nenhum conceito filosófico próprio, a não ser um método de investigação do que o outro diz. Esse método chama-se dialética.

Agora, quando você for ler os diálogos de Platão, você vai descobrir que de vez em quando Sócrates está lá fazendo um discurso – como é o caso deste de hoje – falando uma porção de coisas, contando uma porção de coisas sobre o mundo, e quem está falando não é Sócrates. Quem está falando é Platão – e Sócrates é apenas uma espécie de boneco de ventríloquo repetindo tudo. Mas tudo é, na verdade, apenas a opinião de Platão. É por isso que dentro da dificuldade imensa de se organizar a obra platônica, de modo geral diz-se que há diálogos socráticos e diálogos platônicos. Quer dizer, diálogos platônicos são todos, mas há os platônicos-socráticos, que são aqueles em que Sócrates se parece mesmo com o Sócrates histórico. E há diálogos platônicos-platônicos, que são aqueles em que Sócrates está falando em nome de Platão. Com um pouquinho de experiência você nunca tem dúvida sobre isso, você sempre sabe quem está falando, se é Sócrates ou Platão. Não é preciso muito esforço e exegese para isso não, basta um pouquinho de experiência na leitura dos diálogos.

Há grande diferença entre os diálogos socráticos e os platônicos. Todos são escritos por Platão, mas há esta diferença entre os dois: é que os diálogos socráticos acabam, de modo geral, em aporias. A palavra "aporia" em grego tem o equivalente de "impasse" em português latino. "Impasse" é quando não consigo mais dar mais nenhum passo. E "aporia" quer dizer a mesma coisa em grego: *apodos*. *Podos* é pé em grego e o *a* é a partícula de negação. Portanto, o diálogo socrático quase sempre acaba numa situação em que ninguém consegue ir pra frente. Isso porque Sócrates não vai dar a resposta – e ele nunca quis dar resposta nenhuma. O que ele queria fazer apenas é que aquela pessoa que estava discursando e falando tivesse consciência de que ela não tinha a menor ideia do que estava falando. É o caso, por exemplo, do diálogo chamado *Eutífone*, em que Sócrates fica sabendo da acusação contra ele. Ele encontra na porta do rei arconte um sujeito chamado Eutífone e pergunta assim:

– Ô Eutífone, o que você está fazendo aqui?

– Ah, eu vim aqui fazer uma acusação contra o meu pai.

Sócrates fica gelado quando ouve isso porque uma acusação contra o pai é uma coisa grave na cultura grega.

– Mas como, contra o seu pai?

– Eu vim aqui acusar meu pai.

– Mas do quê?

– De impiedade.

– Mas meu Deus, ainda bem que você está aqui, porque acabei de descobrir que eu também estou sendo acusado de impiedade. Então fico feliz da vida porque você aproveita e me ensina o que é isso pra eu poder me defender lá no tribunal quando chegar a minha hora. Olha, é uma coisa maravilhosa você ter aparecido agora nesse momento aqui! Porque se você está acusando seu pai de impiedade é porque você sabe o que é isso. Então, por favor, me ajude, porque eu acho que eles querem me pegar, e, se você não me ajudar, como é que eu vou fazer?

E aí ele começa a perguntar para esse Eutífone o que é impiedade. E diz assim o Eutífone:

– Ah, impiedade é aquilo de que os deuses não gostam.

Bom, diz Sócrates pra ele:

– Mas peraí: quando eu digo que um automóvel é azul, eu não estou definindo o automóvel, estou dizendo que um automóvel também pode ser azul. O fato de um automóvel ser azul é apenas um acidente. Não há na essência do automóvel a azulibilidade, não é? Há automóveis de todas as cores, é ou não é verdade? Portanto, você, Eutífone, acabou de me dizer alguma coisa que o automóvel tem, uma coisa que a impiedade tem, mas você não me contou *o que é* impiedade.

E vai assim. No final do diálogo, Eutífone chega à conclusão de que ele não tem a menor ideia do que seja impiedade e, no entanto, está lá

acusando o pai disso. Compreenderam o que é o método socrático? Esse processo de contestação e de contraste que é feito entre aquilo que se diz e aquilo que se devia dizer é o que se chama dialética.

Seja como for, a visão de Sócrates foi profética porque ele de fato foi a julgamento e no julgamento foi condenado à morte. Não podendo ser executado automaticamente, teve de esperar a volta do barco de Delos. Enquanto isso, teve longas conversas com seus discípulos, incluindo esta de hoje, que é a última conversa, porque a nossa história acaba exatamente no momento em que Sócrates morre.

Um fato intermediário é que um amigo de infância de Sócrates, chamado Críto ou Crítão – depende da tradução que você usa – dois dias antes do dia fatal soube da notícia de que o barco tinha saído de Delos e no dia seguinte chegaria a Atenas. Esse Críto suborna os guardas da prisão para que Sócrates pudesse fugir na noite da antevéspera do dia fatal. Sócrates recusa-se a fugir, e essa história está contada num diálogo chamado *Críto*. Diz que não vai de jeito nenhum, o que vão falar dele, o que vão achar dele, que passou a vida sendo ajudado pela cidade, e quando a cidade de alguma maneira o persegue, então agora ele foge? Como é que ele vai ter moral para pregar qualquer coisa para qualquer outra pessoa, tendo em vista o fato de que ele fugiu? O diálogo é maravilhoso, magnífico. E Críton não tendo conseguido convencer Sócrates a fugir, a história toda vai para o dia em que começa o nosso diálogo, que é o último dia da vida desta pessoa extraordinária chamada Sócrates.

No início da era cristã havia um diretor da biblioteca de Alexandria chamado Trazilo, e este Trazilo dividiu todos os diálogos platônicos em tetralogias, em

grupos de quatro. A primeira tetralogia é esta que eu acabei de descrever pra vocês: *Eutífone*, *Apologia de Sócrates*, *Críto* e *Fédon*. Sendo que *Fédon*, de longe, é o mais complexo e extraordinário. Porque tem toda a filosofia platônica dentro de si.

Há duas traduções muito boas para você comprar. Uma da UnB e outra do Carlos Alberto Nunes, editada pela Universidade Federal do Pará. Essa aqui é mais fácil de encontrar. A outra é muito boa, mas é "missão impossível", tem que chamar o Tom Cruise pra conseguir para você o livro, porque não há outro meio.

Então, se vocês conseguiram acompanhar esta pequena introdução, acho que devemos tomar já a história. Alguma coisa aí não está clara? Lembrando sempre que nosso programa só tem uma única regra, a regra que diz: "É proibido não entender". Pode discordar quando quiser, mas não entender é proibido, porque até para discordar tem de entender. Algum ponto que não está claro? Alguma coisa que eu precise explicar melhor? Então muito bem! Então, a minha filha Clara, que está aqui do meu lado, é nossa leitora oficial. Vou ler esta pequena introdução e depois passo pra ela.

*Fédon*, de Platão. Todos os diálogos platônicos têm o nome de um interlocutor, exceto *O Sofista*, *O Político*, *Leis*, *A República* e *O Banquete*. Nos outros casos todos, o nome do diálogo é sempre o nome de um interlocutor, que nem sempre é uma pessoa importante. Por exemplo, quem é Fédon? Fédon é um jovem pitagórico, um estudante da filosofia de Pitágoras. Ele é importante? Não. Não é importante de modo nenhum. Nem sabemos bem quem é, para vocês terem uma ideia. E isso também não tem a menor importância.

# Resumo da Narrativa

Diálogo do período médio de Platão, o Fédon é a obra que foi mais fundo na descrição da dinâmica da alma, um dos eixos centrais da ontologia platônica. Como na maioria dos diálogos platônicos, a conversa é conduzida por Sócrates que reflete às vezes mais e às vezes menos ideias do próprio Platão. Os interlocutores são Símias e Cebes, que fazem o exame dialético às vezes.

**PROF. MONIR: Esses dois que fazem o exame dialético são dois tebanos.**

Segundo Giovanni Reale, maior platonista vivo, professor da Universidade Católica de Milão, no Fédon há a "primeira demonstração de uma realidade supra-sensível." No caso do Fédon, temos um Sócrates completamente platonizado – ou seja, quem está falando aqui não é mais Sócrates, é sempre Platão, a não ser as partes pessoais, claro – divulgando conceitos platônicos sobre a imortalidade da alma, coisa com que o Sócrates real, até segunda ordem, jamais se preocupou.

A história descreve o último dia de vida de Sócrates, que havia sido condenado à morte por envenenamento. O julgamento está descrito com detalhes na Apologia de Sócrates. Na antevéspera do dia fatal, um amigo de infância de Sócrates, Críto ou Critão havia arranjado as coisas para Sócrates fugir, mas ele havia se recusado, alegando vergonha e contradição com o que sempre pregara, mesmo sabendo-se inocente e injustiçado. A narração dos acontecimentos é feita por Fédon de Élis, um jovem pitagórico.

**CLARA:** Fédon e Equécrates encontram-se na rua em Fliunte.

PROF. MONIR: Platão é profundamente neopitagórico, portanto todas as menções a Pitágoras, diretas ou indiretas, são sempre importantes. Viveu 10 anos convivendo com os templos neopitagóricos, sobretudo na Magna Grécia, em Siracusa, no sul da Itália moderna.

E começa a seguinte conversa:

> EQUÉCRATES
>
> Estiveste tu mesmo, Fédon, junto de Sócrates no dia em que ele tomou veneno na prisão, ou ouviste de alguém?

PROF. MONIR: Repararam? Isso é meramente técnica literária. Então, encontram-se dois amigos na rua, Fédon e esse Equécrates, e dizem assim:

– Ô Fédon, você foi mesmo, esteve lá no dia da morte de Sócrates?

– Estive sim.

– Então conta pra mim, como é que foi.

Por que Platão não entra direto no assunto e começa contando direto? Porque é a questão de técnica literária. Os diálogos platônicos são obras literárias muito bonitas. Nem todos, há alguns que são meio durinhos. Mas há alguns magníficos; por exemplo, *Fédon*. Sobretudo esse aqui é de uma beleza sublime, uma maravilha de formatação literária.

Alguns são muito difíceis de ler, porque são diálogos muito técnicos, mas os desta fase são muito bons, muito agradáveis. Vocês verão que é muito fácil de ler.

> FÉDON
>
> Não, eu mesmo, Equécrates.
>
> EQUÉCRATES
>
> Então, que disse o homem antes de morrer? E como foi a sua morte? Gostaria de saber tudo o que se passou. Recentemente, nenhum cidadão de Fliunte tem ido a Atenas, e há muito não nos vêm de lá forasteiros capazes de dar-nos informações seguras, salvo dizerem que morreu depois de tomar o veneno. Quanto ao mais, nada informam de particular.
>
> FÉDON
>
> E também não ouviste contar como foi o julgamento?
>
> EQUÉCRATES
>
> Ouvimos, sim; alguém nos falou nisso. Surpreendeu-nos, justamente, ter sido bem antes o julgamento e ele só vir a morrer muito depois. Que aconteceu, Fédon?

Fédon

Foi tudo obra do acaso, Equécrates, o que se passou com ele. Precisamente na véspera do julgamento coroaram a popa do navio que os atenienses enviam a Delo.

**PROF. MONIR: O navio vai a Delos, só quando volta é que pode fazer a execução.**

Equécrates

Que é isso?

Fédon

Segundo os atenienses, é o navio em que outrora Teseu levou para Creta as duas septenas de jovens, moços e moças, que ele salvou, salvando-se também.

**PROF. MONIR: Duas septenas, sete homens e sete mulheres.**

Fédon

Nessa ocasião, segundo contam, prometeram a Apolo enviar anualmente uma deputação a Delo, no caso de se salvarem, e até hoje todos os anos vão em romaria à divindade. Desde o início dos preparativos da viagem, determina a lei que se proceda à purificação do burgo, não sendo permitido executar ninguém por crime público

> antes de chegar a Delo o navio e retornar de lá. Por vezes esse prazo fica muito dilatado, quando os ventos são adversos. O início da peregrinação é contado a partir do momento em que o sacerdote de Apolo coroa a popa do navio, o que se deu, conforme disse, na véspera do julgamento. Esse o motivo de ter estado Sócrates tanto tempo na prisão, desde o julgamento até à morte. (págs. 249-250)

PROF. MONIR: Enquanto não voltasse o navio de Delos, não dava para executar Sócrates. É por isso que ele fica um tempão na prisão. O único diálogo que se passa na prisão é esse que nós vamos ver aqui. Nenhum outro. Na verdade, são muitos poucos os diálogos, só 26. Há mais de 26, só que os outros que excedem esse número são considerados espúrios, não têm nenhum apoio dos estudiosos de que eles sejam legítimos. Portanto, também é difícil de estudá-los. Os que são consensualmente legítimos ou que têm bom apoio são só 26 diálogos. Não há diálogos que se perderam. A obra de Platão veio inteira para o mundo moderno. Da obra de Aristóteles perdeu-se 90%. Da obra de Platão veio 100%. Essa é a diferença dos dois. Muito bem. Continuamos.

Fédon começa então a narrativa do último dia da vida de Sócrates, dizendo que havia vários amigos presentes, "em grande número, mesmo". Além dele, estariam lá os tebanos Símias, Cebes e Fedontes; Apolodoro[2], Critobulo e o pai, Hermógenes, Epígenes, Ésquines, Antístenes, Ctesipo de Peânico e Menéxeno; Euclides e Térpsio, vindos de Megara.

2 Nota do resumidor – Apolodoro é quem faz a narração no Banquete.

PROF. MONIR: Se alguém estiver precisando de algum nome para botar em criança, uma inspiração, tem aqui uma porção de sugestões, sugestões bem exóticas.

ALUNOS: *(Risos.)*

Platão estaria doente e não havia ido.

PROF. MONIR: Olha, isso é bem importante. Platão escreveu no próprio diálogo em que estaria contando o último dia de Sócrates que ele estava doente – como se não fosse ele, não é? Ele falando dele próprio, não é isso? Quem falava de si próprio na terceira pessoa era aquele jogador de futebol, o Dadá Maravilha, lembram? Falava assim: "O Dadá fez isso", "O Dadá fez aquilo".

ALUNA: *O Pelé fala assim.*

PROF. MONIR: Ah, é? Na terceira pessoa? Muito bem. Então o Platão está dizendo aqui que o próprio Platão não estava presente. Platão esteve presente no julgamento, há testemunhas que o viram lá, mas não esteve neste último dia em que Sócrates é finalmente envenenado.

Continuando, Fédon relata que "o homem parecia felicíssimo"... "tanto nos gestos como nas palavras, reflexo exato da intrepidez e da nobreza com que se despedia da vida."

PROF. MONIR: Não é uma coisa estranha que alguém que vai morrer naquele dia esteja felicíssimo com esta perspectiva? É importante que vocês

percebam que aí há uma situação anormal para a média do ser humano que nós conhecemos.

ALUNA: *Qual foi a condenação exata para Sócrates? Por que ele foi condenado?*

PROF. MONIR: A razão? Porque ele, número 1, andou optando por deuses que não eram os deuses da cidade, ou seja, trocou os deuses da cidade por outros deuses que não eram da cidade; e, número 2, disse para a juventude fazer o mesmo. Essas são as acusações formais. A primeira chama-se impiedade. E a segunda chama-se corrupção de menores. Claro que a verdadeira acusação contra Sócrates é assim: "Você foi professor de Crítias; como Crítias morreu, mas os outros não morreram, alguém tem de pagar por eles. Você é quem vai pagar". Ou seja, a acusação contra Sócrates é política, não uma acusação de natureza religiosa, como é na aparência. Ele já estava condenado no primeiro minuto do julgamento. Não haveria jeito de ele escapar. Ele sabia disso. É só ler a *Apologia de Sócrates* para vocês perceberem que ele não aposta nenhum centavo na sua absolvição. Tanto é que é capaz de mandar o júri mandá-lo para as Bahamas. Sugere ao júri que o hospede no Pritaneu, o que é uma gozação muito grande. Continuamos, filha.

Como todos os dias, Fédon e outros discípulos de Sócrates iam visitá-lo cedo, quando abria a cadeia, e passavam com ele o dia todo. Naquele dia, no entanto, tudo correu um pouco diferente:

> FÉDON
>
> Nessa manhã reunimo-nos mais cedo, porque na tarde anterior, ao nos retirarmos da prisão,

> soubemos que o navio chegara de Delo. Por isso, combinamos encontrar-nos o mais cedo possível no lugar habitual. Ao chegarmos, o porteiro que costumava receber-nos veio ao nosso encontro para dizer que esperássemos fora e não entrássemos sem que ele nos avisasse. Neste momento, nos disse, os Onze[3] estão tirando os ferros de Sócrates e lhe comunicam que hoje ele terá de morrer. Depois de algum tempo, voltou para dizer-nos que entrássemos. Ao penetrarmos no recinto, encontramos Sócrates, que acabava de ser aliviado dos ferros, e Xantipa – conhece-a decerto – com o filho pequeno, sentada junto ao marido.

PROF. MONIR: Xantipa é a mulher de Sócrates. Diz o Xenofonte, em outra *Apologia de Sócrates*, que não a de Platão, que Xantipa é a mulher mais chata do sistema solar.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Não tem nenhum caso pior do que esse aqui. Ele tem três filhos com essa Xantipa, sendo que um é criança de colo. É um péssimo pai, no sentido econômico da palavra, porque não herdou a cantaria do pai dele e só quer fazer filosofia. Passa o dia inteiro na rua, cuidando apenas de conversar com as pessoas. Não manteve o papel de provedor que se espera do homem no casamento.

3 Nota do resumidor – Os "onze" são um grupo de onze cidadãos que tomam as providências para a aplicação da pena de morte.

E Xantipa, obviamente, está cobrando isso dele aqui no último dia, não é? Assim: “Você vai embora, agora é que não vai ter mais dinheiro mesmo. Olha só como é que nós vamos ficar aqui”. Imagine a situação do coitado do Sócrates, no último dia de vida...

ALUNA: *Por isso ele tá feliz.*

PROF. MONIR: Por isso ele tá feliz de morrer, não é? *(Risos.)* É verdade. Tá certo.

> FÉDON
> Ao ver-nos, começou Xantipa a lamentar-se e clamar como de hábito nas mulheres, dizendo: Pela última vez, Sócrates, teus amigos conversarão contigo, e tu com eles.

PROF. MONIR: Aparece Críto, personagem de importância enorme na história. Porque depois quando vai finalmente tomar o veneno, ele encarrega esse Críto de olhar pelos seus filhos. Ele pede a Críto, que é rico, que cuide das crianças, porque ele não tem como fazer isso mais, é completamente pobre. A esse Críto também compete organizar os funerais, e é Críto quem fecha as pálpebras de Sócrates morto. Tudo isso descrito nesta história. É, portanto, sentimentalmente, a pessoa mais próxima de Sócrates. O melhor amigo que ele tinha. Críto ou Critão. Há um diálogo chamado *Críto* ou *Critão* em que se conta aquela conversa em que Sócrates recusa-se a fugir, embora Críto tivesse subornado o guarda no dia anterior. Agora nós estamos no dia fatal.

Fédon

Virando-se para Critão[4], Sócrates lhe disse: Critão, leve-a para casa. A isso, alguns dos homens de Critão a retiraram, não cessando ela de gritar e debater-se. (pág. 252)

Como Sócrates faz um comentário sobre a poesia de Esopo, Cebes cobra-lhe os poemas que teria feito na prisão. Sócrates explica que fora motivado por sonhos em que lhe diziam: "Sócrates, ... compõe música e a executa."

**PROF. MONIR: É a única informação que temos, ao longo de toda a obra, de que Sócrates teria feito alguma coisa escrita ou pelo menos teria composto alguma coisa, mesmo que não fosse escrito. É esse comentário que se faz aqui sobre ele ter, durante esse tempo de prisão, feito poemas. Coisa que se sabe é que os poemas não sobreviveram. Provavelmente eram poemas orais, não poemas escritos.**

Sócrates

Até agora eu estava convencido de ser justamente o que eu fizera a vida toda o que o sonho me insinuava e concitava a fazer, à maneira de como costumamos estimular os corredores: desse mesmo modo, o sonho me exortava a prosseguir em minha prática habitual, a compor música, por ser a Filosofia a música mais nobre e a ela eu dedicar-me.

4 Nota do resumidor – Critão ou Críto é um amigo de infância de Sócrates que organiza a fuga de Sócrates, que ele recusa. O episódio está contado em outro diálogo de Platão, o Críto.

PROF. MONIR: Portanto, como quem diz assim: "Eu acho que sempre fiz poesia, que é a filosofia."

> SÓCRATES
>
> Agora, porém, depois do julgamento e por haver o festival[5] do deus adiado minha morte, perguntei a mim mesmo se a música que com tanta insistência o sonho me mandava compor não seria essa espécie popular, tendo concluído que o que o importava não era desobedecer ao sonho, porém fazer o que ele me ordenava. Seria mais seguro cumprir essa obrigação antes de partir, e compor poemas em obediência ao sonho. (pág. 253)

Começa uma conversa sobre suicídio. Cebes interpela o filósofo: "Por que disseste, Sócrates, que não é permitido a ninguém empregar violência contra si próprio, se, ao mesmo tempo, afirmas que o filósofo deseja ir empós de quem morre?"

PROF. MONIR: "Empós" quer dizer "atrás". Símias e Cebes são os únicos dois interlocutores verdadeiros que há nessa história. Só eles conversam com Sócrates. Ambos são tebanos e – importantíssimo – pitagóricos. São alunos de Filolau, um pitagórico famoso na época. Isso é importante, porque Platão é pitagórico. Então, por que Platão quer colocar argumentadores pitagóricos no último dia da vida de Sócrates? Depois a gente conversa sobre isso, quando chegar a hora certa.

5 Nota do resumidor – Trata-se das homenagens a Apolo em comemoração à libertação de Atenas.

As outras pessoas que estão presentes ali naquela prisão funcionam como se fossem uma espécie de coro trágico silencioso. Nunca se perde um certo ar de gravidade de desastre, de uma gravidade de morte que vai acontecer, ou seja, uma certa gravidade existencial. Nunca sai do diálogo esse clima, a sensação de que há ali alguma coisa muito grave acontecendo.

Sócrates explica que de fato "é melhor estar morto do que vivo" e que parece bizarro que para obter tal benefício seja necessário "esperar por benfeitor estranho", mas, conclui Sócrates, há nisso uma razão de ser, o fato que somos "propriedade dos deuses" e não podemos decidir sobre a nossa própria vida nem matar-nos sem que os deuses nos "coloquem nesta contingência".

PROF. MONIR: Ou seja, sem que os deuses criem a situação na qual você vai morrer, sem você querer, como é o caso dele.

Cebes quer retomar o assunto pelas premissas, contestando Sócrates:

PROF. MONIR: Percebam que aqui vocês têm um estreitamento muito grande da distância que há entre o continente helênico e o continente cristão. Aqui está, nada mais nada menos, que a própria proibição cristã do suicídio. O cristianismo também proíbe o suicídio, como os gregos proibiam. E Sócrates explica: nós pertencemos aos deuses e não podemos nos distanciar deles sem que eles nos autorizem. Agora, obviamente que os dois tebanos estão sempre contestando o que ele diz.

> CEBES
>
> Um indivíduo insensato poderia raciocinar dessa maneira, por achar bom fugir do amo, sem

> considerar que não se deve fugir do bem, mas ficar junto dele o maior tempo possível. Foge por carecer de senso. O indivíduo inteligente, pelo contrário, só deseja continuar junto de quem lhe seja superior. Por isso, Sócrates, o certo é, precisamente, o oposto do que foi dito há pouco: aos sábios é que fica bem insurgir-se contra a ideia da morte, e aos insensatos, exultar ante essa perspectiva. (pág. 256)

PROF. MONIR: O que Sócrates acabou de falar para o pessoal é que não tem nada que um sábio ache melhor do que a hipótese de morrer. E por que ele acha isso? Já vamos saber por que. Ele diz: "Eu não tenho nenhum medo da morte" e aí se explica porque ele está tranquilo e sereno – porque a morte, para um sábio, é melhor do que a vida. Tanto é que na própria *Apologia de Sócrates*, quando finalmente faz o terceiro discurso– o primeiro é defendendo-se das acusações, depois tentando impedir a pena de morte e o terceiro é quando ele, finalmente já condenado à morte, faz o discurso de saída –, ele diz assim: "Olha, pessoal, eu não sei se a morte é ruim. Vocês estão me condenando a isso. Eu não sei. Pensem bem". O único argumento moralmente irrebatível contra a pena de morte é esse. Porque você está condenando alguém a uma punição que de fato, você não sabe o que é. Quando você condena alguém à prisão, sabe-se o que é. Quando condena alguém a perder um direito x, y, z, você sabe o que é. Agora, condenar alguém à morte é condenar alguém a uma situação, a vivenciar um castigo que não se sabe de fato como é, porque não temos a experiência da morte relatada desse jeito.

Então diz Sócrates, lá na *Apologia*: "Se a morte for como uma espécie de sono que não acaba nunca mais, não tem problema nenhum. Agora, se por outro lado a morte for uma oportunidade pra eu encontrar os grandes juízes do passado, para encontrar de fato aqueles que fizeram toda a diferença, então a morte é uma coisa maravilhosa. Como eu gostaria de morrer!" Nas últimas linhas da *Apologia de Sócrates*, ele fala: "Bom, pessoal, então tá decidido. Estou condenado à morte. Vamos embora. Vocês vão pra vida e eu vou pra morte. Quem fez melhor negócio? Só os deuses é que sabem". E é assim que ele termina a *Apologia de Sócrates*, colocando-se indiferente à sua perspectiva de morte. E aqui voltamos ao mesmo tema. Continuamos, por favor.

Símias cerra fileiras com Cebes: "A meu ver, o argumento de Cebes vai dirigido contra ti, por aceitares à ligeira a ideia de deixar-nos, e também aos amos cuja superioridade és o primeiro a proclamar". Sócrates convoca o grupo a repetir seu julgamento:

> SÓCRATES
>
> Pois que seja, disse. Vejamos se diante de vós outros minha defesa sairá mais convincente do que a feita na frente dos juízes.

PROF. MONIR: Ele está fazendo ironia em relação ao julgamento que o condenou: "Vamos ver se eu consigo ser mais convincente pra vocês do que fui com os juízes que me condenaram à morte".

> SÓCRATES
>
> O fato, Símias e Cebes, prosseguiu, é que se eu não

> acreditasse, primeiro, que vou para junto de outros deuses, sábios e bons, e, depois, para o lugar de homens falecidos muito melhores do que os daqui, cometeria um grande erro por não me insurgir contra a morte. Porém podes fiar que espero juntar-me a homens de bem. Sobre esse ponto não me manifesto com muita segurança; mas no que entende com minha transferência para junto de deuses que são excelentes amos: se há o que eu defenda com convicção é precisamente isso. Esse o motivo de não me revoltar à ideia da morte. Pelo contrário, tenho esperança de que alguma coisa há para os mortos, e, de acordo com antiga tradição[6], muito melhor para os bons do que para os maus. (pág. 257)

PROF. MONIR: Você jamais pode esquecer que Platão é um pitagórico. E o pitagórico não é como os outros pré-socráticos. O pitagorismo não é um conjunto de pessoas que estão tentando começar a entender o mundo. É, ao contrário, o que sobrou de uma tradição enorme, muito mais antiga que todas. O pitagorismo não é como Anaxágoras tentando saber se o mundo é feito de água, de fogo, ou de ar. É uma coisa muito complexa, cheia de simbologias profundas. Então não é o começo de nada; é o fim de alguma coisa. Está associado, por sua vez, aos mistérios órficos, que o antecedem. Platão é profundamente influenciado por isso. Sócrates é condenado à morte e morto em 399 a.C. (Esta data é para vocês nunca mais esquecerem na vida – lembrem-se de que o Paraná tem 399 municípios.

6 Nota do resumidor – Sócrates está falando do palaios logos, que inclui tanto os mistérios órficos como o pitagorismo.

Agora, se você não sabia disso, também não tem nenhuma importância, nenhuma vantagem e nenhuma maneira de você usufruir desse recurso mnemônico: o Paraná tem 399 municípios e Sócrates foi condenado e morto em 399 a.C.) Neste ano, Platão tem 30 anos. Platão conheceu Sócrates com uns 20, mais ou menos. E ficou dez anos estudando com Sócrates, naquela base da praça. Sócrates não tinha uma escola. Platão fica dez anos convivendo com Sócrates; quando ele é condenado à morte, Platão, que tinha dois tios entre os Trinta Tiranos – para dizer o mínimo –, começa a achar que é o próximo da lista da morte e da cicuta é ele, Platão.

Ele dá um jeito de desaparecer e muda de cidade, vai para Megara, uma cidade ao lado de Atenas. Fica em Megara e viajando, entre os neo-pitagóricos, pelos dez anos seguintes. Com 40 anos, Platão volta para Atenas e monta a sua academia num lugar pertencente a um sujeito chamado Academus, que tinha uma espécie de ginásio, um centro de esportes. A academia platônica foi a instituição educacional que teve a maior duração de todas as instituições educacionais do mundo. Ela existiu até o ano 400 e alguma coisa, quando o imperador Constantino a fechou. Durou mais de 800 anos. É claro que com equipes diferentes. É bom que fique claro...

Platão tinha muito medo de ser também vítima. Quando Aristóteles morreu, morreu fora, exilado de Atenas. Também é outro que achou que ia ser morto. Veja, se o Alexandre Magno conquistou Atenas – e ele era macedônio como Alexandre Magno; pior, Aristóteles tinha sido professor do Alexandre Magno – o que ele imagina? Que agora que o Alexandre Magno morreu, quem é que vão pegar para Cristo? Quem é que vão pegar como bode expiatório? Ele, Aristóteles. E ele também fugiu de Atenas, porque tinha medo de se transformar em bode expiatório, como foi Sócrates.

ALUNA: *E Sócrates tinha quantos anos quando morreu?*

PROF. MONIR: Temos aí a biografia do Sócrates. Ele não morreu muito velho, não. Por volta de 70 anos. Teria vivido mais tempo. Platão viveu muito. Morreu com mais de 80 anos.

Sócrates, chamando os presentes de juízes, como se estivesse passando por novo julgamento, explica sua posição:

> SÓCRATES
>
> Embora os homens não o percebam, é possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia a nada mais aspirem do que a morrer e estarem mortos.

PROF. MONIR: Ou seja, o maior objetivo da vida de um filósofo seria morrer. Umberto Eco diz que o objetivo da literatura é *"preparar-se para a morte"*. De certa maneira, os dois estão dizendo a mesma coisa. É claro que a filosofia é mais específica do que a literatura. Diz aqui neste diálogo que o objetivo da vida, a preparação toda da vida de um filósofo é para o dia da morte. Então teria algum cabimento que um filósofo ficasse chateado com isso? Quando a morte está próxima, ele se aborrece com o fato? Não, passou a vida inteira preparando-se para este dia, é o que diz Sócrates.

> SÓCRATES
>
> Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo pedira com tal empenho e empós do que sempre se afanara.

PROF. MONIR: Aqui está em português poético. Empós, ou seja, em prol, atrás do que. Afanar-se significa preocupar-se, lidar com.

(...)

SÓCRATES

Que não será senão a separação entre a alma e o corpo? Morrer, então, consistirá em apartar-se da alma o corpo, ficando este reduzido a si mesmo e, por outro lado, em libertar-se do corpo a alma e isolar-se em si mesma? Ou será a morte outra coisa?

SÍMIAS

Não; é isso, precisamente.

SÓCRATES

Considera agora, meu caro, se pensas como eu. Estou certo de que desse modo ficaremos conhecendo melhor o que nos propomos investigar. És de opinião que seja próprio do filósofo esforçar-se para a aquisição dos pretensos prazeres, tal como comer e beber?

SÍMIAS

De forma alguma, Sócrates.

Sócrates

E com relação aos prazeres do amor?

Símias

A mesma coisa.

Sócrates

E os demais prazeres, que entendem com os cuidados do corpo? És de parecer que lhes atribua algum valor? A posse de roupas vistosas, ou de calçados e toda a sorte de ornamentos do corpo, que tal achas? Ele os aprecia ou os despreza no que não for de estrita necessidade?

Símias

Eu, pelo menos, sou de parecer que o verdadeiro filósofo os despreza.

Sócrates

Sendo assim, não achas que, de modo geral, as preocupações dessa pessoa não visam ao corpo, porém tendem, na medida do possível, a afastar-se dele para aproximar-se da alma?

Símias

É também o que eu penso.

Sócrates

Nisto, por conseguinte, antes de mais nada, é que o filósofo se diferença dos demais homens: no empenho de retirar quanto possível a alma da companhia do corpo.

PROF. MONIR: É diferença mesmo. É maneira antiga de falar. Entenderam o que é um filósofo? É aquele sujeito que está o tempo todo tentando tirar a alma da companhia do corpo. Porque é o corpo que faz exigências descabidas. O corpo é que quer ir dormir, o corpo é que quer almoçar, o corpo é que acha que tomar mais um vinhozinho não vai fazer mal nenhum. O corpo que acha que tomar um porre de vez em quando não tem importância. Essas coisas todas é que tem que ser evitadas pelo filósofo. Porque essas coisas todas atrapalham a vida do filósofo. Logo, o que seria mais adequado para um filósofo do que viver sem o corpo? Não seria a melhor de todas as soluções para a existência do filósofo? Essa é uma das razões pelas quais Sócrates está dizendo que não tem nenhum problema em ficar sem o seu corpo, porque tudo que podem matar nele, tirar dele, é o corpo, mas não a alma. Mas vamos continuar.

Símias

Evidentemente.

Sócrates

Essa é a razão, Símias, de, na opinião da maioria dos homens, não merecer viver o indivíduo a quem nada disso é agradável e que não se importa com tais práticas, por achar-se muito

mais perto da condição de morto e por não dar
a menor importância aos prazeres alcançados por
intermédio do corpo.

PROF. MONIR: Olha que coisa mais moderna essa aqui. Quer dizer, está dizendo assim pro Símias: "É por isso que o pessoal por aí acha que gente como eu não devia nem existir".

Eu vejo esses debates malucos de hoje em dia, por exemplo, sobre eutanásia. Uma meninazinha nasceu sem cérebro, e aí começou um debate estúpido sobre se deviam ou não matar a criança, porque afinal não tinha cérebro. Então, as pessoas que são adeptas desta ideia da eutanásia têm uma perspectiva da vida igual a esta que Sócrates está denunciando aqui em Atenas. Elas acham o seguinte: "Nasceu sem cérebro, qual a perspectiva que pode ter alguém assim?" Não vai ter cartão de crédito, telefone celular, automóvel. Então, mata de uma vez, qual é o sentido que tem existir alguém assim? Compreenderam que é exatamente a mesma perspectiva que Sócrates diz que se tem naquela época? Lembrem que esse negócio aqui foi escrito (não sabemos quando, porque esses diálogos não têm data) na maturidade de Platão, mais ou menos na vida média, entre os 40 e 50 anos. Então, tem o quê? Alguma coisa como 2.350 anos, mais ou menos. Hoje se tem a mesma perspectiva que se tinha naquela época.

Símias

Tens razão. (págs. 258-259)

Sócrates continua a examinar o problema e afirma que também sob o ponto de vista da aquisição de conhecimento o corpo constitui um obstáculo, porque

a vista e o ouvido não importam em exatidão e o mesmo se poderia dizer de todos os outros sentidos, "inferiores aos primeiros".

PROF. MONIR: Se nem a vista, nem a audição, são precisos o suficiente para você confiar neles... Por que o mágico te engana? Porque o mágico parte do pressuposto que o seu olho não vê tudo. Se nem a vista, o que dizer então dos outros sentidos, que são mais grosseiros que esses dois? É possível entender qualquer coisa sobre o mundo por meio da mediação dos sentidos? Existe um diálogo de Platão chamado *Teeteto*, que leva esta discussão ao paroxismo. Ali há uma profundidade melhor.

ALUNO: ***(...) O Fausto não passa por isso? (...)***

PROF. MONIR: (...) É, mas aqui os objetivos são diferentes, não? (...) É preciso entender uma coisa sobre Platão, pessoal. Vai aparecer aqui o tempo todo, mas eu queria só insistir nesse ponto. Platão é um filósofo moral. A primeira coisa que se precisa entender de Platão é isso. No fundo, ele quer fazer uma coisa só, a recuperação da identidade entre o *kosmos* e a *polis*. É só o que Platão quer na vida.

Ele quer que a *pólis*, a cidade humana, a organização social, de alguma maneira reflita a organização do *kosmos*. Resumindo Platão numa única frase, a filosofia, o projeto platônico é o seguinte: Platão quer fazer a recuperação da identidade entre a *pólis* e o *kosmos*. *Kosmos* para o grego é a ideia de ordem universal e *pólis* é a cidade onde as pessoas moram. Platão quer recuperar a identidade dessas duas coisas. Mas, para poder fazer isso, ele precisa de um modelo ontológico que explique o mundo como é, senão ele não tem legitimidade para fazer a proposta. Se ele está dizendo

que tem de haver uma recuperação, que uma coisa deve ser igual à outra, ele tem que dizer como é a coisa ideal, aquela que deve ser recuperada. Platão desenvolveu a teoria das ideias ou a teoria das formas. A teoria das ideias e das formas é fundamentalmente o seguinte: você tem uma coisa chamada múltiplo, mas também tem uma coisa chamada uno. Qual é a diferença dessas suas coisas? Múltiplo é assim: não há cachorro de todos os tipos? Por exemplo, chamo de cachorro tanto um yorkshire quanto um dogue alemão de 90 quilos. Não faço isso? Não são animais com aparência muito diferente? No entanto, chamo esses dois animais de cachorro. É ou não é verdade? Em Curitiba, pela estatística média, deve haver 400 mil cachorros. Todos são cachorros, apesar de todos serem diferentes entre si. O que faz com que todos esses animais, que eu chamo de cachorros, possam ser chamados de cachorros? O que é que eles têm em comum? Eles são diversos. Há, portanto, uma multiplicidade de indivíduos, todos separados entre si. No entanto, eles têm alguma coisa que os unifica de alguma maneira, que é uma característica comum. E que característica é essa? É a cachorridade. A cachorridade é aquilo que todos os cachorros têm. Se os cachorros visuais são muitos, a cachorridade é uma coisa única. Mas o problema da cachorridade é: eu não sei que cachorro é o cachorro que representa a cachorridade. Porque a cachorridade não é – diferentemente dos outros cachorros reais – alguma coisa que eu possa fotografar, que eu possa pegar no colo. Os meus sentidos não percebem a cachorridade. Só quem sabe que a cachorridade existe é o meu intelecto. Quer dizer, posso inteligir que há alguma coisa chamada cachorridade. É como se em algum lugar, que não é físico, houvesse um cachorro modelo. Os outros cachorros todos, esses que são 400 mil em Curitiba, tentam desesperadamente parecer com esse, com a cachorridade, com aquilo que é ideal, sem conseguir. Platão acha que a verdadeira realidade, aquilo que é verdadeiramente real, não

são as coisas que os nossos sentidos captam, não são as coisas de natureza sensível – ao tato, à vista, à audição. O que é real de verdade é uma espécie de unificação, que não está no mundo sensível, e que, no entanto, tem de existir obrigatoriamente, porque, se não existir, como é possível continuar chamando todos os cachorros de cachorro? Esta unidade chama-se forma ou então ideia (*eidos*). A palavra ideia, que vem da palavra *eidos*, significa forma em grego. Então tanto faz falar *eidos* como falar ideia, como falar forma. Pois essa ideia que deve existir em algum lugar é a única coisa que é real de verdade.

Portanto o Sócrates – mas o Sócrates que está aqui é apenas o boneco de ventríloquo de Platão, todo mundo já está avisado para se lembrar disso – está dizendo para os seus amigos, no último dia da sua vida o seguinte: "Se eu me livrar do meu corpo, me livro também da enorme tendência à autoilusão que o meu corpo gera. Porque o meu corpo vê o cachorrinho ali e pensa que o cachorrinho é aquele lá. Não é o meu corpo que percebe quem é de verdade cachorro, quem percebe a cachorridade é meu intelecto, é minha mente. Portanto, é uma abstração que a minha mente faz, mas não é o meu olho que vê isso. Não é o meu nariz que sente o cheiro. Não é o meu ouvido que ouve o latido". Continuamos, por favor.

> SÓCRATES
>
> Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada
> disso a perturbá-la,

PROF. MONIR: Os sentidos. Os sentidos não estão mais perturbando a alma.

> nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e, concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade. (pág. 260)

Sócrates continua a explanação, demonstrando que o corpo, por meio dos sentidos, não consegue ver a essência das coisas:

PROF. MONIR: O que é a essência? Cachorridade. O nosso caso: por que nós todos, apesar de sermos diferentes, temos alguma unificação? No que é que somos unificados? Na humanidade. Por que, embora todas as cadeiras que há no mundo sejam diferentes entre si – e há cadeiras de todos os tipos – por que é que eu as chamo todas de cadeira? Porque elas têm uma coisa chamada cadeiridade. Toda vez que produzo um objeto que tenha cadeiridade, todo mundo reconhece automaticamente como sendo uma cadeira, mesmo sendo uma cadeira de um jeito que ninguém até hoje fez igual. Compreenderam? Bem fácil.

Sócrates continua a explanação, demonstrando que o corpo, por meio dos sentidos, não consegue ver a essência das coisas:

> SÓCRATES
> E com relação ao seguinte, Símias: afirmaremos ou não que o justo em si mesmo seja alguma coisa?
>
> SÍMIAS
> Afirmaremos, sem dúvida, por Zeus.

Sócrates

E também o belo em si e o bem?

Símias

Também.

Sócrates

E algum dia já percebeste com os olhos qualquer deles?

Símias

Nunca.

PROF. MONIR: Nunca. O belo em si, nunca. O que os meus olhos percebem é uma mulher bela. Uma casa bela. Uma paisagem bela. Uma poesia bela, o meu ouvido percebe. Mas o belo em si, meus olhos não percebem. Ou seja, o que os meus sentidos conseguem perceber são apenas situações e exemplos de alguma coisa que participa do belo em si. Por que eu digo que certa pessoa é bela? Porque essa pessoa participa de um determinado belo, que é por sua vez uma essência, que está onde? Está lá junto à cachorridade, naquele mundo das ideias e das formas, e não por aqui. Portanto, diz ele, os meus sentidos jamais saberão o que de fato é belo, porque eles só conseguem perceber a beleza que está em alguma coisa. No entanto, essa beleza que está em alguma coisa é apenas uma participação no verdadeiro belo. Esse verdadeiro belo eu só consigo perceber pela minha intelecção, ou seja, ele é só inteligível. É minha alma e não o meu olho que o percebe. Só saberei como as coisas são de verdade quando me livrar da intermediação do corpo, porque o corpo só atrapalha. Continuamos.

Sócrates

Ou por intermédio de outro sentido corpóreo? Refiro-me a tudo: grandeza, saúde, força e o mais que for, numa palavra: a essência de tudo o que existe, conforme a natureza de cada coisa. É por intermédio do corpo que percebemos o que neles há de verdadeiro, ou tudo se passará da seguinte maneira: quem de nós ficar em melhores condições de pensar em si mesmo o mais exatamente possível o que se propõe examinar, não é esse que estará mais perto do conhecimento de cada coisa? Ou não?

Símias

Perfeitamente.

**PROF. MONIR: O que tiver mais próximo da essência, esse é o que conhecerá mais.**

Sócrates

E não alcançará semelhante objetivo da maneira mais pura quem se aproximar de cada coisa só com o pensamento, sem arrastar para a reflexão a vista ou qualquer outro sentido, nem associá-los a seu raciocínio, porém valendo-se do pensamento puro, esforçar-se por apreender a realidade de cada coisa em sua maior pureza, apartado, quando possível, da vista e do ouvido, e, por assim dizer, de

> todo o corpo, por ser o corpo fautor de perturbação para a alma e impedi-la de alcançar a verdade e o pensamento, sempre que a ele se associa? Não será, Símias, esse indivíduo, se houver alguém em tais condições, que alcançará o conhecimento do ser?
>
> Símias
>
> Tens toda razão, Sócrates.

PROF. MONIR: Mas é claro! Dentro do modelo platônico, óbvio. Ou seja, aquele sujeito que for menos enganado pelos seus sentidos, que chegar a ter o contato com a coisa em si mesma, com a essência, como ela é de verdade, é aquele que terá melhor visão da realidade. Porque, de acordo com Platão, isso que nós temos aqui, que os sentidos nos contam, é apenas uma tentativa frustrada de nos dizer qual é a realidade. Depois, em *A República*, Platão fará o celebérrimo modelo, o exemplo da "caverna de Platão", em que descreverá mitologicamente essa mesma situação com a seguinte história: O ser humano é um sujeito que fica prisioneiro numa caverna escura e está de tal modo agrilhoado, preso, que só consegue enxergar uma certa parede. Atrás dele tem uma fogueira, e as coisas, as pessoas passam entre a fogueira e a parede, e fazem a projeção de uma imagem na parede. Mas isso que você está vendo com os seus olhos, não é de fato o que está atrás de você, é apenas uma projeção luminosa, uma sombra daquilo que está atrás de você. Não é possível conhecer o mundo a partir desta autoilusão, a partir desta incompetência de perceber o mundo. Ora, qual é a solução? O sujeito que está ali prisioneiro, e que é filósofo, consegue se desagrilhoar e foge da caverna. Vai pra fora da caverna e vê como as coisas são de verdade. Volta e conta

assim: Olha pessoal, isso que vocês pensam que é cachorro, não é. É apenas uma sombra do cachorro, o cachorro de verdade é outra coisa. Portanto, de acordo com Platão, a missão do filósofo é justamente ver como as coisas são de fato. Olhar para as essências. O problema de olhar para as essências é que isso não pode ser feito pelo corpo, porque o corpo não é capaz de apreender a essência, o corpo só apreende a imagem, só apreende o fantasma, só apreende a impressão física da essência, mas nunca a própria essência.

> SÓCRATES
>
> Por isso tudo, continuou, é natural nascer no espírito dos filósofos autênticos certa convicção que os leva a discorrer entre eles mais ou menos nos seguintes termos: Há de haver para nós outros algum atalho direto,

PROF. MONIR: Nós outros filósofos.

> quando o raciocínio nos acompanha na pesquisa; porque enquanto tivermos corpo e nossa alma se encontrar atolada em sua corrupção, jamais poderemos alcançar o que almejamos.

PROF. MONIR: A alma e o corpo juntos. A alma está atolada na corrupção do corpo. O corpo está corrompido pelos seus desejos, seus prazeres, suas idiossincrasias. Assim, o filósofo que está prisioneiro do seu corpo, que ainda está vivo, tem a dificuldade enorme de perceber a realidade a não ser que...

> E o que queremos, declaremo-lo de uma vez por todas, é a verdade. (págs. 260-261)

PROF. MONIR: A missão da filosofia é encontrar a verdade. Por isso chama-se filo-sofia. Aqui é preciso fazer mais uma interrupção e contar para vocês mais uma coisa fundamental.

Quando disse para vocês que o projeto platônico é recuperar a identidade entre a *pólis* e o *kosmos*, não disse – mas direi agora – que o projeto socrático, que antecede o projeto platônico, é parecido, mas é diferente. No que ele é parecido? O projeto socrático no fundo se resume ao seguinte: para Sócrates a missão da sua existência é recuperar a identidade entre a *coisa* e o *logos*.

Vou repetir: o projeto socrático é voltado para recuperação da identidade da *coisa* e do *logos*. Isso é assim por causa da democracia ateniense; havia uma espécie de inflação de vigaristas intelectuais, que eram ou sofistas, ou retóricos, ou erísticos. Pessoas que viviam de mercadejar, fazer o mercantilismo da palavra, para obter com esse mercantilismo determinados fins, determinadas consequências concretas. Por exemplo, quando o advogado – nessa época não existia advogado, chamava-se retórico –, quando um retórico produzia um discurso para determinado sujeito que estava sendo acusado de um crime, o que ele queria? Queria estabelecer os fatos ou que o seu cliente se salvasse? Vocês compreendem que o jogo jurídico não é um jogo que busca a verdade. Quem tem que procurar a verdade é o juiz. O juiz olha para duas proposições retóricas e diz assim: bom, numa mão tenho a argumentação de um lado e na outra mão tenho a argumentação do outro. Por isso é que se diz que o juiz pensa dialeticamente, porque precisa considerar essa oposição de ideias. Mas o advogado de

acusação e o advogado de defesa, em princípio, não estão interessados em buscar verdade nenhuma, o que eles querem exclusivamente é que o cliente ganhe ou perca aquela ação.

Toda vez que há um desses crimes impactantes no Brasil, no dia seguinte de manhã todo o fulano que tem um programa de televisão vai lá e propõe que o tal do criminoso não tenha advogado nenhum: "Como é que alguém vai ser advogado deste monstro!" Não se dá conta, ao fazer isso, que destrói completamente a ideia de Direito. Não há mais Direito se você não tem o contraditório. Mesmo o maior monstro do mundo tem direito a alguém que o represente. Não há justiça sem isso. O que havia no tempo de Sócrates era uma enorme quantidade de gente que vivia, ganhava dinheiro – era tudo pago, não é? - ao ensinar as pessoas a tapearem os outros.

O sofista faz o quê? Ajuda alguém a aprender como é que você usa as palavras para tapear os outros. O retórico ensina alguém a discursar. O erista ensina a ganhar uma briga em qualquer circunstância. São pessoas que usavam a palavra não para buscar a verdade, mas uma vantagem concreta. Ora, o que faz Sócrates neste contexto social único da história da humanidade? Sócrates resolve recuperar a identidade entre o *logos*, que é a palavra, o discurso humano, e a *coisa*, o que a palavra representa. Ou seja, Sócrates precisa recuperar a identidade entre a verdade da conversa, a verdade da linguagem humana. Esse é o projeto socrático em última análise. Vou repetir: é a recuperação, portanto, de alguma coisa que se perdeu. Do quê? Da identidade entre o *logos*, que é o discurso humano, e a *coisa*, aquilo a que o *logos* se refere objetivamente.

O projeto platônico não é bem assim. O projeto platônico também é uma recuperação de uma identidade, porém entre o *kosmos* e a *polis*. Compreenderam a diferença importante? O que Sócrates está dizendo aqui é isso.

Sócrates insiste em que livrar-se do corpo é muito bom negócio, porque o corpo nos satura com "amores, receios, cupidez, imaginações de toda a espécie e um sem-número de banalidades..."

PROF. MONIR: Queria só recordar a vocês que no parágrafo anterior Sócrates diz assim: "*E o que queremos, declaremo-lo de uma vez por todas, é a verdade.*" É este fato, esta atitude que distingue o filósofo do retórico, do sofista. Só que nessa época era muito difícil fazer esta distinção, porque todo mundo era meio parecido um com o outro. É por essa razão que Aristófanes, um comediógrafo grego, colocou Sócrates numa peça de teatro chamada *As Nuvens*, em que ele é apresentado como sendo um vigarista contratado por um sujeito chamado Istrepicíades para ensinar ao filho como fazer para não pagar suas dívidas. No dia da estreia da peça, Sócrates estava no plenário, na plateia, e levantou-se quando apareceu o seu equivalente no palco, para que todos vissem que se tratava dele, levando obviamente com bom humor aquela situação. Mas no início da *Apologia*, Sócrates, na sua defesa no tribunal, começa dizendo isso: "Olha, eu queria dizer o seguinte: antes do Meleto, do Ânito e do Lico me acusarem, eu já tinha acusadores, que são os comediógrafos, que nunca entenderam bem o que eu fazia. Nunca perceberam que eu não era um sofista, mas um filósofo".

E o que distingue o filósofo do sofista é que o filósofo está preocupado com a verdade, mesmo quando a verdade implica prejuízo muito grande,

enquanto o sofista e o retórico estão querendo apenas ganhar uma causa. Sócrates inventou a filosofia. Esta é a primeira vez na história que alguém consegue sintetizar isso dessa maneira. Vamos mais um pouquinho para frente.

> SÓCRATES
>
> Mais, ainda: guerras, dissensões, batalhas, suscita-as exclusivamente o corpo com seus apetites. Outra causa não têm as guerras senão o amor do dinheiro e dos bens que nos vemos forçados a adquirir por causa do corpo, visto sermos obrigados a servi-lo. Se carecemos de vagar para nos dedicarmos à Filosofia, a causa é tudo isso que enumeramos. O pior é que, mal conseguimos alguma trégua e nos dispomos a refletir sobre determinado ponto, na mesma hora o corpo intervém para perturbar-nos de mil modos, causando tumulto e inquietude em nossa investigação, até deixar-nos inteiramente incapazes de perceber a verdade. Por outro lado, ensina-nos a experiência que, se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de separar-nos do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas. Só nessas condições, ao que parece, é que alcançaremos o que desejamos e do que nos declaramos amorosos, a sabedoria, isto é, depois de mortos, conforme nosso argumento o indica, nunca enquanto vivermos. (pág. 262)

PROF. MONIR: No *Fedro*, outro diálogo de Platão, há uma maravilhosa explicação disso. Platão diz que a alma humana é uma espécie de carruagem, um carro alado, conduzida por um auriga. Este carro tem dois cavalos que o puxam. E o problema do auriga é que um desses dois cavalos é de grande qualidade genética, um cavalo dócil e obediente. Mas o outro cavalo é um cavalo de má índole, ruim, sem raça, e que não obedece. Portanto, o problema do condutor da alma humana é que está o tempo todo tentando conseguir que dois cavalos muito diferentes possam ir para a mesma direção. O cavalo bom quer ir para o céu e o cavalo mau para a terra, porque lá é que tem o mato que ele quer comer.

Os deuses não têm este problema, porque têm dois cavalos de raça. Portanto podem passear pelos céus o tempo todo, com as suas comitivas de deuses, todos os dias. Os 12 olímpicos, exceto Vesta, exceto Héstia. Ela nunca sai de casa porque é a deusa do lar. Então os outros 11 deuses que não têm este compromisso saem de casa e vão passear pelas regiões transurânicas, ou seja, além do céu. Onde irão fazer o quê? A admiração, a contemplação das verdades eternas, que são as essências. Essas essências que Sócrates diz aqui que só podem ser atingidas com a morte.

E o problema da carruagem dos deuses é nenhum, porque eles vão para onde eles querem. Mas o condutor da carruagem humana não consegue controlar os cavalos. Quando de vez em quando consegue algum controle, a carruagem mal entrevê um pouquinho da paisagem onde estão as verdades eternas. Chama-se Planície das Verdades, e fica lá naquela região transurânica, além do céu. E é por isso que a gente mal sabe como as coisas são; mal pudemos bater um olho, porque na hora que a gente foi fixar a vista, os cavalos começaram a brigar novamente entre si e não foi possível

continuar naquele mesmo trajeto. Pior do que isso: as carruagens humanas estão sempre batendo umas contra as outras e por causa disso caem na terra e, caindo na terra, perdem as asas e nós então entramos nos corpos humanos. É assim que nos tornamos seres humanos. As nossas almas, que antes passeavam pelo céu, agora estão aqui na terra, prisioneiras dos nossos corpos humanos. A nossa profissão aqui na terra dependerá essencialmente do quanto é que conseguimos ver daquilo que está lá na Planície das Verdades. Aqueles que viram muito se transformarão em filósofos. E o sujeito que menos viu é o tirano. O político tirano é aquele sujeito que mal conseguiu ter uma ideia de como eram as verdades eternas.

Só que como todo mundo vê um pouquinho – e o nosso sentido mais poderoso é a visão – toda a vez que nós seres humanos vemos alguma coisa bela, seja uma mulher, seja um automóvel, seja uma sinfonia, o que for, lembramo-nos de que vimos um pouquinho da beleza – aquela beleza lá do mundo transurânico que conseguimos ver de relance. Quando a nossa alma percebe por meio do estímulo dessa beleza material que compartilha daquela beleza, as nossas asas começam a querer sair de novo pelas nossas costas, começam a coçar e começam a fazer um esforço de renascer, e aí, dependendo de como tenhamos conduzido a nossa vida, podemos voltar a voar pelas imensidões dos céus transurânicos e podemos então voltar a conviver com as verdades verdadeiras, aquelas que estão nesse mundo transcendente, que não estão no mundo material.

ALUNA: *Então a ideia do filósofo ideal seria não ter corpo humano, só alma?*

PROF. MONIR: Obviamente não é isso que ele está propondo, porque continuamos sendo seres humanos, não? Por isso contei a segunda história

do *Fedro*, que é outro diálogo que não o *Fédon*. O que é o filósofo, na verdade? Filósofo é aquele sujeito que tem uma ligação permanente com o mundo transcendente, ou seja, é o sujeito que conseguiu fugir da caverna, vai fora da caverna e conta para os outros que ficaram como é o mundo. Agora, o que ele está falando aqui é que, em termos teóricos, a falta do corpo que irá acontecer com Sócrates não implicará nenhum prejuízo de verdade, porque. estando sem o seu corpo, não estando mais caída sobre a superfície da terra, a sua alma poderá voar com liberdade. E é o que ele imagina que vai fazer. Ele está aqui tentando demonstrar por que é que para um filósofo não é tão ruim assim a ideia de morrer, de perder o seu corpo. Vamos lá então. Continuamos.

Sócrates conclui que, "enquanto vivermos, a única maneira de ficarmos mais perto do pensamento é abstermo-nos o mais possível da companhia do corpo e de qualquer comunicação com ele, salvo o estritamente necessário, sem nos deixarmos saturar de sua natureza nem permitir que nos macule, até que a divindade nos venha libertar."

PROF. MONIR: Ou seja, até que a morte apareça. A libertação da divindade é a morte.

Sócrates retoma o tema da iminência de sua morte:

> SÓCRATES
>
> Por conseguinte, companheiro, se tudo isso estiver certo, há muita esperança de que somente no ponto em que me encontro, e mais em tempo algum, é que alguém poderá alcançar o que

durante a vida constitui nosso único objetivo. Por isso, a viagem que me foi agora imposta deve ser iniciada com uma boa esperança, o que se dará também com quantos tiverem certeza de achar-se com a mente preparada e, de algum modo, pura.

(...)

E o que denominamos morte, não será a libertação da alma e o seu apartamento do corpo?

Símias

Sem dúvida.

Sócrates

E essa separação, como dissemos, os que mais se esforçam por alcançá-la e os únicos a consegui-la não são os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia, e não consiste toda a atividade dos filósofos na libertação da alma e na sua separação do corpo?

Símias

Exato.

Sócrates

Sendo assim, como disse no começo, não seria ridículo preparar-se alguém a vida inteira para viver o mais perto possível da morte, e revoltar-se no instante em que ela chega? (pág. 263)

PROF. MONIR: É o caso dele, não? Está todo mundo indignado porque ele não está revoltado. Vai ser morto dali a algumas horas e não está ligando pra isso. Diz Sócrates para os seus companheiros: "Olha, não seria ridículo, depois que passei a minha vida inteira me livrando do apego ao corpo, agora que vai acontecer ficar chateado com isso? Pois eu vou para a ilha dos bem-aventurados, vou visitar a Planície da Verdade. Não estando mais prisioneiro dos meus sentidos, vou ser capaz finalmente de entender o que as essências são. Sou o sujeito mais feliz do mundo!"

Para Sócrates, portanto, os que praticam a filosofia são os que "menos temor revelam à ideia de morte". Pela mesma razão, o homem que se revolta no instante de morrer demonstra que não é amante da sabedoria, mas amante do corpo e possivelmente "amante do dinheiro e da fama". Na indiferença à morte também estaria a chave da coragem e da temperança. Ao concluir, Sócrates ironiza seu pequeno plenário: "o vulgo não me dará crédito; porém se a minha defesa vos pareceu mais convincente do que aos meus juízes atenienses, é tudo o que posso desejar".

PROF. MONIR: É uma piadinha. Ele faz uma paródia, estão vendo? "Então espero que tenha sido mais eficaz juridicamente do que fui com meus juízes de Atenas."

Cebes, inconformado, retoma o debate, alegando que "no que toca à alma, dificilmente os homens poderão acreditar que, uma vez separada do corpo, venha ela a subsistir em alguma parte, por destruir-se e desaparecer no mesmo dia em que o homem fenece".

PROF. MONIR: Cebes e Símias são os dois que estão contrários e discutindo

o assunto com Sócrates. O engraçado nessa história aqui é que esse é o único diálogo de Platão em que você tem personagens que produzem mais dialética do que o próprio Sócrates. De modo geral, é Sócrates quem faz estas contestações. Mas, nesse diálogo especial, Símias e Cebes estão o tempo todo apondo restrições. E a restrição que eles têm é a seguinte: eles são capazes até de aceitar que a alma pré-exista ao nascimento, mas não conseguem imaginar que a alma pode continuar viva depois da morte. Por várias razões que Sócrates irá debater com eles. Mas, sobretudo, porque eles acham que a alma é uma espécie de harmonia do corpo. Quer dizer, é como se o corpo por meio dos seus ingredientes físicos produzisse uma sintonia entre essas coisas todas, que é a alma. Ora, se o corpo morre, esta harmonia necessariamente tem que desaparecer em seguida. É essa a argumentação de Símias e Cebes contra a hipótese de que a alma é imortal. Reparem numa coisa importante: todo este discurso de Sócrates de que é melhor estar morto do que vivo só continua válido se a alma for imortal. É ou não é? Porque se a alma não é imortal, aí você tem que lamentar aqueles chopes que você não tomou, aquela farra que você não fez, não?

Aqui há uma proximidade medonha com o cristianismo. Eu sempre digo que para você transformar Platão em cristianismo demora três linhas. Platão diz: “A verdade está no mundo das formas, das ideias”. Aí você pergunta: “E onde está o mundo das formas, das ideias?” Resposta: “Na mente de Deus”. Pronto, o platonismo virou cristianismo automaticamente. É por isso que quando vem o cristianismo, a primeira corrente filosófica que o cristianismo incorpora – por via de Santo Agostinho, por exemplo – é o platonismo. Toda a filosofia de Santo Agostinho é platônica. Porque o cristianismo e o platonismo estão tão próximos um do outro que não há áreas de conflito significativas. É o que também está dizendo aqui. Está nos contando isso.

> Cebes
>
> No próprio instante em que se separa do corpo e dele sai, dispersa-se como sopro ou fumaça, evola-se, deixando, em consequência, de existir em qualquer parte.

PROF. MONIR: Quem está falando é o Cebes. Lembrem-se. É o Cebes dizendo que acha um absurdo alguém afirmar que a alma continua viva após a morte do corpo.

> Porque, se ela se recolhesse algures a si mesma, livre dos males que há pouco enumeraste, haveria grande e doce esperança de ser verdade, Sócrates, tudo o que disseste. Mas o fato é que se faz mister de não pequeno poder de persuasão e de muitos argumentos para demonstrar que a alma subsista depois da morte do homem e que conserva alguma atividade e pensamento. (pág. 267)

PROF. MONIR: Viram que malcriação? Esses dois tebanos farão isso todo o tempo, estarão contestando o que Sócrates diz e mostrando que é impossível que a alma possa se desvincular do corpo. Quer dizer, se o corpo morre, a alma obrigatoriamente tem de morrer.

Esta objeção faz Sócrates entrar na teoria da vida da alma após a morte, evocando "antiga tradição" que afirma que os vivos procedem dos mortos, sejam homens, sejam animais, sejam plantas.

PROF. MONIR: Toda a vez que ele fala em antiga tradição, está falando de pitagorismo e orfismo, que são as antigas tradições em que Platão foi ensinado naqueles dez anos em que passou viajando entre a morte de Sócrates e a fundação da Academia. Nesses dez anos Platão aprendeu tudo o que sabia sobre pitagorismo.

> SÓCRATES
>
> Para deixar a questão mais fácil de entender, observou, não te limites a considerá-la com relação aos homens, porém estende-a ao conjunto dos animais e das plantas, numa palavra, a tudo o que nasce, a fim de vermos se cada coisa não se origina exclusivamente do seu contrário, onde quer que se verifique essa relação, tal como no caso do belo, que tem como contrário o feio, no do justo e do injusto e em mil outros exemplos que se poderiam enumerar.

PROF. MONIR: Este é o primeiro argumento de Sócrates, no diálogo, em favor da imortalidade da alma. Ele diz assim: "Olha, tem que ser imortal a alma, porque as coisas todas se originam dos seus contrários". Agora, cuidado, porque nem tudo tem contrário.

Tem alguma coisa que pode ser contrário de Fernando? Não tem. Por quê? Porque o Fernando é uma substância, uma *ousia*. E substância não tem contrário. O que é contrário de porta? Qual é o contrário de cancela? Qual é o contrário de ônibus? Qual é o contrário de estação-tubo? Não tem. Por quê? Porque essas coisas todas são *ousias*, são substâncias. Logo não

têm contrários. O que é que tem contrário? São os atributos que as *ousias* têm. Por exemplo: eu tenho um cavalo e o cavalo pode estar cansado ou descansado. O cavalo está cansado, contrário de descansado. Como cansado ou descansado é um atributo do cavalo, embora cavalo em si não tenha contrário, o atributo quanto à sua predisposição de saúde ocasional pode ser analisado por contrários.

O que ele está dizendo é de concepção dessas tradições antigas, dizer que tudo nasce dos contrários. Se você está cansado, só poderia estar cansado se estivesse descansado antes, porque a noção de cansado existe em contraste com a de descansado, não? A gente só pode ser velho se já foi jovem um dia. Porque a velhice só se justifica como um contrário de juventude. De onde é que vem a velhice? Vem da juventude. Nesse sentido, a velhice decorre da juventude. Muito bem, agora ele vai explicar que é por causa disso que a alma tem de ser imortal. Não há modo de ela não ser. Primeiro argumento.

Não é um argumento muito bom, é de qualidade mediana. Mas já há um pouco de emoção. Não é o melhor argumento de todos que há no livro. Mas vamos lá, vamos ver.

> SÓCRATES
>
> Investiguemos, então, se é forçoso que tudo o que tenha algum contrário de nada mais possa originar-se a não ser desse mesmo contrário. Por exemplo: para ficar grande alguma coisa, é preciso que antes fosse pequena, sem o que não poderia aumentar.

Cebes

Certo.

Sócrates

E para diminuir, não é preciso ser maior, para depois vir a ficar pequena?

Cebes

Exatamente.

Sócrates

Assim, do mais forte nasce o mais fraco e do moroso o rápido.

Cebes

Sem dúvida.

Sócrates

E então? Se alguma coisa piora, é porque antes era melhor, como terá sido antes injusta para poder tornar-se justa?

Cebes

Como não?

Sócrates

E agora? Não é próprio dessa oposição universal haver dois processos de nascimento: o que vai de

um contrário para o outro, e o de sentido inverso: deste último para aquele? Entre a coisa maior e a menor há crescimento e diminuição, razão por que dizemos que uma delas cresce e a outra diminui.

PROF. MONIR: Se vai da menor para a maior, este processo chama-se aumento. E se vai da maior para a menor, chama-se diminuição. Seja como for, é um contrário que gera o outro. Isso é velho, velho, velho, velho, velho. Isso aí é a concepção pitagórica do mundo. Os pitagóricos têm uma lista da ideia dos contrários que vocês conseguem facilmente na Internet. Aliás, tenho também num esquema aristotélico desses a lista dos contrários formadores e estruturantes do mundo. Os pitagóricos criaram uma lista básica que estabelece como o mundo é feito, por uma composição de contrários. Esse é o eixo estruturante da realidade segundo os pitagóricos. Isso que se está falando aqui é pitagorismo puro. É o Sócrates que está falando? Não! Quem está falando é Platão. Sócrates teve alguma coisa a ver com isso? De jeito nenhum. Sócrates só gostaria de estar examinando se a pessoa sabe do que está falando. Quem está falando aqui é Platão exclusivamente. Portanto, este é um diálogo platônico-platônico e não um diálogo platônico-socrático. Continuamos.

CEBES

É certo.

SÓCRATES

Vale o mesmo para a combinação e a decomposição, o resfriamento e o aquecimento, e para as demais oposições do mesmo tipo. E

embora nem sempre tenhamos para todas elas designação apropriada, é forçoso nesses casos ser idêntico o processo, de forma que cada coisa cresce à custa de outra, sendo recíproca a geração entre elas. (págs. 268-269)

Segundo este raciocínio, "do que está morto provêm os homens e tudo o que tem vida". Sócrates conduz Cebes à conclusão necessária:

Sócrates

Que faremos, então? Não atribuiremos a esse processo de geração o seu contrário, ou admitiremos que nesse ponto a natureza é manca? Não será preciso aceitarmos um processo gerador oposto ao de morrer?

Cebes

Sem dúvida nenhuma.

Sócrates

Qual?

Cebes

Reviver.

PROF. MONIR: Pronto! E reviver aqui não é à toa, porque Platão precisa necessariamente da hipótese da reencarnação pra poder continuar pensando. Quer dizer, a tese platônica só vai poder ser mantida se ele

puder estabelecer a tese da reencarnação. Porque a alma, se sai do corpo que morreu, precisa voltar para outro corpo. Esse movimento chama-se reencarnação. Logo, a reencarnação platônica, do modo como é explicada em Platão, é uma espécie de reencarnação filosófica, ela decorre de uma necessidade lógica, e não é uma reencarnação conceitual como é a espiritista, por exemplo. Porque a reencarnação espiritista tem uma espécie de justificativa moral. Você tem de reencarnar para deixar de ser mau, para aprender a não ser um sujeito chato e tal na próxima encarnação. Mas o processo de encarnação platônico não é um processo de justificativa moral. É um processo exigido pela própria lógica da alma imortal. Não é possível haver alma imortal se não houver reencarnação. Vai ficar claro, em seguida, se a gente continuar lendo. Vamos lá terminar este pedacinho.

> SÓCRATES
>
> Logo, se o reviver é um fato, terá de ser uma geração no sentido dos mortos para os vivos: a revivescência.

PROF. MONIR: É o nome da operação. Revivescência seria o ato, o processo que aconteceria.

> CEBES
>
> Perfeitamente.

> SÓCRATES
>
> Desse modo, ficamos também de acordo que tanto os vivos provêm dos mortos como os mortos dos vivos. Sendo assim, quer parecer-me

que apresentamos um argumento bastante forte para afirmar que as almas dos mortos terão necessariamente de estar em alguma parte, de onde voltam a viver.

PROF. MONIR: A argumentação de Símias e Cebes contra a imortalidade da alma não confere. Porque eles acham que, com a morte do corpo, a alma desaparece automaticamente. Está aqui Platão dando a primeira argumentação contrária a essa tese, dizendo que pela regra que estabelece que as coisas vêm de seus contrários é necessário que a alma que vai se instalar em alguém tenha vindo de outro lugar. Ela tem de estar viva antes, tem de existir em algum momento, portanto não pode morrer depois que sai do corpo. Esse é o argumento de Platão. Continuamos.

CEBES

A meu parecer, Sócrates, é a conclusão forçosa de tudo o que admitimos até aqui. (pág. 270)

Sócrates também insiste na necessidade desta compensação de contrários, porque se não fosse assim, tudo "acabaria numa forma única e ficaria num só estado, cessando, por isso mesmo, a geração." Deste modo, quem dorme dormiria para sempre como o Eudimião[7] da fábula.

PROF. MONIR: Cantou a dona da casa. Cantou a mulher de Zeus. Não era só a dona da casa, era a mulher de Zeus, por isso é que Eudimião foi condenado

7 Nota do resumidor – Eudimião é um pastor coríntio muito belo, que após ter sido admitido no Olimpo, foi expulso de lá e condenado a um sono perpétuo sobre o Latmo (montanha da Ásia Menor) por ter pretendido o amor de Hera.

a dormir para sempre. Ou seja, a vigília e o sono são contrários entre si, eles têm de necessariamente um vir do outro. Por que estou dormindo? Porque antes estava em vigília. Por que estou agora em vigília? Porque antes estava dormindo. Não há modo de você não estabelecer a necessidade desta posição. Dizia Platão: "Necessariamente a alma não pode ir embora e desaparecer. Porque se as almas todas sumissem, o que aconteceria com o estoque delas? Iria desaparecer". Seria como uma empresa de trens que manda todos os trens para certo destino e nunca os traz de volta, de modo que os trens iam todos ficar encalhados lá na outra ponta. Não seria uma boa ideia logística fazer uma coisa dessas. Todos os aviões vão para Viracopos e ficam lá, nunca mais nenhum sai de lá, não dá certo.

Cebes e Símias conversam sobre a explicação que Sócrates dá ao conhecimento como reminiscência, que seria outra prova da pré-existência da alma:

> SÍMIAS
> Porém, Cebes, que provas há sobre isso? Aviva-me a memória, pois não me lembro agora de quais sejam.

PROF. MONIR: Vejam que retórica bacana! Quer dizer, o homem é um escritor. Diz assim: "Olha, agora eu vou dizer a segunda prova." A segunda prova está baseada na ideia de que aprender é lembrar. O diálogo platônico que lida com este assunto, "aprender é lembrar", é chamado *Menon*. Nesse diálogo, Sócrates pede para chamar um escravo analfabeto, que nunca estudou, e faz perguntas a esse escravo, de tal modo que ele acaba concluindo uma porção de coisas muito importantes em termos de geometria sem ter tido nenhuma espécie de educação. Sócrates diz para o Menon, seu interlocutor

no diálogo, que está provado que isso que chamamos de aprender não é aprender de verdade, nós só lembramos aquilo que já sabíamos. Por que que lembramos? Vocês estão cansadíssimos de saber isso, nesta altura da nossa noite. Vocês já sabem como as nossas almas frequentaram a Planície das Verdades. O que viram lá, elas lembrarão mais tarde. Quando aprendo alguma coisa, não estou aprendendo, estou lembrando aquilo que eu já vi. Mas vi quando? Quando a minha alma não estava dentro do meu corpo. Quando a minha alma voava por aí, alada, olhando para as verdades, para as coisas de fato como elas são. Como todas as nossas almas já estiveram nesse mundo das verdades, onde as coisas de fato são, é assim, portanto, que nós lembramos. Não aprendemos nada, só lembramos de fato o que já sabíamos. E essa conversa, essa discussão está no diálogo *Menon* de Platão. Continuamos?

> CEBES
>
> Bastará uma, eloquentíssima: interrogando-se os homens, se as perguntas forem bem conduzidas, eles darão por si mesmos respostas acertadas, o de que não seriam capazes se já não possuíssem o conhecimento e a razão reta. Depois disso, se os pusermos diante de figuras geométricas ou coisas do mesmo gênero, ficará demonstrado à saciedade que tudo realmente se passa desse modo[8]. (pág. 272)

8 Nota do resumidor – Esta afirmação é demonstrada no diálogo Mênon.

PROF. MONIR: É como se Platão estivesse fazendo aqui uma coisa propositada. Ele escreveu este trechinho justamente pra lembrar que o diálogo *Menon* também existe. O que está no *Menon* está escrito exatamente aqui. Continuamos.

Sócrates intervém para apoiar a sua tese da reminiscência.

> SÓCRATES
>
> E não poderemos declarar-nos também de acordo a respeito de mais outro ponto, que o conhecimento alcançado em certas condições tem o nome de reminiscência? Refiro-me ao seguinte: quando alguém vê ou ouve alguma coisa, ou a percebe de outra maneira, e não apenas adquire o conhecimento dessa coisa como lhe ocorre a ideia de outra que não é objeto do mesmo conhecimento, porém de outro, não teremos o direito de dizer que essa pessoa se recordou do que lhe veio ao pensamento? (págs. 272-273)

(...)

> SÓCRATES
>
> Considera, então, se tudo não se passa deste modo. Afirmamos que há alguma coisa a que damos o nome de igual; não imagino a hipótese de um pedaço de pau ser igual a outro, nem uma pedra a outra pedra, nem nada semelhante; refiro-me ao

que se acha acima de tudo isso; a igualdade em si.

Diremos que existe ou que não existe?

Símias

Existe, por Zeus; à maravilha.

Sócrates

E que também saberemos o que seja?

Símias

Sem dúvida.

PROF. MONIR: Quando é que consigo afirmar que dois automóveis são iguais? Quando conheço o conceito de igualdade. Mas o conceito de igualdade, o que é? É uma essência. As coisas que são iguais o são porque participam da essência da igualdade. Mas as coisas que são iguais também são desiguais. Por exemplo, pego dois pedaços de pau e um é mais comprido que o outro. Ambos são pau porque ambos têm um negócio chamado paulidade, mas ao mesmo tempo não são exatamente iguais, porque também há outra coisa de que eles participam, que é a desigualdade. Ou seja, dois pedaços de pau são iguais por um lado e desiguais por outro. Os dois pedaços de pau participam tanto da igualdade quanto da desigualdade. Compreenderam? Porque que nós todos aqui não temos a mesma cara, a mesma aparência física? Porque participamos da desigualdade. Mas essa participação da desigualdade não nos transforma em pessoas completamente desiguais. Portanto, há alguma coisa chamada humanidade, que é o que nos unifica, que continua sendo igual. Só consigo saber o que é igual e o que é desigual se tiver os conceitos

da essência da igualdade e da essência da desigualdade. Por isso que não é possível ninguém saber nada se não tiver uma ideia das essências. É isso que Platão está nos contando aqui.

> Sócrates
>
> E onde fomos buscar esse conhecimento? Não foi naquilo a que nos referimos há pouco, à vista de um pau ou de uma pedra e de outras coisas iguais, que nos surgiu a ideia de igualdade, que difere delas? Ou não te parece diferir? Considera também o seguinte: por vezes, a mesma pedra ou o mesmo lenho, sem se modificarem, não se te afiguram ora iguais, ora desiguais?
>
> Símias
>
> Sem dúvida.
>
> Sócrates
>
> E então? O igual já se te apresentou alguma vez como desigual, e a igualdade como desigualdade?
>
> Símias
>
> Nunca, Sócrates.

PROF. MONIR: Bom, aí não. Posso dizer o seguinte, que dois pedaços de pau são iguais porque ambos têm paulidade. E posso dizer que eles são desiguais porque um é mais comprido que o outro. Mas não posso dizer que o igual e o desigual são a mesma coisa. Porque aí estou me contradizendo. Então isso

não pode ser. É o que ele tá dizendo. As essências são incompatíveis uma com a outra. Na hora que uma aparece, a outra tem que sair pela porta dos fundos. Não posso ter alguma coisa que seja ao mesmo tempo igual e desigual sob o mesmo aspecto. Posso ter uma coisa que seja simultaneamente igual e desigual em aspectos diferentes. Mas nunca no mesmo aspecto. Não posso dizer que eu sou eu e eu não sou eu. Posso dizer que sou economista e curitibano. Estou falando de duas coisas diferentes, mas de duas coisas diferentes que são compossíveis. Ou seja, posso aceitar a existência dessas duas coisas ao mesmo tempo. Conceito de compossibilidade de Leibniz, um dos maiores filósofos da história. O que não é compossível é dizer assim: sou homem e sou mulher. Isso eu não posso dizer.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Simbolicamente, ao menos. Depois das onze, depois da meia-noite... Vamos lá, então.

> SÓCRATES
>
> Por conseguinte, não são a mesma coisa esses objetos iguais e a igualdade em si.
>
> SÍMIAS
>
> De jeito nenhum, Sócrates.
>
> SÓCRATES
>
> Não obstante, foi desses iguais, diferentes da igualdade, que concebeste e adquiriste o conhecimento desta última.

Símias

Está muito certo o que afirmaste, disse.

Sócrates

Que pode ser semelhante àqueles ou dessemelhantes?

Símias

Perfeitamente.

Sócrates

Isso, aliás, é indiferente. Desde que, à vista de um objeto pensas em outro, seja ou não seja semelhante ao primeiro, necessariamente o que se dá nesse caso é reminiscência.

Símias

Perfeitamente. (pág. 274)

O filósofo explica que "a reminiscência tanto provém dos semelhantes como dos dessemelhantes". Explica:

Sócrates

É preciso, portanto, que tenhamos conhecido a igualdade antes do tempo em que, vendo pela primeira vez objetos iguais, observamos que todos eles se esforçavam por alcançá-la, porém lhe eram inferiores.

PROF. MONIR: Olha só, aqui tem o platonismo no seu momento mais resumido durante a nossa tarde de hoje.

Para que eu possa ver o que é igualdade, tenho que ter visto a essência da igualdade antes de me defrontar com alguma coisa concreta que digo ser igual a outra. Portanto, a minha alma tem que, obrigatoriamente, ter estado fora do meu corpo antes de eu nascer. Ela não pode ter nascido comigo. Com isso Símias e Cebes concordam. Eles estão em desacordo de que a alma possa sobreviver à morte. Mas que a alma estivesse lá antes do início, com isso eles já concordaram várias vezes. Diz aqui Platão: " Igualdade nas coisas concretas é apenas uma tentativa de imitar a igualdade ideal, o modelo de igualdade que está lá naquele mundo, naquela existência de modelos, naquela existência do mundo das ideias" – ideias ou formas, tanto faz, como queiram chamar.

Logo, tudo o que nossos sentidos percebem nada mais são do que tentativas fracassadas de copiar aquilo que está naquele mundo ideal. É por isso que em *A República* Platão trata muito mal os artistas, porque ele acha que o sujeito que pinta uma árvore é um falsário em segundo grau. A árvore viva que está ali fora e você pode abraçar já é uma cópia mal feita da essência da árvore. A arvoridade estaria apenas como participação, ela não pode ser vista, não pode ser abraçada e nem fotografada. Se existe uma árvore real e concreta, ela já é uma tentativa insuficiente de fazer arvoridade. Ora, aí vem um sujeito e pinta uma cópia, faz uma imitação da imitação da árvore? Para Platão, os artistas são todos uns vigaristas. Estão tentando fazer em segundo grau aquilo que já em primeiro grau é mera imitação mal feita da essência chamada arvoridade, que não pode ser reproduzida concretamente em nenhuma árvore particular. E que só pode ser compreendida como potência

de imaginação, ou seja, com intuição. Não pode ser sentida, compreendida pelos sentidos. Compreenderam o que é o platonismo? Continuamos.

> De qualquer forma, é por meio dos sentidos que observamos tenderem para a igualdade em si todas as coisas percebidas como iguais, porém sem jamais alcançá-la. Ou que diremos?
>
> (...)

PROF. MONIR: Nunca alcançar. Por quê? Porque é impossível chegar à igualdade. A igualdade é essência. Ela não pode estar em coisa nenhuma realmente.

> Logo, antes de começarmos a ver, a ouvir ou a empregar os demais sentidos, já devemos ter adquirido em alguma parte o conhecimento do que seja a igualdade em si, para focarmos em condições de relacionar com ela as igualdades que os sentidos nos dão a conhecer e afirmar que estas se esforçam por alcançá-la, porém lhe são inferiores.
>
> (...)
>
> Logo, se o adquirimos antes do nascimento e nascemos com ele, é porque conhecemos antes do nascimento e ao nascer tanto o igual, o maior

> e o menor, como as demais noções da mesma natureza. Pois tanto é válido nosso argumento para a igualdade como para o belo em si mesmo e o bem em si mesmo, a justiça, a piedade e tudo o mais, como disse, a que pusemos a marca de O próprio que é, assim nas perguntas que formulamos como nas respostas apresentadas.

PROF. MONIR: *"O próprio que é"*, ou seja, o que a coisa é em si. A beleza em si. Essa beleza em si é a beleza que no fundo eu não consigo enxergar nas coisas belas aqui embaixo. Mas as coisas belas aqui embaixo podem fazer com que as minhas asas voltem a crescer. Porque, afinal de contas, quando você ouve uma peça maravilhosa de música, por exemplo, é como se você de fato tendesse a sair desse mundo e ir para a beleza propriamente dita.

E essa beleza material concreta que está nas coisas que participam da beleza, mas não são a beleza, elas me motivam a sair deste grau do sensível e ir para o grau do inteligível, que é encontrar a beleza como tal. Diz Platão que só se faz isso sem o corpo, porque o corpo estará sempre me enganando e produzindo em mim determinadas limitações. Só a inteligência pura é que é capaz de produzir a compreensão por via intuitiva do que seja a beleza.

Há um diálogo de Platão chamado *Crátilo* em que se discute se os nomes das coisas dizem o que elas são. E nesse diálogo, um diálogo muito interessante, no final Sócrates conclui que só sabemos o que as coisas são por intuição. Quer dizer, não são as palavras que nos contam o que as coisas são. Precisamos da intuição intelectual para saber o que são. Esse é o assunto de *Crátilo*. Continuamos.

A esse modo, adquirimos necessariamente antes de nascer o conhecimento de tudo isso.

(...)

Se, em verdade, segundo penso, antes de nascer já tínhamos tal conhecimento e o perdemos ao nascer, e depois, aplicando nossos sentidos a esses objetos, voltamos a adquirir o conhecimento que já possuíramos num tempo anterior: o que denominamos aprender não será a recuperação de um conhecimento muito nosso? E não estaremos empregando a expressão correta, se dermos a esse processo o nome de reminiscência?

SÍMIAS

Perfeitamente.

SÓCRATES

Pois já se nos revelou como possível, ao percebermos alguma coisa, pela vista ou pelo ouvido, ou por qualquer outro sentido, pensar em outra de que nos havíamos esquecido, mas que se associa com a primeira por parecer-se com ela ou por lhe ser dessemelhante. Desse modo, como disse, uma de duas há de ser, por força: ou nascemos com tal conhecimento e o conservamos durante toda a vida, ou então as pessoas das quais

> dizemos que aprendem posteriormente, o que fazem é recordar, vindo a ser o conhecimento reminiscência.

**PROF. MONIR: Esse é o assunto do diálogo *Menon*, novamente insistindo.**

Sócrates conduz seu interlocutor para as necessárias conclusões:

> Logo, Símias, as almas existem antes de assumirem a forma humana, separadas dos corpos, e possuírem entendimento. (págs. 275-278)

**PROF. MONIR: Símias e Cebes concordam com isso. A alma veio antes do corpo, existia antes da vida no corpo. O que eles não aceitam é que a alma continue viva depois que o corpo morre. Continuam implicando com este assunto, os dois aqui. Reparem só.**

Mas a dupla não se dá por vencida:

> Símias
>
> Porém, Sócrates, que ela continue a existir depois de nossa morte é o que não me parece suficientemente demonstrado, pois ainda está de pé a opinião do vulgo a que Cebes se referiu há pouco: Quem sabe se no instante preciso em que o homem morre, a alma se dispersa, sendo esse, justamente, o seu fim? Que impede, de fato, que ela nasça algures e se constitua de outros elementos e exista antes de alcançar o corpo

> humano, mas depois de entrar no corpo, quando tiver de separar-se dele, também acabe de uma vez e venha destruir-se?

**PROF. MONIR: Há nesta argumentação uma terrível resistência à morte. Não sei se vocês percebem isso, há uma dificuldade enorme de aceitação da morte aqui. Por enquanto, a postura desta dupla tebana é niilista, eles acham que a alma morre com a morte física.**

> CEBES
> Falaste bem, Símias. Parece que só foi demonstrado metade do que era mister, a saber: que nossa alma existe antes de nascermos; ainda falta provar, por conseguinte, que depois de morrermos ela não existirá menos do que antes do nascimento. Só assim ficará completa a demonstração. (pág. 279)

Sócrates repara que as almas necessariamente têm de sobreviver depois da morte, porque para poderem recomeçar a vida e existirem, precisam estar antes vivas em algum lugar: "... não será forçoso que continuem a existir depois da morte para renascerem?" No entanto, Sócrates concede que com certas coisas este processo de dispersão é natural: as coisas compostas se dispersariam "nos elementos originais". As almas não estão neste grupo, porque são simples, sempre se mantêm no mesmo estado e nunca se alteram.

**PROF. MONIR: A alma não é um composto. A alma é uma coisa simples. Por causa disso é que ela não sofre a mesma degeneração que a morte impõe àquilo que é composto. Elas continuariam vivas. Continuamos.**

Sócrates

E com relação à multiplicidade das coisas belas: homens, cavalos, vestes e tudo o mais da mesma natureza, que ou são iguais ou belas e recebem a própria designação daquelas realidades: conservam-se sempre idênticas ou, diferentemente das essências, não são jamais idênticas, nem com relação às outras nem, por assim dizer, consigo mesmas?

**PROF. MONIR: Todos os cavalos que existem não são idênticos à essência. São todos tentativas de fazer a essência, participam da essência. Se não são iguais à essência, eles são perecíveis, mas a essência não. Observem.**

Cebes

Isso, justamente, Sócrates, é o que se observa; nunca se conservam as mesmas.

Sócrates

E não é certo também que todas essas coisas se podem ver e tocar ou perceber por intermédio de qualquer outro sentido, ao passo que as essências, que se conservam sempre iguais a si mesmas, só podem ser apreendidas pelo raciocínio, por serem todas elas invisíveis e estarem fora do alcance da visão?

Cebes

O que dizes é a pura verdade. (págs. 281-282)

A consequência do raciocínio anterior é admitir *"duas espécies de coisas: as visíveis e as invisíveis"*. As coisas visíveis se modificam e as coisas invisíveis permanecem sempre as mesmas. O corpo é visível, mas a alma é invisível. A superioridade da alma fica logo clara:

PROF. MONIR: Se fôssemos comparar o corpo e a alma com o que é visível e o que é invisível, com qual dos dois se parece mais o corpo? Com o visível ou o invisível? O corpo se parece com o visível. Por isso o corpo é perecível. Mas a alma não se parece com o visível. Ao contrário, a alma se parece com o invisível e é por isso que ela é imperecível, porque na verdade é eterna, de acordo com Platão. Continuamos.

> SÓCRATES
>
> Mas também dissemos, há alguns instantes, que quando a alma se serve do corpo para considerar alguma coisa por intermédio da vista ou do ouvido, ou por qualquer outro sentido – pois considerar seja o que for por meio dos sentidos é fazê-lo por intermédio do corpo – é arrastada por ele para o que nunca se conserva no mesmo estado, passando a divagar e a perturbar-se, e ficando tomada de vertigens, como se estivesse embriagada, pelo fato de entrar em contato com tais coisas?
>
> CEBES
>
> Sim, dissemos isso mesmo.

PROF. MONIR: E é isso mesmo que está lá no *Fedro* quando se explica a alma com aqueles dois cavalos que estão em conflito. Na verdade, diz assim lá no *Fedro*: quando o auriga, que é o condutor, não consegue controlar de modo nenhum, o cavalo mau acaba contaminando o cavalo bom e os dois ficam maus. Aí então é que temos os homens decaídos, esses homens que estão tão profundamente para baixo que não conseguem nunca mais subir aos céus. Nesse esforço, a alma, porque está misturada com o corpo, pode se contaminar com o corpo. Por isso, é necessário que haja um cuidado. A alma tem de ser cuidada! É preciso haver uma manutenção na alma para você não deixar que o corpo a contamine. É o que está aqui.

> SÓCRATES
>
> E o contrário disso: quando ela examina sozinha alguma coisa, volta-se para o que é puro, sempiterno, e que sempre se comporta do mesmo modo, e, por lhe ter afinidade, vive com ele enquanto permanecer consigo mesma e lhe for permitido, deixando, assim, de divagar e pondo-se em relação com o que é sempre igual e imutável, por estar em contato com ele. A esse estado, justamente, é que damos o nome de pensamento. (pág. 283)

Sócrates conclui que há uma hierarquia entre corpo e alma:

> SÓCRATES
>
> Examina agora a questão da seguinte maneira: enquanto se mantêm juntos o corpo e a alma,

impõe a natureza a um deles obedecer e servir e ao outro comandar e dominar. Sob esse aspecto, qual deles se assemelha ao divino e qual ao mortal? Não te parece que o divino é naturalmente feito para comandar e dirigir, e o mortal para obedecer e servir?

CEBES

Acho que sim.

SÓCRATES

E com qual deles a alma se parece?

CEBES

Evidentemente, Sócrates, a alma se assemelha ao divino, e o corpo ao mortal.

SÓCRATES

Considera agora, Cebes, se de tudo o que dissemos não se conclui que ao que for divino, imortal, inteligível, de uma só forma, indissolúvel, sempre no mesmo estado e semelhante a si próprio é com o que a alma mais se parece; e o contrário: ao humano, mortal e ininteligível, multiforme, dissolúvel e jamais igual a si mesmo, com isso é que o corpo se parece? Poderemos, amigo Cebes, argumentar de outro modo e dizer que não é dessa maneira?

Cebes

Não é possível. (pág. 284)

O corpo, sendo visível, se decompõe após a morte, mas a alma "recolhida em si mesma" e tendo se preocupado apenas em filosofar, tem outro destino.

Sócrates

Assim constituída, dirige-se para o que lhe assemelha, para o invisível, divino, imortal e inteligível, onde, ao chegar, vive feliz, liberta do erro, da ignorância, do medo, dos amores selvagens e dos outros males da condição humana, passando, tal como se diz dos iniciados, a viver o resto do tempo na companhia dos deuses. Falaremos desse jeito, Cebes, ou de outra forma? (pág. 285)

No entanto, se a alma estiver saturada de "elementos corpóreos", pode ter destino diferente. Sócrates descreve os fantasmas e o processo de reencarnação.

Sócrates

Então, meu caro, terás de admitir que tudo isso (elementos corpóreos) é espesso, terreno e visível. A alma, com essa sobrecarga, torna-se pesada e é de novo arrastada para a região visível, de medo do Invisível – o Hades, como se diz – e rola por entre os monumentos e túmulos, na proximidade dos quais têm sido vistos fantasmas tenebrosos, semelhantes aos espectros dessas almas que não

se libertam puras do corpo e que se tornaram visíveis por ainda participarem do visível.

PROF. MONIR: Essa é a primeira teoria de fantasma da história. Está aqui, em Platão. Porque para um grego, a ideia de fantasma é que, quando a gente morre e vai pro Hades, vai pra lá o nosso fantasma – que um grego chama de sombra, a palavra mais específica. Mas aqui ele está dizendo que algumas almas que estão demasiadamente conspurcadas, sujas com a materialidade do corpo, ficam rondando os corpos que perderam. Neste sentido, é a primeira vez que alguém fala disso. Essa aí é a ideia moderna de fantasma.

Cebes

É muito possível, Sócrates, que seja assim mesmo.

Sócrates

Sim, é muito possível, Cebes, e também que essas almas não sejam dos bons, porém dos maus, que se vêem obrigadas a vagar por esses lugares, como castigo de sua conduta durante a vida, que fora péssima. E assim ficam a vagar, até que o apetite do elemento corporal a que sempre estão ligadas volte a prendê-las noutros corpos.

Sócrates

Como é natural, voltam a ser aprisionadas em naturezas de costumes iguais aos que elas praticaram em vida.

CEBES

A que natureza te referes, Sócrates?

SÓCRATES

É o seguinte: as que eram dadas à glutonaria, ao orgulho ou à embriaguez desbragada, entram naturalmente nos corpos de asnos e de animais congêneres. Não te parece?

PROF. MONIR: Reparem que isso aqui é uma coisa interessantíssima, que é o conceito hindu de metempsicose. Não é o conceito kardecista de reencarnação. Para um kardecista, uma pessoa nunca reencarna num animal, num ser que não seja outro ser humano. Mas, para os hindus, o conceito de reencarnação é assim, você pode reencarnar numa planta. É por isso que os hindus não comem carne, porque têm medo de fazer churrasco com a tia, a avó, o tio, ou coisa que o valha. Compreenderam? Continuamos.

CEBES

Falas com muita propriedade.

SÓCRATES

As que cometeram injustiças, a tirania ou a rapina, passam para a geração dos lobos, dos açores e dos abutres. Para onde mais podemos dizer que vão as almas dessa natureza?

CEBES

Não há dúvida, respondeu Cebes; é para esses corpos que elas vão.

Sócrates

E não é evidente, que o mesmo se passa com os demais, por se orientarem todas elas no sentido de suas próprias tendências?

Cebes

É claro; nem poderia ser de outra maneira.

Sócrates

Logo, disse, os mais felizes e que vão para os melhores lugares são os que praticam a virtude cívica e social que denominamos temperança e justiça, por força apenas do hábito e da disposição própria, sem a participação da filosofia e da inteligência.

Cebes

Por que serão os mais felizes?

Sócrates

Por ser natural que passem para uma raça sociável e mansa, de abelhas, vespas ou formigas, ou até para a mesma raça, a humana, a fim de gerarem homens moderados.

PROF. MONIR: É sinal de que naquele tempo as vespas e abelhas, aparentemente, não eram tão agressivas como são hoje.

Cebes

Sem dúvida.

Sócrates

Para a raça dos deuses não é permitido passar os que não praticaram a Filosofia nem partiram inteiramente puros, mas apenas os amigos da Sabedoria. (págs. 286-287)

**PROF. MONIR: Ou seja, só os filósofos vão poder partir para a raça dos deuses. Muito bem!**

Sócrates explica o método do filósofo para a preservação da alma:

Sócrates

Estão perfeitamente cientes os amigos da Sabedoria, que quando a Filosofia passa a dirigir-lhes a alma, esta se encontra como que ligada e aglutinada ao corpo, por intermédio do qual é forçada a ver a realidade como através das grades de um cárcere, em lugar de o fazer sozinha e por si mesma, porém atolada na mais absoluta ignorância. O que há de terrível nesses liames, reconhece-o a filosofia, é consistirem nos prazeres e ser o próprio prisioneiro quem mais coopera para manietar-se. Como disse, os amigos da Sabedoria estão cientes de que, ao tomar conta de sua alma em tal estado, a Filosofia lhe fala como

doçura e procura libertá-la, mostrando-lhe quão cheio de ilusões é o conhecimento adquirido por meio dos olhos, quão enganador o dos ouvidos e dos mais sentidos, aconselhando-a a abandoná-los e a não fazer uso deles se não só o necessário, e a recolher-se e concentrar-se em si mesma e só a acreditar em si própria e no que ela em si mesma apreender da realidade em si, e o inverso: a não aceitar como verdadeiro tudo o que ela considerar por meios que em cada caso se modificam, pois as coisas desse gênero são sensíveis e visíveis, ao passo que é inteligível e invisível o que ela vê por si mesma. Convencida de que não deve opor-se a semelhante libertação, a alma do verdadeiro filósofo abstém-se dos prazeres, das paixões e dos temores, tanto quanto possível, certa de que sempre que alguém se alegra em extremo, ou teme, ou deseja, ou sofre, o mal daí resultante não é o que se poderia imaginar, como seria o caso, por exemplo, de adoecer ou vir a arruinar-se por causa das paixões: o maior e o pior dos males é o que não se deixa perceber.

Cebes

Qual é, Sócrates?

Sócrates

É que toda alma humana, nos casos de prazer ou de

> sofrimento intensos, é forçosamente levada a crer que o objeto causador de semelhante emoção é o que há de mais claro e verdadeiro, quando, de fato, não é assim. De regra, trata-se de coisas visíveis, não é isso mesmo? (págs. 288-289)

PROF. MONIR: Ou seja, o maior de todos os sofrimentos humanos é a ignorância de não saber qual é a causa das coisas. E só se pode saber qual é a causa das coisas quando você descarta as causas físicas, visíveis, concretas – e parte para as verdadeiras causas. Vai aparecer em seguida a digressão desse ponto aqui.

Esta ilusão, segundo Sócrates, acontece porque os prazeres e os sofrimentos "são como que dotados de um cravo com o qual transfixam a alma e a prendem ao corpo, deixando-a corpórea e levando-a a acreditar que tudo o que o corpo diz é verdadeiro." Como Símias e Cebes parecem ainda em dúvida, Sócrates reclama:

PROF. MONIR: Esses dois estão ficando chatos, não? Esse Símias e esse Cebes não concordam com nada, nunca. Eles já admitiram que a alma antecede ao nascimento. Mas não conseguem concordar com a permanência da alma depois do nascimento. E agora ele fará aqui uma reclamação retórica. Olha que bonito esse pedaço aqui! Sócrates vai reclamar da teimosia dos dois.

ALUNA: *Mas eles não só não concordam, como se contradizem também, eles voltam atrás.*

PROF. MONIR: É, eles vão quebrando a cabeça até o fim. Olha só a reclamação de Sócrates:

Sócrates

Pelo que vejo, considerais-me inferior aos cisnes, pois quando estes percebem que estão perto de morrer, por terem cantado a vida toda, mais vezes e melhor põem-se a cantar, contentes de partirem para junto do deus de que são os servidores. Porém, com seu medo característico da morte, os homens caluniam os cisnes, com afirmarem que eles cantam por chorarem a morte, de tristeza, sem refletirem que nenhuma ave canta quando tem fome ou frio, ou quando presa de outra angústia, nem mesmo o rouxinol, a andorinha ou a poupa, cujo canto, segundo dizem, serve de alimentar a dor.

Porém não creio que nenhum deles cante por estarem tristes, muito menos os cisnes. Ao contrário: por pertencerem a Apolo, segundo penso, têm o dom da profecia, e por preverem as delícias do Hades, cantam e se alegram nesse dia muito mais do que antes. Eu, de minha parte, também me considero servidor igual da divindade, como os cisnes, e a ela consagrado, e por ser dotado pelo meu senhor de não menor dom de profecia, não deixarei a vida com menos coragem do que eles. (pág. 291)

A dupla quer mais explicações e Símias tenta contestar Sócrates, comparando a alma com a harmonia da lira[9].

PROF. MONIR: É porque nessa ideia de que a alma é o som da harmonia que é produzido pela lira há uma materialidade insuportável. Platão sabe, percebe mesmo que por intuição, que essa tese de que a alma é uma espécie de harmonia contradiz a própria ideia da imortalidade da alma, porque ela sempre será física, uma reverberação no espaço. Platão vai se incomodar agora em demolir o conceito da alma como harmonia. Faz isso para purgar a história dessa possibilidade, que não podia deixar de ser uma tentativa de contestação destes dois pitagóricos, o Cebes e o Símias.

Se o instrumento se quebrar, a harmonia desaparece. Analogamente, se o corpo morrer, a alma também morrerá, argumenta Símias. Para ele, a alma é uma mistura e harmonia dos elementos do corpo "quando entre si se misturam de forma conveniente e proporcionada." Sócrates parece impactado com o argumento:

PROF. MONIR: Sócrates fará agora um teatrinho, para fingir que está achando aquilo muito inteligente.

> Sócrates se conservou durante algum tempo com o olhar parado, como era seu costume; depois falou, sorrindo:
>
> SÓCRATES
>
> A objeção de Símias é procedente. Se algum de vós estiver em melhores condições do que eu,

9 Nota do resumidor – O conceito alma-harmonia é uma ideia pitagórica, de que Platão tem reservas.

> por que não responde a ele? O argumento dele é muito feliz,. porém antes de formular qualquer resposta, sou de parecer que devemos primeiro ouvir o que tem Cebes a opor à nossa tese, pois assim ganharemos tempo para refletir no que será preciso dizer. (pág. 293)

Cebes confirma existência da alma antes de entrar no corpo, mas continua não concordando com a tese da sobrevivência depois da morte, comparando-a com a tese análoga do tecelão que houvesse acabado de morrer usando sua última roupa tecida por ele próprio, que o teria sobrevivido.

PROF. MONIR: Então Cebes faz uma comparação assim: "Ah é, você (vem) com essa conversa de que a alma sobrevive. Então vamos ver como que é seria com aquele tecelão que fez uma túnica para ele mesmo – ele morre e a túnica permanece." Porque a túnica não se destrói com a morte. Ora, se o tecelão é a alma e a túnica é o corpo, neste caso o corpo sobreviveu à alma, a alma morreu antes. O tecelão morre – a alma morreu –, mas o corpo não. Esse é o exemplo que dão esses dois pra ver se pegam Sócrates. Muito bem, vamos ver o que acontece.

Quem disse que o tecelão teria de continuar vivo em algum lugar, porque a túnica que o sobreviveu estaria ainda conservada e o homem é de natureza mais durável que a roupa? Sócrates rebate o argumento:

> Sócrates
>
> Porém a meu ver, Símias, a realidade é muito diferente. Presta atenção ao seguinte: Não há quem

> não veja quanto é fraco semelhante argumento. Havendo gasto muitas roupas por ele próprio tecidas, o nosso homem morreu, de fato, depois de todas, e não foram poucas, porém antes da última, segundo penso; mas nem por isso o homem é inferior ou mais fraco do que a roupa. Essa imagem, quero crer, se aplica tanto à alma como ao corpo, e quem argumentasse desse modo com relação ao corpo, falaria com muita propriedade, a saber: que a alma é mais durável e o corpo mais fraco e transitório, pois fora acertado acrescentar que cada alma consome vários corpos, principalmente quando vive muitos anos.

**PROF. MONIR: Porque aqui há a pressuposição da reencarnação. Não podemos nunca esquecer que ele estabeleceu isso como pressuposto.**

> Se o corpo se escoa e deliquesce enquanto o homem vive, a alma retece de contínuo o que foi consumido. Forçoso será, por conseguinte, que, no instante de morrer, ainda esteja a alma com a última vestimenta por ela feita, só vindo aquela a morrer antes da última. (págs. 294-295)

**PROF. MONIR: É porque tem de ser assim, necessariamente. Não tem jeito.**

Sócrates volta à carga afirmando que se o corpo mantém-se conservado certo tempo após a morte e que mais ainda a alma o faria, porque ela seria superior

e mais forte que o corpo. No entanto, surpreendentemente, Sócrates acaba concedendo parte dos argumentos de Símias:

> SÓCRATES
>
> Desaparecida a alma, mostra, de pronto, o corpo sua fraqueza natural e se desmancha pela putrefação.

**PROF. MONIR: Cuidado, pessoal. Porque Sócrates está aqui agora partindo do ponto em que Símias parou. Ele continua com o argumento de Símias, que não contestou. Está dizendo: "Olha, então este argumento que você está falando de fato é assim." Muito bem.**

> Por isso mesmo, com base nesse argumento não podemos confiar que nossa alma subsista algures depois da morte. E se alguém concedesse ao expositor de tua proposição mais ainda do que fazes e lhe desse de barato não apenas que nossas almas existem antes do tempo do nascimento, senão que nada impede, até mesmo depois de nossa morte, existirem algumas e continuarem a existir, e muitas vezes renascerem e tornarem a morrer, por serem de natureza bastante forte para suportar esses nascimentos sucessivos: se lhe concedêssemos esse ponto, de todo o jeito ele se recusaria a admitir que a alma não se esgota nesses nascimentos sucessivos, para acabar, numa dessas mortes, por desaparecer de todo. Dessa morte

> última, poderia acrescentar, e dessa decomposição do corpo que leva para a alma a destruição, ninguém pode ter conhecimento, por não estar em nós experimentá-la.

PROF. MONIR: Ou seja, o que ele está dizendo é que seguindo aquele raciocínio que Símias fez você não tem garantia nenhuma de que a alma possa continuar sempre viva. Portanto, a alma pode não ser imortal em decorrência daquele raciocínio que Símias fez. Não do raciocínio do Sócrates. Continuamos.

> Se as coisas se passam mesmo dessa forma, por força terá de ser irracional a confiança de qualquer pessoa diante da morte, a menos que esse alguém pudesse demonstrar-nos que a alma é absolutamente imortal e imperecível. Sendo isso impossível, não há como evitar que o moribundo se arreceie de que no instante em que sua alma se separar do corpo, venha a desaparecer de todo. (pág. 295)

PROF. MONIR: E por que Sócrates faz isso? Platão botou aqui Sócrates, que entra na conversa e no argumento do outro, dizendo assim: "Tá bom. Então, de fato, usando seu raciocínio, não tenho nenhuma garantia de que alma não vai desaparecer com a morte do corpo". Por que ele faz isso? Porque ele quer fazer outra coisa que vem em seguida. Queria apenas fazer um escândalo, impactar todo mundo.

E de fato vai conseguir fazer isso para depois dar uma lição maravilhosa sobre o mundo das ideias. Reparem que coisa maravilhosa vem agora.

Fédon, que está narrando a conversa a Equécrates, confessa que todos ficaram muito decepcionados com o recuo de Sócrates de sua posição de imortalidade da alma, porque tinham ficado firmemente convencidos pelos argumentos anteriores. Equécrates expõe sua decepção também.

> EQUÉCRATES
> Pelos deuses, Fédon! Compreendo o que se passou convosco, pois agora mesmo, ao ouvir-te falar dessa maneira, perguntei-me em que argumento poderemos confiar daqui por diante, se o que Sócrates acabou de desenvolver, com ser tão convincente, perdeu de todo o crédito? (pág. 296)

PROF. MONIR: Quer dizer, agora não dá para acreditar em mais nada que Sócrates fala! Até agora ele estava provando para nós que a alma era imortal e agora, como aparece esse negócio do tecelão, ele concorda que daquele ponto de vista talvez a alma não seja tão imortal assim. Por que Sócrates faz isso? Porque ele quer nos pegar, dar uma rasteira. É o que vem agora. Reparem, por favor.

Equécrates está ansioso para saber de que modo Sócrates havia prosseguido na argumentação. Fédon reporta que Sócrates saíra-se tão bem, que ele nunca havia se sentido "tão arrebatado como naquele instante". Sócrates começa explicando aos decepcionados companheiros que não devemos ser com relação aos argumentos como os misantropos são em relação às pessoas:

PROF. MONIR: Misantropo é alguém que não gosta de pessoas. Quem é que se transforma em misantropo? Aquele sujeito que é decepcionado pelas pessoas. Tem uma visão das pessoas, depois na hora "h" é outra. Essas diversas decepções tornam a pessoa avessa à humanidade, aos outros seres humanos. Então, o que ele quer dizer é o seguinte: toda vez que nos decepcionamos com um argumento, não devemos nos decepcionar com o argumento em si próprio, porque o fato de que este ou aquele argumento está errado não quer dizer que a mente humana não possa argumentar certo. Entenderam o que ele queria fazer? Entrará uma frase magnífica agora aqui.

> Sócrates
> Pois é claro que esse indivíduo[10] procura o convívio com seus semelhantes sem conhecer devidamente a natureza humana, pois se dispusesse de alguma experiência nas suas relações com eles, teria compreendido como é realmente o mundo, isto é, que são poucos os indivíduos inteiramente bons ou maus de todo, e que a maioria constitui o meio-termo.
> (...)

PROF. MONIR: Portanto, o sujeito que se mete no mundo dos argumentos, ou seja, no mundo da filosofia, do mesmo modo que aquele que se mete na relação com os outros não pode ser alguém inexperiente em questões humanas, porque quando você sabe como os seres humanos são, você não se decepciona com eles. Pois é a mesma coisa. Para você se meter no mundo

10 Nota do resumidor – Sócrates está se referindo aos misantropos que detestam a humanidade, porque às vezes são decepcionados. Alerta para que os presentes não se tornem misólogos, isto é, adquirirem aversão aos argumentos, porque há discursos errados.

do pensamento, você precisa ter uma coisa chamada capacidade dialética. Porque senão você não consegue lidar com o argumento errado do modo certo. Portanto, não ser um misólogo garante-se quando você se mete na vida e no mundo das ideias com a capacidade técnica para tanto. O que ele está fazendo aqui é valorizar o dialético – que é ele.

> Porém não é sob esse aspecto que os argumentos se parecem com os homens; neste passo não fiz senão seguir tua orientação. A semelhança consiste no seguinte: quando se admite a exatidão de um argumento, sem ser-se versado na arte da dialética, pode acontecer que logo depois ele nos pareça falso, às vezes com fundamento, outras vezes sem nenhum, e depois mais outro e mais outro da mesma natureza. Como sabes, é o que se verifica com os disputadores[11] de razões contraditórias, que acabam por considerar-se os maiores sábios, por serem os únicos a reconhecer que nada há de são e firme, nem nas coisas nem no raciocínio, encontrando-se tudo, em verdade, em permanente agitação, tal como se dá com as águas do Euripo[12], rio acima e rio abaixo, sem permanecer nada, um só instante, no mesmo estado.

PROF. MONIR: Entenderam agora porque o plano socrático é recuperar a identidade entre o *logos* e a *coisa*? Porque o mundo intelectual desta

11 Nota do resumidor – Sócrates refere-se aos sofistas e retóricos.
12 Nota do resumidor – Estreito sujeito a forças da maré que invertem a direção das águas várias vezes ao dia.

época é o mundo de vigaristas intelectuais, esses sujeitos que lidam com os assuntos intelectuais sem serem dialéticos, ou seja, são incapazes de descobrir que impiedade é uma coisa que Eutífone não sabe o que é. Sócrates está fazendo então uma reafirmação do próprio projeto socrático, de uma maneira diferente de falar.

> FÉDON
>
> É muito certo o que dizes.
>
> SÓCRATES
>
> E se, de fato existe raciocínio verdadeiro e estável, capaz de ser compreendido, não seria de lastimar, Fédon, no caso de ouvir alguém esses argumentos que ora parecem verdadeiros ora falsos, em vez de inculpar-se ou à sua própria incapacidade, acabasse por irritar-se e comprazer-se em tirar de si a culpa para lançar no raciocínio, e passar, daí por diante, o resto da vida a odiá-lo e a depreciá-lo, com o que só alcançaria privar-se da verdade e do conhecimento das coisas?

PROF. MONIR: Ou seja, transformar-se-ia num misólogo, aquele que tem aversão ao raciocínio. É o que ele não quer que aconteça.

> FÉDON
>
> Por Zeus, lhe disse; seria, de fato, grande lástima. (págs. 298-299)

Sócrates continua a orientar seus discípulos, já que não mais poderiam contar com ele a partir do dia seguinte:

> SÓCRATES
>
> Assim, continuou, de início precisamos acautelar-nos contra semelhante perigo; não permitamos o ingresso em nossa alma da ideia de que não há nada são no raciocínio;

PROF. MONIR: Quer dizer, que o raciocínio não funciona, que não tem nada que se possa fazer. A ideia de que não se pode ter conhecimento nenhum. Essa é uma ideia moderníssima – a de que nenhum conhecimento é possível. É essa ideia que Sócrates está falando para eles não terem. Que é uma ideia niilista, negativa, a de que o raciocínio não pode chegar a lugar nenhum. Pode.

> SÓCRATES
>
> digamos, isso sim, que nós é que ainda não estamos suficientemente sãos, mas que devemos esforçar-nos para alcançar esse desiderato, tu e os demais, por causa da vida que ainda tendes pela frente; eu, por motivo, justamente, da morte. Receio muito que, neste momento em que a morte é tudo, não me haja como filósofo ou amigo da sabedoria, mas como amigo de discussões, como se dá com os indivíduos muito ignorantes. Estes tais, quando debatem algum tema, não se preocupam absolutamente de saber como são,

de fato, as coisas a respeito de que tanto discutem, senão em deixar convencidos os circunstantes de suas próprias asserções. Nisso põem todo o empenho. Eu, também, num ponto apenas, agora, me diferenço deles: não me esforço por demonstrar aos presentes a verdade do que afirmo, a não ser como acessório, mas por convencer-me, tanto quanto possível, a mim mesmo.

(...)

Quanto a vós, se me aceitardes um conselho, concedei pouca atenção a Sócrates, porém muito mais à verdade;

**PROF. MONIR: E essa é uma frase celebérrima deste diálogo: *"Concedei pouca atenção a Sócrates, porém sobretudo à verdade"*. Porque é a verdade que interessa. Não é o filósofo que você tem que defender, é a verdade que tem que ser defendida. Essa é a definição de filosofia.**

SÓCRATES

se vos parecer que há verdade no que eu digo, concordai comigo; caso contrário, resisti quando puderdes, acautelando-vos para que no meu entusiasmo não venha a enganar-vos e a mim próprio e me retire como as abelhas deixando em todos vós o aguilhão.

Para retomar a conversa, Sócrates resume as restrições de Símias e Cebes:

Sócrates

Porém prossigamos, continuou. Inicialmente, lembrai-me do que dissestes, se vos parecer que não me recordo muito bem de tudo. Ou muito me engano, Símias, ou tens dúvidas e receio de que a alma, apesar de mais bela e mais divina do que o corpo, pereça antes deste, por ser uma espécie de harmonia. Cebes terá admitido que a alma é mais durável do que o corpo, mas que ninguém pode saber se depois de gastar sucessivamente muitos corpos, não acabará também por desaparecer, quando abandonar o último corpo, vindo a ser isso, precisamente, a morte: a destruição da alma, visto não parar nunca o corpo de morrer. Não é isso mesmo, Símias e Cebes, o que precisamos examinar? (pág. 300)

PROF. MONIR: Não está uma maravilha esse resuminho que ele fez do que os outros dois pensam? Aí está toda a restrição que os outros têm com relação a este assunto.

A dupla concorda. Para responder a Cebes, Sócrates o faz ver que, se a harmonia é algo composto, não pode ser anterior aos elementos de que é formada.

PROF. MONIR: Primeiro, se ela é composta, primeiro tem que saber (qual) é o composto para saber o que é. Se ela é resultado de um composto, o composto a antecede. Logo, isso estaria em contradição com a primeira concordância. Porque se a alma necessariamente precisa, se depende

**do composto, ela tem que vir depois. Mas se ela vem depois, está em contradição com aquela tese já aceita de que a alma existia antes do corpo. É isso que ele está dizendo.**

> SÓCRATES
> E não percebes, continuou, que é justamente o que se dá, quando declaras que a alma existia antes de ingressar no corpo do homem e de lhe assumir a forma, porém é composta de elementos que até então não existiam? Harmonia não é o que afirmas em tua comparação; ao contrário: primeiro existem a lira, as cordas e os sons, sem nenhuma harmonia; esta é a última a formar-se, como é também a que desaparece mais cedo. De que modo porás em consonância esta asserção com o que disseste antes? (pág. 301)

**PROF. MONIR: Quer dizer, ou aceita uma tese ou aceita a outra. Está em contradição.**

Sócrates manda Símias escolher entre duas proposições: "a de que aprender é recordar ou a de que a alma é harmonia". Símias escolhe:

> SÍMIAS
> Sobre todos os pontos, Sócrates, eu prefiro a primeira, porque a outra foi aceita sem demonstração, por parecer-me verossímil e algum tanto conveniente, razão de admiti-la a

> maioria dos homens. No entanto, estou certo de que as demonstrações nessas comparações não passam de impostura, capazes de iludir-nos se não tomarmos as devidas precauções, em geometria como em tudo o mais. Mas o argumento relativo ao conhecimento e à reminiscência se baseia num princípio digno de aceitação, pois foi asseverado que nossa alma existe antes mesmo de ingressar no corpo, como o exige sua relação com a essência daquilo que denominamos O que é. Ora, essa proposição, conforme estou convencido, foi por mim adotada com argumentos muito sólidos. Daí ver-me forçado, ao que parece, a não permitir que nem eu nem ninguém afirme que a alma é harmonia. (pág. 302)

**PROF. MONIR: Pronto! E aí Platão colocou na boca do pitagórico a negação da tese de que a alma é harmonia, e era tudo o que ele queria deste o início, com essa conversinha fiada aqui. Ficou claro que nem mesmo um pitagórico é capaz de aceitar esta tese, que é completamente equivocada.**

Sócrates insiste no mesmo ponto, fazendo Símias ver que há diferenças entre as diversas almas, logo a alma não pode ser uma harmonia, mas uma força organizadora dos elementos de que é composta, "opondo-se-lhes em quase tudo durante a vida inteira e dominando-os de mil modos, às vezes por meio de castigos violentos e dolorosos, do âmbito da ginástica e da medicina, às vezes por meios suasórios, com ameaças e admoestações, em franco diálogo com os apetites, as cóleras e os temores?"

**PROF. MONIR: Portanto, a alma não é uma harmonia. A alma é alguma coisa que faz o corpo funcionar de acordo com os critérios dela. Ela não é resultado de alguma coisa, é uma espécie de causa.**

Sócrates resume a oposição de Cebes:

> SÓCRATES
>
> Resume-se no seguinte o que procuras: Exiges provas de que nossa alma é imperecível e imortal, para que o filósofo que esteja no ponto de morrer se encoraje e acredite que depois da morte se sentirá muito melhor no outro mundo do que se vivesse de maneira diferente até ao fim, e não se mostre corajoso por modo estulto e irracional. A demonstração de que a alma é algo forte e semelhante à divindade, e que existia antes de nos tornarmos homens, não impede, segundo disseste, que tudo isso não prove que ela seja imortal, mas tão-somente que é relativamente durável e que antes poderá ter vivido algures um tempo indefinido e aprendido e praticado muita coisa. Mas nem por isso será imortal. Seu ingresso no corpo poderá ser o começo de sua própria destruição, uma espécie de doença. Assim, cansada de carregar o fardo desta vida, acabará por desaparecer no que denominamos morte. Conforme dizes, é indiferente ingressar ela no corpo uma só vez ou muitas, no que respeita

ao medo que todos nós manifestamos. Aliás, justifica-se esse medo, a menos que se trate de pessoa insensata, por não estarmos em condições de demonstrar que a alma é imortal. Esse é, mais ou menos, Cebes, o sentido de tuas palavras. De caso pensado insisto nos mesmos argumentos, para que não nos escape nenhuma particularidade e possas, caso queiras, acrescentar ou tirar alguma coisa.

CEBES

Por enquanto, nada tenho a acrescentar ou a retirar; foi isso mesmo que eu disse.

PROF. MONIR: Quando ele resume a argumentação contrária, isso é técnica escolástica. Depois, na Idade Média, é assim que os filósofos irão proceder. Eles sempre irão fazer a revisão da argumentação do outro antes de dar a sua própria opinião. Portanto, continuam esses dois tebanos teimosamente não aceitando a ideia de que a alma possa ser imortal. Continuam não aceitando.

Sócrates permaneceu um tempo calado e depois disse: "O problema com que te ocupas, Cebes, é de suma importância; precisamos investigar a fundo a natureza do nascimento e da morte." Sócrates começa a tratar o assunto, fazendo uma confidência:

SÓCRATES

Então, ouve o que passo a relatar-te. O fato, Cebes, é que quando eu era moço sentia-me tomado do

> desejo irresistível de adquirir esse conhecimento a que dão o nome de História Natural[13]. Afigurava-se-me, realmente, maravilhoso conhecer a causa de tudo, o porquê do nascimento e da morte de cada coisa, e a razão de existirem.

PROF. MONIR: Aqui eu botei uma curiosidade. Quando Sócrates é acusado lá no tribunal, ele diz assim: "Antes de rebater o que Meleto, Ânito e Lícon dizem de mim, vou dizer que sou acusado há muito mais tempo pelos comediógrafos e também por pessoas que dizem que sou um filósofo naturalista. E eu não sou nem uma coisa e nem outra". Portanto, é injusto. No entanto, aqui está Sócrates, num outro diálogo, confessando que durante certo tempo da sua existência ele andou estudando as coisas da natureza. E por que ele desistiu disso? Vocês me permitirão agora contar pra vocês, resumidamente, pra gente não atrasar demais o final da nossa leitura.

Então Sócrates diz assim: "No começo da minha vida eu me interessava por isso, queria saber o que causava as coisas, porque uma coisa era de um jeito e não de outro, porque os animais tinham filhotes... E aos pouquinhos fui começando a perceber o quanto era completamente sem cabimento a minha procura disso. Porque cheguei a conclusões tão loucas. Por exemplo, a ideia de que a razão pela qual eu estou sentado aqui é porque os músculos e ossos do meu corpo, sendo flexíveis, se colocaram na posição que estão. E cheguei então à conclusão do quanto é ridículo imaginarmos que músculos e ossos possam ser causa de alguma coisa. E que as verdadeiras causas não podem nunca ser desta natureza, e que há de se procurar as causas verdadeiras em outro lugar, que não apenas na matéria".

13 Nota do resumidor – Na Apologia de Sócrates, no primeiro discurso, Sócrates diz querer responder aos que o acusam de investigar "coisas terrenas, celestes e subterrâneas".

Olha, o que eu estou contando pra vocês é uma coisa importantíssima na filosofia de Platão: Sócrates nos dizendo como foi que Platão chegou à sua "**segunda navegação"**. E é muito, muito, muito importante que eu esclareça a vocês o que é essa expressão. Em primeiro lugar, ela não é de minha autoria, nem do tradutor. Está aí mesmo no texto em grego, no original. Platão diz que, antes dos socráticos, havia a "primeira navegação". Em termos de linguajar náutico, nos tempos da Grécia, é a navegação feita a velas, aquela mais óbvia, mais fácil, mais econômica. Quando, no entanto, as velas não são possíveis, por causa da falta de vento, você faz a "segunda navegação", que é a navegação a remo. Os barcos gregos tinham remos também.

A "primeira navegação" é quando eu olho para a realidade e para as coisas que existem no mundo sensível – relógio, copo, meu braço, papéis, livro, ou seja, tudo aquilo que participa de alguma essência. "A 'primeira navegação', portanto, aquela que os meus antecessores faziam, os ditos pré-socráticos, era o reconhecimento da existência das coisas sensíveis. No entanto, quando fui estudar as coisas sensíveis como eles, me dei conta de que elas não explicam nada. E é por isso que necessariamente tive de mudar o foco do meu estudo e levar em consideração que o que existe de verdade não são as coisas sensíveis, mas as suas essências. Quer dizer, parei de explicar o cachorro pela sua própria existência física para poder começar a explicar o cachorro pela cachorridade. Na hora em que a cachorridade entra dentro do animal, aí está a causa da existência desse animal."

Olhem que coisa extraordinária! No momento em que Sócrates está morrendo, ele conta para os seus amigos e seus discípulos como chegou à filosofia. Tudo isso é Platão. É Platão dizendo como virou Platão – e pondo essas palavras na boca de Sócrates.

Sócrates

> Vezes sem conta me punha a refletir em todos os sentidos, inicialmente a respeito de questões como a seguinte: Será quando o calor e frio passam por uma espécie de fermentação, conforme alguns afirmam, que se formam os animais? É por meio do sangue que pensamos? ou do ar? ou do fogo? Ou nada disso estará certo, vindo a ser o cérebro que dá origem às sensações da vista, do ouvido e do olfato, das quais surgiria a memória e a opinião, e, da memória e da opinião, uma vez tornadas calmas, nasceria o conhecimento? De seguida, ocupei-me com a corrupção das coisas e com as modificações do céu e da terra, para chegar à conclusão de que nada de proveitoso se tirava de minha inaptidão para considerações dessa natureza. (págs. 307-308)

Seu esforço de entender a natureza, relata Sócrates, redundou em dúvidas e mais dúvidas, como no caso de saber o que acontece quando se adicionam duas unidades.

Sócrates

> Como estou longe, por Zeus, continuou, de imaginar que conheço a causa de tudo isso! Pois nunca chego a compreender, no caso de acrescentar uma unidade a outra, se é a unidade a que esta última foi acrescentada que se tornou duas, ou se foi a acrescentada, juntamente com a

primeira, que ficaram duas, pelo fato de uma ter sido acrescentada à outra. Não podia entender que, estando separadas, cada uma era uma unidade, não duas, e que o fato de ficarem juntas foi a causa de se tornarem duas, a saber, por terem sido postas lado a lado. Do mesmo modo, no caso de alguém partir ao meio uma unidade, não conseguia convencer-me de ser essa a causa de tornar-se duas a unidade, a saber: a divisão. (págs. 308-309)

O impasse na mente de Sócrates continuava, até que apareceu uma luz:

Sócrates

Ao ouvir, porém, certa vez alguém ler num livro de Anaxágoras – segundo dizia – que a mente é organizadora e causa de tudo, fiquei satisfeitíssimo com semelhante causa, por parecer-me, de algum modo, muito certo que a mente fosse a causa de tudo, tendo imaginado que, a ser assim mesmo, como coordenadora do Universo, a mente disporia cada coisa em particular pela melhor maneira possível. Se alguém quisesse explicar a causa de como alguma coisa nasce ou morre ou existe, teria apenas de descobrir qual é a melhor maneira para ela de existir, sofrer ou produzir seja o que for. Segundo esse critério, só o que importa ao homem considerar, tanto em relação a si

mesmo como o tudo o mais, é o modo melhor e mais perfeito. Desse jeito, ficaria necessariamente conhecendo o pior, por ambos serem objeto do mesmo conhecimento. Depois dessas reflexões, alegrei-me ao pensar que havia encontrado em Anaxágoras um professor da causa das coisas como havia muito eu desejava, que começaria por dizer-me se a Terra é chata ou redonda, e depois me explicaria a causa e a necessidade dessa forma, recorrendo sempre ao princípio do melhor, com demonstrar que para a Terra era melhor mesmo ser assim. No caso de dizer que a Terra se encontra no centro, explicaria por que motivo é melhor para ela ficar no centro. Se ele me demonstrasse esse ponto, decidir-me-ia, de uma vez por todas, a não procurar outra espécie de causa. (págs. 309-310)

O entusiasmo de Sócrates, ao ler o Livro de Anaxágoras, no entanto, não durou muito:

Sócrates

Porém, não demorei, companheiro, a cair do alto dessa maravilhosa expectativa, ao prosseguir na leitura e verificar que o nosso homem não recorria à mente para nada, nem a qualquer outra causa para a explicação da ordem natural das coisas, senão só ao ar, ao éter, à água e a uma infinidade mais de causas extravagantes. Quis parecer-me

> que com ele acontecia como com quem começasse por declarar que tudo o que Sócrates faz é determinado pela inteligência, para depois, ao tentar apresentar a causa de cada um dos meus atos, afirmar, de início, que a razão de encontrar-me sentado agora neste lugar é ter o corpo composto de ossos e músculos, por serem os ossos duros e separados uns dos outros pelas articulações, e os músculos de tal modo constituídos que podem contrair-se ou relaxar-se, e por cobrirem os ossos, juntamente com a carne e a pele que os envolvem. Sendo móveis os ossos em suas articulações, pela contração ou relaxamento dos músculos fico em condições de dobrar neste momento os membros, razão de estar agora sentado aqui com as pernas fletidas. A mesma coisa se daria, se a respeito de nossa conversação indicasse como causa a voz, o ar, os sons e mil outras particularidades do mesmo tipo, porém se esquecesse de mencionar as verdadeiras causas, a saber: pelo fato de haverem acordado os atenienses em condenar-me, pareceu-me, também, melhor ficar sentado aqui, e mais justo submeter-me neste local à pena cominada. Sim, é isso, pelo cão! (págs. 310-311)

Sócrates enfatiza que é o "cúmulo do absurdo dar o nome de causa a semelhantes coisas", como músculos e ossos.

Sócrates

Se alguém dissesse que sem ossos e músculos e tudo o mais que tenho no corpo eu não seria capaz de pôr em prática nenhuma resolução, só falaria verdade. Porém afirmar que é por causa disso que eu faço o que faço, e que, assim procedendo, me valho da inteligência, porém não em virtude da escolha do melhor, é levar ao extremo a imprecisão da linguagem e revelar-se incapaz de compreender que uma coisa é a verdadeira causa, e outra, muito diferente, aquilo sem o que a causa jamais poderá ser causa. A meu parecer, é justamente isso o que faz a maioria dos homens, como que a tatear nas trevas, empregando um termo impróprio e o designando como causa. Daí envolver um deles a Terra num turbilhão e deixá-la imóvel debaixo do céu, enquanto outro a concebe à maneira de uma gamela larga, que tem como suporte o ar. (págs. 311-312)

Tendo feito este resumo, Sócrates pergunta: "queres que te faça uma descrição completa, Cebes, de como empreendi o segundo roteiro de navegação para a investigação da causa?" Sócrates dá esta primorosa explicação:

Sócrates

De seguida, continuou, já cansado de considerar as coisas, houve que era preciso precatar-me para não acontecer comigo o que se dá com as pessoas

> que observam e contemplam o Sol quando há eclipse: por vezes perdem a vista, se não olham apenas para a imagem dele na água ou nalgum meio semelhante. Pensei nessa possibilidade e receei ficar com a alma inteiramente cega, se fixasse os olhos nas coisas e procurasse alcançá-las por meio de um dos sentidos. Pareceu-me aconselhável acolher-me ao pensamento, para nele contemplar a verdadeira natureza das coisas. É muito provável que minha comparação claudique um pouco, pois estou longe de admitir que quem considera as coisas por meio do pensamento só contempla suas imagens, o que não se dá com quem as vê na realidade. De qualquer modo, meu caminho foi esse. Em cada caso particular, parto sempre do princípio que se me afigura mais forte, considerando verdadeiro o que com ele concorda, ou se trate de causas ou do que for, e como falso o que não afina com ele. (págs. 312-313)

PROF. MONIR: Ou seja, para que você possa saber qual é a causa de alguma coisa, deve procurar na "segunda navegação" a essência de que aquela coisa participa. E toda a tentativa de explicar o mundo – fora a ciência pura – para explicar apenas o objeto em si é sempre fracassada.

Sócrates explica melhor:

Sócrates

Então, considera o que se segue, continuou, para ver se estás de acordo comigo. O que me parece é que se existe algo belo além do belo em si, só poderá ser belo por participar desse belo em si.

**PROF. MONIR: Por que um automóvel é belo? Porque ele participa do belo em si. Por que um homem é corajoso? Porque ele participa da coragem em si. Por que uma casa é resistente? Porque ela participa da resistência em si.**

O mesmo afirmo de tudo o mais. Admites essa espécie de causa?

Cebes

Admito.

Sócrates

Então, já não compreendo, continuou, as outras causas, de pura erudição, nem consigo explicá-las. E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar da sua cor brilhante, ou da forma, ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado, que só contribui para atrapalhar-me, e me atenho única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais a deixa bela senão tão só a presença ou comunicação daquela beleza em si,

PROF. MONIR: A beleza em si é a essência. Nunca está na coisa. Na coisa que é bela, nunca há a beleza em si. Ela apenas participa da beleza em si.

> SÓCRATES
>
> qualquer que seja o meio ou caminho de se lhe acrescentar. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é só pela beleza em si que as coisas belas são belas. (pág. 313)

PROF. MONIR: Porque as coisas belas participam da beleza. Tenho uma regra, que uso há muitos anos: O que é belo? Belo é tudo aquilo que envelhece bem. Se alguma coisa envelhece bem, é porque aquela coisa que está envelhecendo participa de verdade da beleza em si própria. Enquanto aquilo que envelhece mal nunca participou da beleza em si própria, é apenas acidentalmente belo. Mas quando a velhice torna mais difícil o acidente... é só comparar Catherine Deneuve com Brigitte Bardot. Você não tem mais nenhuma dúvida para entender o que estou dizendo.

Voltando à dúvida sobre o que acontece quando se adicionam duas unidades, Sócrates agora pode resolvê-la.

> SÓCRATES
>
> E então? No caso de uma unidade ser acrescentada a outra, não terás medo de dizer que essa adição foi a causa de formar-se o dois, ou, na hipótese de ser a unidade cortada ao meio, que foi a divisão? E não protestarias em altas vozes que não sabes como uma coisa possa transformar-se noutra, a não ser

pela participação da essência própria da natureza de que ela própria participa e que, no caso concreto da geração do dois, não saberás indicar outra causa se não for a participação da dualidade? Dessa dualidade é que terá de participar o que tiver de ficar dois, como participará da unidade o que vier a ser um. Quanto às divisões e acrescentamentos e demais sutilezas do mesmo gênero, mandarás todas elas passear, deixando o cuidado da resposta a quem for mais sábio do que tu. Quanto a ti, de medo, como se diz, da própria sombra e de tua inexperiência, e firmado naquele pressuposto seguríssimo, responderias daquele jeito. E no caso de investir o adversário contra tua própria tese, não lhe darias atenção nem responderias a ele sem primeiro verificares se as consequências de seu postulado são dissonantes ou harmônicas. E na hipótese de precisares fundamentar tua proposição, fá-lo-ias da mesma forma, com admitir um novo princípio, que se te afigurasse mais valioso, até conseguires resultado satisfatório. Ao contrário dos disputadores, não confundirias com suas consequências o princípio em discussão, caso quisesses alcançar alguma realidade. Com esta, ao que parece, é que nenhum deles se preocupa no mínimo. Com todo o seu saber, o que fazem é baralhar tudo, muito anchos de si mesmos. Tu, porém, se te incluis entre os filósofos, farás o que te disse. (págs. 314-315)

Como alguém objeta que poderia haver alguma contradição, Sócrates esclarece:

Sócrates

O que então dissemos é que a coisa contrária nasce da que lhe é contrária, porém agora que o contrário jamais admite ser o seu próprio contrário, nem em nós nem na natureza. Naquela ocasião, meu caro, falávamos de coisas que têm contrários e que nós designávamos pelos nomes desses contrários; agora, porém, tratamos dos próprios contrários inerentes às coisas, cuja presença empresta a todas a respectiva designação. Ora, o que afirmamos é que esses contrários, justamente, não admitem transição de um para outro. (pág. 317)

(...)

Então, considera também o seguinte, continuou, para ver para ver se estás de acordo comigo. Não há alguma coisa a que dás o nome de quente, e outra que denominamos frio?

Cebes

Sem dúvida.

Sócrates

E serão, porventura, o mesmo que a neve e o fogo?

Cebes

Não, por Zeus; nunca disse semelhante coisa.

Sócrates

Logo, o quente não é a mesma coisa que o fogo, nem o frio o mesmo que a neve.

Cebes

Exato.

Sócrates

Mas estou certo de que também admites que nunca poderá a neve, como neve, conforme dissemos há pouco, depois de receber calor, continuar a ser o que era: neve com calor. Com a aproximação do calor, ou ela se retira ou vem a fenecer.

Ceves

Perfeitamente.

Sócrates

Tal como o fogo: com a chegada do frio, retira-se ou perece; de jeito nenhum, depois de receber o frio, se atreveria a ser o que antes era: fogo, a um tempo, e frio. (pág. 318)

(...)

Sócrates

Ora bem; o que dizemos é que a ideia contrária à forma que a constitui nunca pode entrar nela.

CEBES

Nunca, de fato.

SÓCRATES

O que constitui é a ideia do ímpar, não é isso mesmo?

CEBES

Certo.

SÓCRATES

Como o seu contrário é a ideia do par.

CEBES

Sem dúvida.

SÓCRATES

Sendo assim, no três jamais entrará a ideia de par.

CEBES

Nunca.

SÓCRATES

Pelo simples fato de o três não participar do par.

CEBES

Isso mesmo.

Sócrates

Visto ser ímpar.

Cebes

Exatamente.

Sócrates

Pois era isso, precisamente, que eu queria determinar: as coisas que, sem serem contrárias entre si, não admitem o seu contrário. Será o caso do três que, sem ser o contrário do par, de forma alguma o aceita, pois ele lhe opõe sempre o seu contrário, como faz o dois com o ímpar, o fogo com o frio e um infinito mais de exemplos. Dize-me agora se não concluirias que não é apenas o contrário que não recebe o seu contrário, porém tudo o que leva a ideia do contrário da coisa que o recebe, não admite nesta o contrário daquilo que ele leva. (pág. 320)

Depois destes argumentos, Sócrates conduz o raciocínio para um fechamento.

Sócrates

Então, me digas, que precisa haver no corpo para que ele viva?

Cebes

Alma.

Sócrates

E sempre terá de ser assim?

Cebes

Por que não?

Sócrates

Logo, tudo o de que a alma se apodera, a isso ela dá vida?

Cebes

É o que ela faz, de fato.

Sócrates

E porventura haverá alguma coisa contrária à vida? Ou não há?

Cebes

Sem dúvida.

Sócrates

Que é?

Cebes

A morte.

Sócrates

De onde vem que a alma nunca poderá aceitar o contrário daquilo que ela sempre traz consigo; é o que se conclui de tudo o que dissemos até agora.

Cebes

Conclusão certíssima.

Sócrates

E então? O que não admite a ideia do par, que nome lhe demos agora mesmo?

Cebes

Ímpar.

Sócrates

E o que não recebe o justo, ou não recebe o harmônico?

Cebes

Desarmônico, ou injusto.

Sócrates

Muito bem. E o que não recebe a morte, como denominaremos?

Cebes

Imortal.

Sócrates

Ora, a alma não recebe a morte.

Cebes

Não.

Sócrates

A alma é, pois, imortal?

Cebes

Imortal. (págs. 321-322)

Símias declara que ainda alimenta “algumas dúvidas com respeito ao que foi explanado”. Sócrates diz a ele que a continuação da explicação irá retirar as dúvidas e propõe outro tema:

PROF. MONIR: É porque ele não tem muito mais tempo de ficar discutindo o assunto com a dupla. Sócrates está prestes a morrer. Ele não tem mais paciência de argumentar e contra-argumentar.

ALUNO: *Ele está louco para morrer, não é?*
PROF. MONIR: E os outros ficam com esta conversa de tecelão, e não sei o quê. Não é possível!

ALUNOS: *(Risos.)*

“Se a alma for imortal, exigirá cuidados da nossa parte não apenas nesta porção de tempo que denominamos vida, senão o tempo todo em universal, parecendo que se expõe a um grande perigo quem não atender a este aspecto da questão”.

Sócrates

Porém devemos, senhores, considerar também o seguinte: se a alma for imortal, exigirá cuidados de nossa parte não apenas nesta porção do tempo que denominamos vida, senão o tempo todo em universal, parecendo que se expõe a um grande perigo quem não atender a esse aspecto da questão. Pois se a morte fosse o fim de tudo, que imensa vantagem não seria para os desonestos, com a morte livrarem-se do corpo e da ruindade muito própria juntamente com a alma? Agora, porém, que se nos revelou imortal, não resta à alma possiblidade, se não for tornar-se, quanto possível, melhor e mais sensata. Ao chegar a alma ao Hades, nada mais leva consigo a não ser a instrução e a educação, justamente, ao que se diz, o que mais favorece ou prejudica o morto desde o início de sua viagem para lá. O que contam é o seguinte: ao morrer alguém, o demônio que em vida lhe tocou por sorte se encarrega de levá-lo a um lugar em que se reúnem os mortos para serem julgados e de onde são conduzidos para o Hades com guias incumbidos de indicar-lhes o caminho. Depois de terem o destino merecido e de lá permanecerem

> o tempo indispensável, outro guia os traz de volta, após numerosos e longos períodos de tempo. Esse caminho não é o que diz Télefo, de Ésquilo, ao afirmar que o caminho do Hades é simples; a meu ver nem é simples nem único. Se fosse o caso, seria dispensável guia, pois ninguém se perde onde a estrada é uma só. O que parece é que ele é cheio de voltas e bifurcações. (pág. 325)

PROF. MONIR: *Télefo* é uma obra de Ésquilo que não sobreviveu, não veio para a modernidade. Então, nós vamos fazer mais um pulinho. Mas para esse novo pulinho, tenho um resumo que trouxe pra vocês, chamado "Esquema Platônico nº 2". Olhem, por favor, nos materiais que vocês receberam. Aí vocês têm o resumo do que está aqui, isso que está no esquema platônico.

# Esquema Platônico nº 2

Destino das Almas Após a Morte (Segundo o Fédon)

**1**

**Incuráveis**

Cometeram faltas inaceitáveis.

("roubos de templos, repetidos e graves, homicídios iníquos e contra a lei"). Lançadas para sempre no Tártaro.

**2**

**Curáveis**

Cometeram crimes graves. ("violência contra pai e mãe e homicídios") num momento de cólera e se arrependeram.

Lançadas no Tártaro e depois de um ano atiradas no rio Cocito (homicidas) e no rio Piriflegetonte (violentos contra pai e mãe), de onde podem passar para o lago Aquerúsia, se perdoadas por suas vítimas.

**3**

**Medianas**

Cometeram faltas sanáveis.

Transportadas pelo rio Aqueronte, passam a residir no lago Aquerúsia onde se purificam pelo tempo "marcado pelo destino" e renascem como animais (e até como seres humanos, caso das melhores).

Destino da Maioria das Almas

**4**

**De vida bela e santa**

Atravessaram a vida com pureza e moderação.

Vivem na terra, mas as purificadas pela filosofia são instaladas em lugares boníssimos.

Fontes: Nunes, Carlos Alberto. Marginalia Platônica. Belém: Editora Universitária de UFPA, 1973. Platão. Fedão. Belém: Editora Universitária de UFPA, 2002.

"Os destinos possíveis das almas após a morte." O que virá em seguida nas próximas 50 ou 60 linhas é o que está aqui resumido para vocês.

Diz Sócrates que o primeiro tipo de alma que vai para o Hades são as almas incuráveis. Quem são elas? Aquelas que cometeram faltas inaceitáveis (como roubos em templos, repetidos e graves, homicídios iníquos e contra a lei). Essas aí são lançadas para sempre no Tártaro. O Tártaro é a parte mais funda do inferno, onde estão os pecados, grandes castigos e o lugar mais desagradável.

O segundo tipo de alma são as almas curáveis. O que são as almas curáveis? Aquelas que cometeram crimes graves (violência contra pai e mãe e homicídios) num momento de cólera e se arrependeram, ou seja, aquelas que foram motivadas por uma emoção forte. Essas aí são lançadas no Tártaro e depois de um ano atiradas no rio Cocito – os homicidas – e no rio Piriflegetonte (*Piriflegetonte* é *rio fervente*. *Piri* vem de *fogo* – como em piromaníaco) os violentos contra pai e mãe. De onde podem passar para o lago Aquerúsia, se perdoadas por suas vítimas. Este lago Aquerúsia é mais ou menos o equivalente ao que nós chamaríamos no cristianismo de purgatório.

Depois as almas medianas que cometeram faltas sanáveis, faltas menores. São transportadas pelo rio Aqueronte, passam a residir no lago Aquerúsia onde se purificam pelo tempo "marcado pelo destino" e renascem como animais (e até como seres humanos, caso das melhores). É o destino da maioria das almas.

Por último, aquelas que tiveram uma vida bela e santa e que atravessaram a vida com pureza e moderação vivem na terra, mas as purificadas pela filosofia são instaladas em lugares boníssimos, os campos Elísios (*champs Élysées*), um pedaço do inferno, e na ilha dos Bem-Aventurados – digamos assim, o jardim Los Angeles do Hades, o Champagnat do Hades.

É isso que fala Platão em seguida, contando para vocês esta história que vamos pular para irmos direto ao final do diálogo, porque é lá que devíamos estar a esta altura. Então vamos para a página 24, pessoal: *"Sócrates descreve o itinerário da alma..."*

Sócrates descreve o itinerário da alma depois da morte, descrevendo os mundos subterrâneos do Hades, o complexo de águas e os diversos destinos das almas[14]. Terminada a exposição, Sócrates retorna o tema da sua morte:

> SÓCRATES
>
> Afirmar, de modo positivo, que tudo seja como acabei de expor, não é próprio de homem sensato;

PROF. MONIR: Olha que maravilha! "Dizer que isso tudo que eu acabei de dizer para vocês (todo este 'Esquema Platônico nº 2') é assim mesmo, eu não

14 Nota do resumidor – Ver Esquema Platônico no. 2.

posso afirmar, porque nunca estive lá para ver." Compreenderam? Ele precisa da hipótese da reencarnação, precisa de um Hades, mas não sabe muito bem o que é isso. Porque no fundo, no fundo, ele tem que apenas pensar mitologicamente. Na filosofia platônica, volta e meia Platão para de explicar alguma coisa e conta um mito, como acontece no *Fedro*, por exemplo, como acontece aqui, como acontece no *Banquete*, etc. Ele contou esse mito porque quer que nós compreendamos alguma coisa indiretamente por isso, mas não está afiançando que é desse jeito mesmo como ele está dizendo que é. Muito bem! Olhem só o que ele vai dizer.

SÓCRATES

mas que deve ser assim mesmo ou quase assim no que diz respeito a nossas almas e suas moradas, sendo a alma imortal como se nos revelou, é proposição que me parece digna de fé e muito própria para recompensar-nos do risco em que incorremos por aceitá-la como tal. É um belo risco, eis o que precisamos dizer a nós mesmos, à guisa de fórmula de encantamento. Essa é a razão de me ter alongado neste mito. Confiado nele é que pode tranquilizar-se com relação a sua alma o homem que passou a vida sem dar o menor apreço aos prazeres do corpo e aos cuidados especiais que este requer, por considerá-los estranhos a si mesmo e capazes de produzir, justamente, o efeito oposto. Todo entregue aos deleites da instrução, com os quais adornava a alma, não como se o fizesse com algo estranho a ela, porém como joias da

mais feliz indicação: temperança, justiça, coragem, nobreza e verdade, espera o momento de partir para o Hades quando o destino o convocar. Vós também, Símias e Cebes, acrescentou, e todos os outros, tereis de fazer mais tarde essa viagem, cada um no seu tempo. A mim, porém, para falar como herói trágico, agora mesmo chama-me o destino. Mas está quase na hora de tomar o banho. Acho melhor fazer isso antes de beber o veneno, para não dar às mulheres o trabalho de lavar o cadáver.

Critão

Está bem, Sócrates; porém que determinações me deixas ou a estes aqui, a respeito de teus filhos, ou o que mais poderemos fazer por amor de ti, que nos fora grato executar?

Sócrates

O que sempre vos digo, Critão, foi a sua resposta; nada tenho a acrescentar; se cuidardes de vós mesmos, tudo o que fizerdes será tanto por amor de mim e dos meus como de todos, ainda mesmo que nada me tivésseis prometido neste momento. Porém no caso de vos descuidardes de vós mesmos e de não orientardes a vida como que no rastro do que vos disse agora e no passado, por mais numerosos e solenes que fossem vossos juramentos neste instante, não avançareis um único passo.

Critão

Quanto a isso, esforçar-nos-emos para viver dessa maneira. Mas, como devemos sepultar-te?

Sócrates

Como quiserdes, disse; basta que me segureis de verdade e que eu não vos escape.

Depois, sorriu de mansinho e disse, olhando para o nosso lado:

Sócrates

Não consigo, senhores, convencer Critão de que eu sou o Sócrates que neste momento conversa com ele e comenta seus argumentos; toma-me por quem ele irá ver morto dentro de pouco. Por isso pergunta como deverá sepultar-me. Quanto ao que vos tenho dito tantas vezes, que depois de beber o veneno não ficarei convosco mas irei compartilhar da dita dos bem-aventurados, ele acha que eu só faço assim para tranquilizar-vos e a mim também. Servi-me, pois, de fiador junto de Critão, porém que seja essa fiança o oposto da que ele prestou perante os juízes. Empenhou, então, a palavra em como eu ficaria; por vossa vez, afirmai-lhe que não ficarei depois de morto, porém sairei daqui e partirei, para que ele se mostre mais paciente e não se aflija tanto por minha

causa, quando vir queimarem ou enterrarem meu corpo, no pressuposto de que eu esteja sofrendo enormemente, nem diga nos meus funerais que expõe Sócrates, ou o carrega, ou o sepulta. Fica sabendo, meu admirável Critão, que a imprecisão da linguagem, além de ser um defeito em si mesma, produz mal às almas. Importa criares coragem e dizer que é meu corpo que vais enterrar; depois sepulta-o como te aprouver e como te parecer mais de acordo com as leis.

Tendo acabado de falar, levantou-se e foi para o outro compartimento, a fim de banhar-se. Critão o acompanhou; a nós mandou que esperássemos. Ali ficamos, então, a conversar e comentar tudo o que ele dissera e a discorrer sobre o nosso grande infortúnio. Sentíamos, em verdade, como quem houvesse perdido o pai e tivesse de ficar órfão para o resto da vida. Depois de tomar banho, trouxeram-lhe os filhos – dois ainda eram pequenos; o outro, mais crescido. Chegaram também as mulheres de casa, com as quais ele conversou na frente de Critão, e depois de lhes haver feito certas recomendações, pediu que retirassem dali as mulheres e os meninos e veio para o nosso lado. O sol já estava quase a desaparecer, pois Sócrates havia ficado lá dentro bastante tempo. Ao vir do banho, sentou-se, porém não conversou muito.

Achegou-se-lhe o comissário dos Onze, que lhe disse:

COMISSÁRIO

Sócrates, de ti não terei de queixar-me como dos outros, que se zangam comigo e rompem em palavras e pragas, quando os convido a tomar o veneno por determinação superior. No teu caso, pelo contrário, durante todo este tempo e em várias outras oportunidades, pude reconhecer em ti o homem mais nobre, mais delicado e melhor de quantos para aqui têm vindo. Hoje, especialmente, tenho certeza de que não te zangarás comigo, pois sabes muito bem que é dos outros a culpa. E agora, já que ficaste ciente do que vim anunciar-te: adeus; suporta o inevitável da melhor maneira possível.

E, desatando a chorar, deu as costas e retirou-se. Sócrates olhou para ele e disse:

SÓCRATES

Adeus, também para ti; faremos isso mesmo.

Depois, voltando-se para o nosso lado:

SÓCRATES

Que homem delicado! Durante todo este tempo, vinha sempre ver-me e várias vezes conversou

comigo. Excelente criatura. Agora mesmo, quanta generosidade revela com esse choro por minha causa! Porém vamos, Critão; obedeçamos-lhe; tragam logo o veneno, se estiver pronto; senão, cuide de prepará-lo o encarregado disso.

Critão

O que eu acho, Sócrates, é que o sol ainda está por cima das montanhas; não baixou de todo. Sei também que muitos tomaram o veneno bem depois da intimação e de comerem e beberem à farta; sim, alguns até mesmo depois de relações amorosas com quem lhes apetecesse. Não te apresses; temos tempo.

Sócrates

É natural, Critão, que esses tais procedessem conforme disseste, por imaginarem que disso lhes adviria alguma vantagem. Mas é também natural não proceder eu dessa maneira, pois não vejo o que possa vir a lucrar em beber o veneno um pouco mais tarde, se não for tornar-me ridículo a meus próprios olhos, por agarrar-me dessa maneira à vida e tentar economizar o que já não existe. Vamos, obedece-me e só faças o que eu digo.

Ouvindo-o, Critão fez sinal ao menino que se encontrava mais perto. Este saiu e voltou pouco

depois em companhia do encarregado de lhe dar o veneno, que já o trazia espremido na taça. Ao ver o homem, Sócrates perguntou-lhe:

SÓCRATES

E agora, meu caro: já que entendes destas coisas, que precisarei fazer?

ENCARREGADO DO VENENO

Nada mais, respondeu, do que andar depois de beber, até sentires peso nas pernas, e em seguida deitar-te. Assim o veneno atuará.

Depois dessas palavras, estendeu a Sócrates a taça, que a tomou das mãos dele com toda a tranquilidade, sem o menor tremor nem alteração da cor ou das feições. Mirando por baixo o homem, com aquele seu olhar de touro, perguntou-lhe:

SÓCRATES

Que me dizes? E se eu fizesse uma libação com um pouquinho disto aqui? É permitido ou não?

ENCARREGADO DO VENENO

Só preparamos, Sócrates, a quantidade que nos parece suficiente.

Sócrates

Compreendo. Mas, pelo menos é permitido, e até um dever, pedir aos deuses que façam feliz a passagem deste mundo para o outro. É o que peço. Prouvera que me atendam!

Depois de assim falar, levou a taça aos lábios e com toda a naturalidade, sem vacilar um nada, bebeu até a última gota. Até esse momento, quase todos tínhamos conseguido reter as lágrimas; porém quando o vimos beber e que havia bebido tudo, ninguém mais aguentou. Eu também não me contive: chorei à lágrima viva. Cobrindo a cabeça, lastimei o meu infortúnio; sim, não era sua desgraça que eu chorava, mas a minha própria sorte, por ver de que espécie de amigo me veria privado. Critão levantou-se antes de mim, por não poder reter as lágrimas. Apolodoro, que desde o começo não havia parado de chorar, pôs-se a urrar, comovendo seu pranto e lamentações até o íntimo todos os presentes, com exceção do próprio Sócrates.

Sócrates

Que é isso, gente incompreensível? Mandei sair as mulheres, para evitar esses exageros. Sempre soube que só se deve morrer com palavras de bom agouro. Acalmai-vos! Sede homens!

Ouvindo-o falar dessa maneira, sentimo-nos envergonhados e paramos de chorar. E ele, sem deixar de andar, ao sentir as pernas pesadas, deitou-se de costas, como recomendara o homem do veneno. Este, a intervalos, apalpava-lhe os pés e as pernas. Depois, apertando com mais força os pés, perguntou se sentia alguma coisa. Respondeu que não. De seguida, sem deixar de comprimir-lhe a perna, do artelho para cima, mostrou-nos que começava a ficar frio e a enrijecer. Apalpando-o mais uma vez, declarou-nos que no momento em que aquilo chegasse ao coração, ele partiria. Já se lhe tinha esfriado quase todo o baixo-ventre, quando, descobrindo o rosto – pois o havia tapado antes – disse, e foram suas últimas palavras:

SÓCRATES

Critão; vê se queres dizer mais alguma coisa.

A essa pergunta, já não respondeu. Decorrido mais algum tempo, deu um estremeção. O homem o descobriu; tinha o olhar parado. Percebendo isso, Critão fechou-lhe os olhos e a boca.

Tal foi o fim do nosso amigo, Equécrates, do homem, podemos afirmá-lo, que, entre todos os que nos foi dado a conhecer, era o melhor e também o mais sábio e mais justo.

PROF. MONIR: Pois é. Foi Sócrates, então, que morreu neste dia descrito no *Fédon*. Esse conjunto de julgamento e morte de Sócrates é um dos mais extraordinários eventos da história da humanidade. Ele é, em primeiro lugar, um evento real, isso tudo aqui aconteceu. É muito provável que boa parte do que foi descrito aqui tenha sido assim mesmo nesta parte final. Porque Sócrates estava numa posição absolutamente impossível. Há tantas e tantas coisas aqui dentro que dá para a gente ficar o resto da noite conversando sobre esta história. Mas vocês compreenderão que não é possível. Então, vamos tentando encontrar aqui alguma coisa de fechamento, para que a gente possa sair daqui com a maior dimensão possível do que aconteceu.

Sócrates é um sujeito que é acusado de estar contrário aos deuses da cidade, e de ter uma opinião diferente da opinião da cidade. O problema de Sócrates é que esta situação que ele vive é completamente insanável, não há nenhuma maneira de impedi-la. Porque o ser humano vive entre as suas diversas características tensionais, e não há nada que o caracterize melhor do que um estado tensional permanente. Essa tensão extraordinária é o fato de que nós somos indivíduos, portanto múltiplos e, ao mesmo tempo, unos. Somos alguma coisa resumida, pertencemos a uma mesma coisa. Somos indivíduos separados, com CPFs distintos, moramos em casas diferentes e, no entanto, somos todos seres humanos, temos uma humanidade que nos unifica.

O problema dessa ambiguidade é que ela não é simétrica. O que quero dizer com isso é o seguinte: se agora viesse um marciano e resolvesse sequestrar, raptar, abduzir alguém daqui para entender como é o ser humano fisicamente, qualquer pessoa que ele pegasse teria toda a potência de mostrar como é o ser humano – o ser humano que existe hoje, o ser humano

que existirá daqui a 5 milhões de anos e o que existiu há 3 milhões, se é que havia nessa altura. Qualquer indivíduo tem uma autonomia existencial tamanha e é tão representativo que poderia servir de modelo para toda a espécie.

Quando digo que não há uma simetria, quero dizer que há um problema insolúvel, que é o fato de que se esse marciano quisesse estudar uma cidade para entender as sociedades humanas, ele não poderia pegar Curitiba em 2010 porque Curitiba de 2010 não representa nenhuma outra cidade do mundo. Tampouco nessa época, quanto na época vindoura, quanto na época passada. Se um ser humano tem uma existência suficientemente autônoma e representativa para representar todos os seres humanos, as sociedades humanas são completamente particulares.

No entanto, o problema que Sócrates tem de resolver, e que era insolúvel desde o início, é o fato de que ele não consegue deixar de ter estas duas conotações ao mesmo tempo, ele continua sendo alguém que é Sócrates e que tem uma consciência pessoal. E essa consciência pessoal diz para ele que ele deve fazer conforme a consciência manda, e fazer conforme a consciência manda é manter a sua opinião, os seus desejos e o seu plano. Ao mesmo tempo, ele vive numa sociedade que tem a sua opinião também, que está em conflito com a dele. Sociedade essa que, de alguma maneira, é muito mais particular que a própria pessoa de Sócrates.

Ou seja, Sócrates não consegue resolver a tensão insolúvel entre o fato de que somos ao mesmo tempo indivíduos e coletivos. Porque nunca sabemos quanto da nossa vida deve-se a cada uma dessas duas fontes. Por exemplo, a língua que falamos nos foi entregue pela coletividade, nós não inventamos

a língua. Isso já seria em si próprio exemplo extraordinário da importância do coletivo sobre o individual.

Como Sócrates não quer abrir mão da sua própria consciência e fazer o que o tribunal de Atenas teria exigido dele, é obrigado a aceitar as consequências desse fato. E ao aceitar as consequências do fato de que ele não abre mão da sua própria opinião e ao mesmo tempo ao respeitar a opinião de todo mundo, Sócrates torna-se a vítima sacrificial por excelência. O que havia de fato naquele contexto da Tirania dos 30? A necessidade de punir alguém de fato para que se reduzisse aquela tensão que estaria produzindo a rebelião potencial da sociedade.

Quem é que você pega para a vítima sacrificial? Sempre aquele que for mais frágil, aquele mais fraco. Você pega o cordeiro, o carneiro. A ideia do sacrifício de animais é sempre de um animalzinho que não consegue se defender. Você não pode pegar o Ânito, porque ele tem amigos poderosíssimos e vai retaliar, vai produzir uma rebelião. Você não pode pegar o Alcebíades, porque o Alcebíades é de briga. Quem você pega? Aquele velhinho. Como você pode imaginar que um velhinho desses foi condenado à morte? Um velhinho que era herói de guerra, que passou a vida inteira lidando com assuntos públicos, que não tinha nada, um sujeito que tinha uma respeitabilidade enorme, que havia salvado a vida de várias pessoas. Como é que se explica uma coisa dessas? Alguém tinha que pagar por aquela tensão da Tirania dos 30. E esse alguém é Sócrates. Mas na hora em que ele paga com a vida, ele faz alguma espécie de paixão, equivalente ao que ocorreria com Jesus Cristo numa dimensão muito maior.

Jesus Cristo também é um sujeito que não tem defesa. Ninguém é amigo de Jesus Cristo. Os judeus não o querem, os romanos são indiferentes. Quem é amigo de Jesus Cristo? Aqueles 12 patetas, chamados apóstolos, que ainda eram 12 patetas naquela época. Ele não tem nenhum amigo, nenhum poder de retaliação, não é de família rica e poderosa. Pois, se a morte de Jesus Cristo significa a fundação do cristianismo, a morte de Sócrates significa a fundação da filosofia. Passados 2.399 anos, todo o sujeito que se pergunta por que é que ele tem o direito de fazer a pergunta que quiser ao mundo, por que ele tem o direito de pensar o que bem entender do mundo, deveria lembrar-se de Sócrates automaticamente, porque se Sócrates se tivesse deixado engolir pelo sistema...

Quando eu era menino, lá no Colégio Paranaense, onde eu estudava, havia um outro colega que dizia: "Ah, esse negócio de que Jesus Cristo é Deus é uma besteira, porque se Jesus Cristo fosse Deus de verdade, ele desceria daquela cruz e encheria todo mundo de bolacha". Bom, se Jesus Cristo tivesse feito isso, não haveria cristianismo. Não teria funcionado, pois só funciona se houver de fato o sacrifício. A mesma coisa acontece com Sócrates. Se Sócrates não tivesse se rendido, se tivesse, por exemplo, afirmado ao tribunal que ele não faria mais o que fizera até então, que ele iria exilar-se em algum lugar muito distante, como a Mantineia, que iria sair do circuito, seguramente ninguém teria sacrificado aquela pessoa especial, porque afinal foi muita covardia o que fizeram com Sócrates. Mas ele sabia que a manutenção da sua opinião, a fidelidade à sua própria consciência iriam compensar o sacrifício da sua própria vida. E é por isso que a morte de Sócrates, essa que vocês viram aqui descrita com detalhes hoje, é o ato fundador da própria filosofia. É um dos atos mais importantes da história da humanidade.

Platão queria nos dizer isso. Mas ele queria, sobretudo, nos contar sobre a teoria das ideias, a teoria das formas, e nos contou muitíssimo bem. Não há nenhum outro diálogo platônico em que ele tenha ido tão a fundo na descrição da teoria das formas como nesse aqui. Portanto, é a referência mais íntegra de todas. Sugiro muitíssimo que vocês leiam essa obra inteira. Porque o resumo que é feito aqui não consegue obviamente dar a dimensão verdadeira do conteúdo da obra.

Seja como for, há inúmeras e inúmeras preciosidades dentro desta nossa leitura de hoje. Compreendemos aí todo o processo socrático, compreendemos qual era o sentido da existência de Sócrates. O quanto até hoje ainda é imprescindível que se faça a recuperação da identidade entre o *logos* e a *coisa*. Porque o que só se ouve é mentira. A mentira domina completamente o mundo. A mentira é sistemática e universal.

E é preciso entender aí o que Platão entende por verdadeira compreensão do mundo. Platão quer sair do mundo sensível e ir para o mundo inteligível, demostrando que é no mundo inteligível que há alguma coisa a aprender de verdade. O mundo sensível só se entende na medida em que ele participa de alguma coisa que está acima. Só é compreensível na medida em que está relacionado com o mundo inteligível, que é o mundo da essência. Afinal de contas, disso tudo nasce uma definição de filosofia extraordinária, sobretudo por ser muito simples, que é a seguinte: Filosofia é a capacidade que alguém tem de olhar e ver o que é. Não há outra definição de filosofia.

Filosofia é a capacidade de olhar e ver o que é. Todo o mundo que tem esta capacidade, tem capacidade filosófica. O que não quer dizer que todo o mundo possa ser filósofo. Porque para ser filósofo é muito difícil. Os filósofos precisam ter um sistema de referências muito complicado e complexo. Há

pouquíssimos filósofos de verdade. No entanto, raciocinar filosoficamente, comportar-se filosoficamente, é uma coisa que qualquer pessoa pode fazer. E de tudo isso nasce, finalmente, a maior lição de todas. Que é inconcebível, para um filósofo como Sócrates, ter uma vida de um jeito e ter um discurso de outro. Não dá.

Estamos acostumados com a filosofia de academia, com a filosofia de escola... O sujeito que dá aula de filosofia em um curso superior tem uma vida absolutamente desvinculada disso. Tem uma vida comum. Está preocupado em saber se o Corinthians vai ganhar. Está preocupado em saber se vai conseguir pagar a prestação do automóvel. Está querendo saber se vão dar aquele aumento, está louco para que deem aquele aumento. Ele está interessado em saber se amanhã vai chover ou não. Mas a vida de um sujeito assim não coincide com a vida do filósofo. Ele passa o dia inteiro falando de ideias filosóficas, mas a vida dele é desvinculada disso. Como é o caso de um professor de geografia: o fato de que você ensina como são os afluentes do Rio Amazonas não modifica nem um pouco a sua vida prática.

Mas Sócrates mostra neste diálogo de hoje que não é possível para um filósofo ter uma existência desvinculada da sua consciência. Ele não pode ser assim, porque assim ele seria apenas um falastrão em filosofia, um filosofante, um sujeito falando de coisas filosóficas. Mas a existência de Sócrates se consome justamente neste processo de paixão. Porque aqui há de fato uma paixão, no mesmo sentido que há paixão na morte de Jesus Cristo. Estou comparando com muito cuidado, porque há uma grande distensão de tamanhos. Mas aqui há também uma paixão como aquela de Jesus Cristo. A paixão equivale aqui a uma morte, quer dizer, ela é uma morte ritual, que faz aquela vida fazer sentido.

Não é possível para o verdadeiro filósofo nada a não ser isso. Portanto, não é uma vida para qualquer um. É uma vida para pessoas especialíssimas. Porque é uma vida em que não se pode separar aquilo que se pensa daquilo que se é. Não é, portanto, uma vida de falar de coisas de filosofia. É uma vida de viver uma existência coesa. E essa possibilidade não é dada a todo mundo. Por isso é muito difícil achar alguém assim.

Sócrates é uma espécie de presente que o destino deu à humanidade. Há poucas pessoas tão importantes assim na formatação da nossa vida moderna. Se nós hoje em dia achamos que pode dizer o que bem entendemos, isso só é possível porque um sujeito há 2.399 anos tomou um cálice de cicuta - do jeito que vocês observaram aí na narração maravilhosa de Platão.

Se depender da minha opinião, vocês deviam ler todos os livros de Platão. É claro que eu sei que este é um projeto um pouco complicado, mas seja como for, aí é que está o que há de melhor dentro dessa criação humana chamada filosofia.

Federação das Indústrias do Estado do Paraná – FIEP | Presidente

**Edson Campagnolo**

Serviço Social da Indústria Paraná – SESI | Superintendente do Sesi Paraná

**José Antônio Fares**

Gerência de Projetos de Articulação Estratégica e Inovação Social

**Maria Cristhina de Souza Rocha | Daniele Farfus**

Gerência de Cultura | **Anna Paula Zétola |** Janaína Adão | Eliane Hoepers

Normalização | **Pandita Marchioro**

Núcleo de Educação a Distancia - NUEAD | **Raphael Hardy Fioravanti**

Revisão Ortográfica | **Helena Sztoztak Prestes**

Serviços Terceirizados

Conteudista | **José Monir Nasser**[1] (in memorian)

Revisão de transcrição | **Patrícia Nasser**[2]

Revisão Literária | **Paulo Briguet**[3]

Capa | Diagramação | **Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima**[4]

Ilustração capa | **José Monir Nasser**

---

1 Mentor e ministrante do projeto do SESI PR, Expedições pelo Mundo da Cultura, realizado nos anos de 2006 a 2011, homenageado nesta publicação (in memorian). Em 2013, o SESI PR adquiriu os direitos autorais das transcrições dos encontros do projeto que foram gravados em arquivos de áudio.

2 Terceira contratada, por meio da empresa Tríade Cultural, para realizar o serviço de transcrição dos encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, cujo ministrante foi José Monir Nasser.

3 Terceiro contratado, por meio da empresa Briguet Serviços de Comunicação LTDA – ME, para executar o serviço de revisão literária do conteúdo das transcrições dos dez encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, do SESI PR, que foram publicadas nesta coletânea.

4 Terceira contratada, por meio da empresa Maria Cristina Pacheco ME, para o serviço de diagramação desta publicação.